

Afonso de Castro

Carisma para educar e conquistar

Espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana




editora
salesiana

A educação é um dos temas mais desafiadores neste início de século. *Carisma para educar e conquistar*, de Afonso de Castro, é uma contribuição a esse debate. O objetivo do autor é claro: estabelecer um diálogo fecundo entre, de um lado, o sistema educativo e a espiritualidade de Dom Bosco e, de outro, a cultura hodierna.

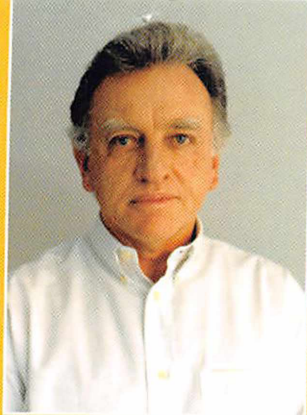
Dom Bosco viveu no século 19, na Itália. Sua experiência pedagógica e espiritual, no entanto, atravessam os limites de espaço e de tempo.

Seu projeto educativo não é apenas uma técnica eficiente para lidar com jovens, mas um jeito, um modo de ser e de viver, uma espiritualidade.

Os textos são fruto da experiência do autor. No diálogo com professores de escolas e faculdades e com grupos da Família Salesiana, buscou uma conversa franca e aberta entre as tendências atuais, que afetam diretamente as relações educativas, e a herança de Dom Bosco.

O valor da obra, sem dúvida, está no esforço, bem-sucedido, de reler o carisma salesiano e de buscar uma nova linguagem, sensível aos problemas modernos: globalização, advento dos meios de comunicação social, novas tecnologias...

Para o autor e para a Editora Salesiana, será uma alegria muito grande saber, um dia, que estas reflexões puderam ajudar algum educador a se entusiasmar ainda mais na sua prática pedagógica, motivado pelo exemplo sempre atual de Dom Bosco.



Afonso de Castro é graduado em Filosofia, Teologia e Pedagogia, e doutor em Letras pela Universidade do Estado de São Paulo, Unesp, de Assis (SP). Sacerdote salesiano desde 1970, atuou em vários colégios da Missão Salesiana do Mato Grosso, como o Santa Tereza, de Corumbá (MT), e o Dom Bosco, de Campo Grande (MS), além de universidades. Foi professor nos cursos de Filosofia e Letras, diretor de faculdade e pró-reitor acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, em Campo Grande. Um dos seus trabalhos mais importantes tem sido o resgate do carisma salesiano e a releitura do sistema educativo de Dom Bosco para hoje. Por isso, está em constante diálogo com as ciências e com as novas tecnologias. Em suas conferências, trata de temas como espiritualidade, espiritualidade salesiana, inteligência emocional e Sistema Preventivo, bem como do pensamento do filósofo Gaston Bachelard. É autor de várias obras, entre elas *Releitura do Sistema Preventivo*, *Caminhos pedagógicos e Missão institucional e espiritualidade salesiana*. Atualmente, é diretor das Faculdades Salesianas de Lins e inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso.



O início do século 21 desafia a educação. A globalização, os meios de comunicação social e o advento da ecologia, para citar alguns dos desafios, são fenômenos que mexem com a vida de todos nós. Tudo se integra e se amplia em uma verdadeira teia de relações.

Carisma para educar e conquistar dialoga com essa realidade, trazendo uma contribuição original: o sistema educativo de Dom Bosco. Nele, palavras como prazer, alegria e sensibilidade não compõem simplesmente um conjunto de técnicas a ser desenvolvidas pelos educadores. É mais que isso, é uma espiritualidade, um jeito de ser, um modo de educar para a vida.

Para Afonso de Castro, sacerdote salesiano, a presença educativa, a bondade, o carinho, o afeto – resumidos por Dom Bosco na palavra *amorevolezza* – devem constituir elementos fundamentais, verdadeiros pilares da educação contemporânea.

Este é um livro para educadores, professores, pais, enfim todos que levam a sério a educação. Afinal, como diz o santo educador dos adolescentes e jovens, “a educação é coisa do coração”.

ISBN 85-7547-023-X



9 788575 470237


editora
salesiana

Afonso de Castro

Carisma para educar e conquistar

Espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana



São Paulo, 2002

2002 © Afonso de Castro

Direção geral: Dalcides Biscalquin
Direção administrativa: Narciso Ferreira
Direção editorial: Geraldo Lopes
Coordenação editorial: Dimas Antônio Künsch
Supervisão editorial: Gilmar Corazza
Edição de texto: João Luis Fedel Gonçalves
Revisão: Cristina Kapor
Secretaria editorial: Anizia Carvalho
Projeto gráfico: Alexandre Alves
Capa: Arte Brasil
Ilustrações: Alarico Gattia (*História de Dom Bosco*, vol. 2 e 3)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castro, Afonso de, 1942 –
Carisma para educar e conquistar :
espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana /
Afonso de Castro. – São Paulo : Editora Salesiana, 2002.

Bibliografia.

1. Espiritualidade 2. Salesianos – Educação
I. Título.

02-2457

CDD – 371.071

Índices para catálogo sistemático:

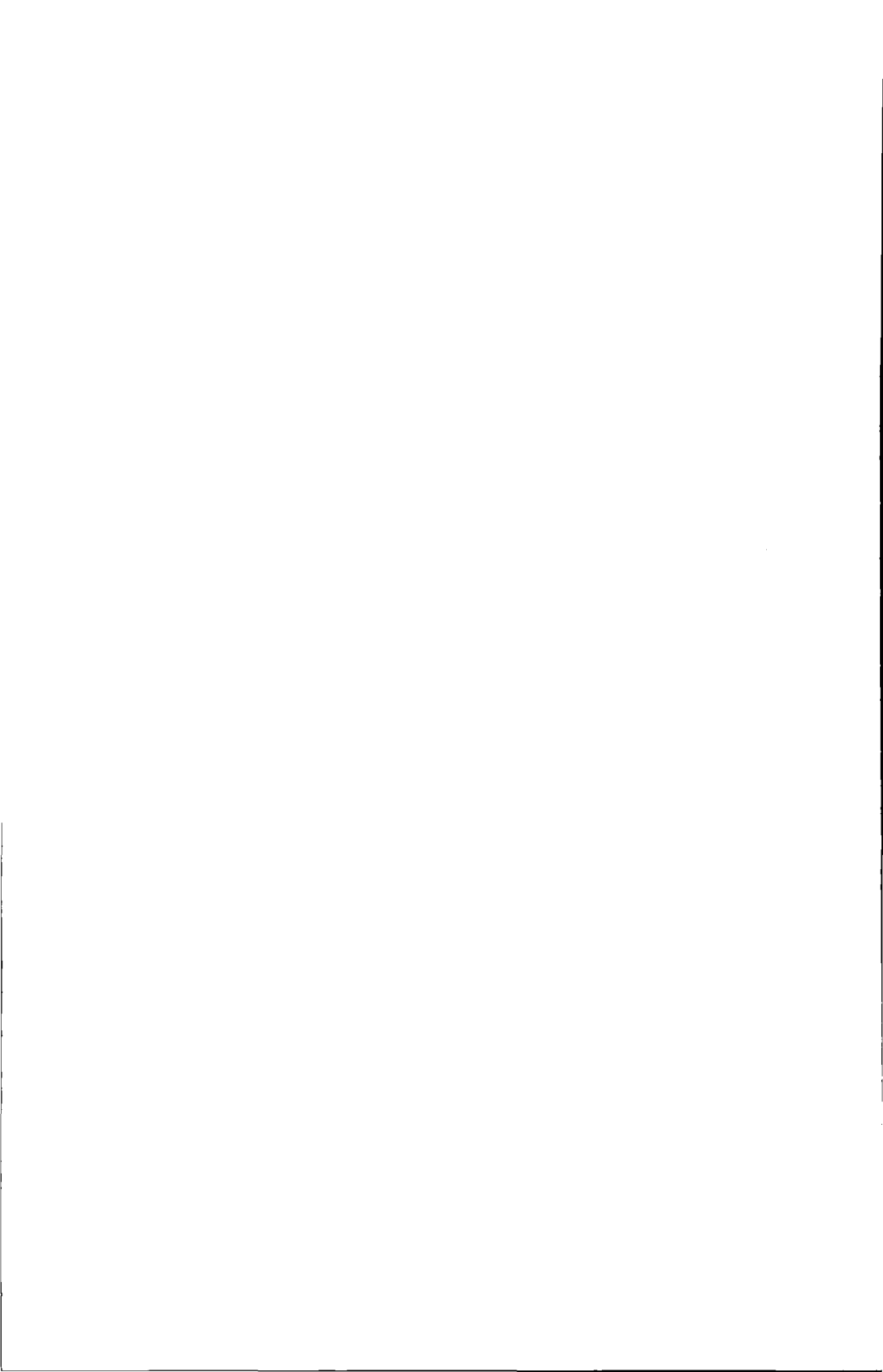
1. Educação salesiana 371.071
2. Sistema preventivo : salesianos : Educação 371.071

Todos os direitos reservados

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 – Mooca
03105-020 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3277-3211
Fax: (11) 3271-5637 / 3209-4084
vendas@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

Carisma para educar e conquistar

Espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana



Sumário

Apresentação	9
I. Espiritualidade e espiritualidade salesiana	11
1. Espiritualidade hoje	11
2. Considerações sobre a antropologia necessária para uma vivência espiritual em profundidade	16
3. Definição de espiritualidade	22
4. Fontes da espiritualidade salesiana	23
5. Vivência de Dom Bosco	24
6. Dos escritos de Dom Bosco	32
7. Vivência de Dom Bosco	35
8. Espiritualidade de São Francisco de Sales	38
9. Dom Bosco e Francisco de Sales	40
II. Educação e sensibilidade	41
Introdução	41
1. Modalidades da sensibilidade hoje	43
2. Sensibilidade na pedagogia salesiana	49
Conclusão	51
III. Alegria, desejo e prazer na educação salesiana	53
Introdução	53
1. Alegria: a mais bela expressão da educação salesiana	55
1.1 <i>Alegria como expressão da vitalidade de Dom Bosco</i>	57
1.2 <i>Alegria como resultado do empenho pessoal, como desenvolvimento das próprias potencialidades</i>	58
1.3 <i>Alegria como expressão da presença de Deus na casa salesiana</i>	61

2. Desejo: força e projetualidade	65
2.1 <i>Vida saudável como possibilidade de compromisso e empenho</i>	68
2.2 <i>Projeto de cada um como expressão de sua interioridade</i>	71
2.3 <i>Ativação do desejo: festas, alegrias intensas, sonhos</i>	75
3. Prazer: vitalidade manifesta em educação	79
3.1 <i>Conceituação de prazer hoje</i>	81
3.2 <i>Vida movida por impulsos que geram prazer</i>	89
3.3 <i>Prazer mais alto: convivência da alma com Deus, fonte de todo e indizível prazer</i>	93

IV. Carisma salesiano e pós-modernidade 103

Introdução	103
1. Globalização	104
2. Princípios e paradigmas novos	105
3. Proposta da Família Salesiana	106
Conclusão	109

V. Espírito salesiano na pós-modernidade 111

Introdução	111
1. Violência e subjetividade	113
2. Modelos que determinam a vivência dos jovens	115
3. Rituais da família	117
4. Sistema Preventivo e educação hoje	118
4.1 <i>Família: fonte de referência de valores</i>	119
4.2 <i>Posturas urgentes da família</i>	120
4.3 <i>Sistema Preventivo como modelo</i>	121
5. Resumindo	124

VI. Presença educativa: competência salesiana para os dias de hoje (Amorevolezza educativa) 125

Introdução	125
1. Presença educativa salesiana a partir da experiência e vivência de Dom Bosco	128
2. Competência pedagógica salesiana	131
3. Contextualização dos jovens e dos educadores hoje	136
4. Presença educativa salesiana: competência máxima do Sistema Preventivo	142
5. <i>Amorevolezza</i>	144
Conclusão	148

VII. Comunicação e sistema preventivo	151
Introdução	151
1. Cultura comunicacional hodierna	154
2. Dom Bosco educador	158
2.1 <i>Intencionalidade de Dom Bosco</i>	159
2.2 <i>Comunicação na pedagogia</i>	163
2.3 <i>Comunicação na pedagogia: amorevolezza como presença</i>	165
2.4 <i>Comunicação pedagógica: ambiente educativo</i> <i>fruto de reciprocidade</i>	170
3. Comunicação e alegria salesiana como resposta aos convites da vida de hoje	176
3.1 <i>Testemunho de alunos de Dom Bosco sobre</i> <i>sua capacidade de suscitar e comunicar a verdadeira alegria</i>	180
3.2 <i>Expressões da alegria salesiana</i>	184
 Bibliografia	 187



Apresentação

O desejo de ver o Sistema Preventivo e a espiritualidade salesiana correlacionados com as características culturais dos dias de hoje motivou esta reflexão. A tentativa é de apresentá-la numa linguagem mais ampla, objetivando expressar as tendências atuais quanto à educação e quanto ao trabalho para se cultivar uma espiritualidade marcante.

Não são reflexões no estilo dos pesquisadores de Roma – Pietro Braido, Pietro Stella, Francesco Motto ou Francis Desramaut –, que historiam a vida salesiana do tempo de Dom Bosco a partir da autenticidade dos documentos, contextualizando-os na cultura contemporânea dos primórdios da congregação. Neste livro, se parte de pressupostos já demonstrados historicamente e inquestionáveis como patrimônio do horizonte salesiano instaurado por Dom Bosco: o carisma salesiano e o Sistema Preventivo.

Os textos foram escritos para palestras com grupos de professores de escolas salesianas ou grupos da Família Salesiana. Reflexões de um salesiano para interlocutores que trabalham em ambientes salesianos ou simpatizantes da espiritualidade salesiana, como os ex-alunos ou leigos de paróquias salesianas.

São tentativas de leitura da cultura, da vivência dos acontecimentos e de tendências marcantes que afetam as relações educativas, cambiam as posturas das famílias ou dos educadores em relação aos jovens, nos dias de hoje.

Estes textos são fruto do estudo e da experiência pedagógica das comunidades salesianas, de ações pastorais que proporcionaram certezas, cristalizaram frutos da pedagogia salesiana ou provocaram belíssimas experiências de Deus sob o prisma juvenil. Contribuíram a práxis educativa, fatos, retiros, encontros de jovens, a vivência cotidiana de uma instituição onde as relações pedagógicas, tipicamente salesianas, ofereceram horizontes saudáveis de oportunidades ímpares para a revelação do coração compassivo de Deus que ama seus filhos, em especial os jovens.

Espelham o grande entusiasmo e alegria provenientes da espiritualidade salesiana e das relações pedagógicas, que processualmente suscitaram manifestações vibrantes da vida e da amorosa presença de Deus nos ambientes salesianos.

A reflexão sobre a espiritualidade salesiana carece de maior aprofundamento e aqui são apresentados temas que se abrem para isso. A aproximação da reflexão pedagógica à espiritualidade salesiana com esboço antropológico é pertinente, pois auxilia a contemplação da vida espiritual de Dom Bosco quanto à profundidade de seu amor a Deus, sob o prisma de outra época cultural, acentuada por características teológicas diferentes.

Ele queria que seus jovens e salesianos entendessem como a bondade e o amor de Deus eram palpáveis em sua vida, na de Domingos Sávio, na de tantos outros jovens santos do Oratório de Valdocco, para que pudessem vivenciá-los na simplicidade do próprio trabalho.

Em outras palavras, pode-se dizer que a reflexão é fruto de experiências, antes que mero exercício de uma racionalidade intelectualizante. Todas as afirmações aqui apresentadas têm credibilidade, porque foram antes vivenciadas e experienciadas com a alegria e o entusiasmo enlevantes da vida salesiana.

Será também uma alegria muito grande saber que estas reflexões, um dia, tenham ensejado para algum educador outras experiências brilhantes e cheias de entusiasmo, provenientes da prática do Sistema Preventivo e da vivência da espiritualidade salesiana.

O conjunto destas palestras não constitui um corpus temático orgânico e de abordagens lógicas quanto à seqüência. Ao contrário, aparecem repetições temáticas. Fatos da vida de Dom Bosco, partes do Sistema Preventivo e tópicos da espiritualidade salesiana são abordados mais de uma vez, mas com focalizações diversas. Seu valor, sem dúvida, é a tentativa de apresentar o carisma salesiano mais contextualizado quanto à linguagem, reforçando, ao mesmo tempo, a indicação da espiritualidade salesiana como caminho evangélico de santificação.

Padre Afonso de Castro
Lins, fevereiro de 2002.

I Espiritualidade e espiritualidade salesiana



O tema da espiritualidade traz consigo um horizonte muito vasto e compreende os aspectos mais importantes da vida. Para abordar esse tema, se exige compreensão da cultura, do mundo, e se pressupõe a presença de noções de uma antropologia condizente com sua proposta. Não bastasse isso, para se entender bem a espiritualidade, são necessários conhecimentos de psicologia, de estética, de linguagem simbólica e de boa experiência de vida. Esse argumento engloba as expressões vitais de uma época.

Por isso, a abordagem desse tema pede disponibilidade para alargar os horizontes e, posteriormente, elaborar uma síntese.

1. Espiritualidade hoje

A cultura atual vivencia algumas prerrogativas que no passado nem sequer podiam ser so-

nhadas. Entre as grandes variáveis de nosso tempo, se contam a globalização, o simultaneísmo proporcionado pela mídia, o advento tão celebrado da ecologia, novas maneiras de se posicionar perante toda a natureza, a integração tão sentida de todos no grande ecossistema do planeta, a proximidade do universo, as importantes descobertas da medicina que possibilitam maior expectativa de vida para as pessoas e a enorme quantidade de artigos de consumo que estão continuamente se renovando no mercado.

Ao lado dessas posturas, surgem aspectos novos da cultura, como o mundo artificial e intenso proporcionado pelos meios de comunicação sociais, em especial pela televisão e pelo computador.

A vida se organiza ao redor de uma teia de controles dominada pela virtualidade do sistema. Até o dinheiro, tão material outrora, se torna virtual. Há uma grande realidade virtual que se sobrepõe ao natural. O simulacro é mais bonito e proporciona maior prazer que o natural. Isso não quer dizer que essa postura deixe de considerar as belezas naturais ou a perfeição que a ciência oferece, mas passou dos projetos para o consumo.

Hoje se domina a própria raiz dos seres vivos e dos processos vitais através do controle dos genes e dos códigos genéticos. Esse caminho de aperfeiçoar e corrigir até os processos de desenvolvimento da vida, se tornou possível pela presença dos *chips*, que podem controlar as dimensões micro das células ou das menores partículas que compõem um organismo vital.

Por outro lado, o mundo micro permite que se dominem processos até então inimagináveis, como retardar o envelhecimento celular. Brevemente, as intervenções neurológicas estarão quebrando outras barreiras, tendo em vista a correção de desvios cerebrais ou de doenças que afligem o homem.

Mas se a ciência traz uma vivência espetacular de possibilidades que melhoram a vida das pessoas, socialmente o homem ainda não soube resolver grandes problemas sociais ou políticos, como erradicação da pobreza, desigualdades, violência e guerras... Existem progressos nessa área, como o leve reconhecimento das minorias e a percepção das originalidades culturais. Hoje, a cultura globalizada pretende respeitar as minorias sendo pluricultural, multirracial...

Em filosofia, aconteceu o advento de uma nova sensibilidade em relação às leituras do real. Principalmente, houve a queda das expressões totalizantes de uma filosofia que se pretendeu capaz de esgotar o real.

Segundo Ana Maria Tepedino, “à *hybris*, orgulho da racionalidade exacerbada, segue-se um outro tipo de racionalidade, baseada na relacionalidade, onde se procura relacionar tod@s com tod@s e tudo com tod@s”.¹ Com a queda da cultura organizada pela ciência e a filosofia da racionalidade estrita, as verdades latentes, as possibilidades e os processos que nunca foram considerados por ela, pois não se subordinavam a seu campo de raciocínio, emergiram com uma presença típica de quem quer ser considerado como elemento importante para o complexo mundo humano.

As ciências sociais, em especial a antropologia e a psicologia, trouxeram novas faces da realidade humana que alicerçaram campos de estudo para a projeção de realidades humanas que não eram consideradas pela cultura organizada e estruturada pela metafísica racional.

Assim, Freud instaurou a realidade do inconsciente, estudando o mundo dos sonhos, e desvendou alguns mistérios da linguagem do imaginário. A antropologia possibilitou encontrar as estruturas de outras culturas não organizadas pelo mito da racionalidade criadora da utopia do desenvolvimento eterno. Constatou a presença de culturas organizadas pela linguagem simbólica, pelo poder estruturador do mito, bem como a existência de outras possibilidades de se produzir conhecimento.

Se antes era sábio quem possuísse o poder de manejar a racionalidade, outras culturas ofereceram a sabedoria vinda de diferentes fontes do saber, como a aquisição de valores, de conhecimentos ancestrais, de domínio de processos intuitivos e do acesso aos processos de criação do imaginário, de conhecimentos marginais e iniciáticos. Numa palavra, essa nova sensibilidade permitiu a focalização para o mundo de outros valores e para o mistério da vida que se oferece aos iniciados, e não aos estruturados pela racionalidade prepotente.

Nessa nova cultura, a realidade espiritual é solicitada como parte integrante de uma antropologia que se pretende capaz de se adequar às novas necessidades, outrora latentes culturalmente. Essa dimensão espiritual vai

¹ Ana Maria Tepedino, “Espiritualidade: relações e conexões”, *Grande Sinal*, ano LIII, n. 6, nov./dez. 1999, p. 669.

postular uma consideração diferente perante a vida e o mundo, que se integram e se compõem como parte de um grande mistério em que o homem está imerso e dele pouco sabe expressar e vivenciar. Surgem novas interrogações sobre o sentido da vida, pois a cultura da racionalidade não esgotou esse constante ímpeto do homem de buscar sentido e satisfação também no espírito para se sentir feliz.

Há grande demanda sobre a vida espiritual como decorrência da expectativa de uma satisfação maior que surge da profundidade de seu ser. O motor de tudo isso se chama desejo, que leva a pessoa a se superar e a se aprofundar, pois essa possibilidade existe. Acontece, então, a popularização das doutrinas de sabedoria da vida, provindas do Oriente, e de caminhos alternativos para se acessar as bordas desse mistério que é o campo do desejo; este se torna o “*el-dorado*”, a antevisão de uma possibilidade melhor de auto-realização.

Assim, a espiritualidade e o mistério da vida se apresentam como as grandes realidades vivenciais desses novos tempos. Tepedino assim conceitua a espiritualidade:

Falar de espiritualidade é expressar através de uma linguagem afetiva uma experiência de relação, de interconexão, que proporciona sentido para a vida, pois é uma jornada desde nossa interioridade, desde o nosso coração, não entendido de forma sentimental, mas como metáfora de nossa capacidade para estabelecermos relações recíprocas, para desenvolver uma verdadeira intimidade com as pessoas e coisas, atitude que parece ser a forma mais plena de amor, bem como o espaço para que o amor desabroche. O coração, no sentido semita, é a faculdade que integra as múltiplas dimensões da pessoa humana: corpo e espírito, inteligência e vontade, sentimento e imaginação. Esta jornada desde o coração é um mergulho em busca do próprio poço, donde jorra a água viva que permite viver, conviver, descobrir sentido, amar, sonhar, curar-se, buscar força, coragem, energia, e que desemboca num compromisso ético. A vivência da espiritualidade possibilita novas relações inter-humanas e uma nova ordem mundial.²

A espiritualidade aqui apresentada tem a face feminina da autora que a apresenta. Porém, não esgota o que a espiritualidade pode oferecer ao

² Tepedino, “Espiritualidade: relações e conexões”, p. 668.

homem nos dias de hoje. As inclusões de horizontes, de indicações antropológicas e de grandes metáforas ou de expressões que a linguagem simbólica pode oferecer às pessoas, não deixam de mostrar que esses horizontes são reais e podem ser atingidos, desde que se admitam também processos, se conheçam caminhos e se desejem as mudanças necessárias para atingi-los. Além disso, a autora apresentou algumas das acentuações necessárias para uma antropologia nesse horizonte novo.

Outra conceituação importante para a cultura de uma nova sensibilidade e para uma espiritualidade nos dias de hoje é apresentada na expressão da vivência de um “mistério maior”. A nova sensibilidade impele as pessoas para uma integração maior a partir do interior, da profundidade de seus horizontes vividos na cotidianidade, com as expressões de tarefas necessárias para que a vida comum aconteça.

O “mistério maior” é tomado como uma grande realidade, envolvente, em que todos estão imersos, conscientes ou não, nessa realidade, transcendência e imanência, exterior e interior, visível e invisível, ponderável e imponderável. São todas dimensões da realidade que circundam a vida humana. Para a autora,

Diante do Mistério Maior que está fora de mim e dentro de mim, do qual faço parte, junto com outras pessoas e com os seres da natureza, me experimento numa relação de amor mútuo, de mútua intimidade, que me inspira a entrar num processo vital que busca expressar de uma maneira nova, o dar e receber amor, que possibilita curar, criar, re-criar @s outr@s, re-criar a natureza, para re-criar o mundo.³

A partir dessa espiritualidade, para a autora é muito importante “a experiência de sentir-se amad@, experiência-fonte para a vida crescer e se desenvolver. Fonte para poder amar, para ser”.⁴

Existe um consenso sobre a tentativa de se viver uma espiritualidade integradora, é muito bom e saudável, se encontra o sentido de mais profundidade para a vida, porém não se pode prescindir de que essa espiritualidade tenha suas raízes aprofundadas no cotidiano da vida, na simplicidade do transcurso das tarefas, dos conflitos e dos problemas que a vida apresenta no dia-a-dia.

³ Tepedino, “Espiritualidade: relações e conexões”, p. 671.

⁴ Tepedino, “Espiritualidade: relações e conexões”, p. 671.

2. Considerações sobre a antropologia necessária para uma vivência espiritual em profundidade

A questão que se põe em relação à vivência ou qualidade de vida hoje passa pela concepção do conjunto da pessoa, que se expressa através de todas as suas potencialidades. Mais precisamente, os novos tempos estão exigindo a atualização da complexa potencialidade da pessoa, com acentuações diferenciadas das que a cultura anterior exigia ou privilegiava.

Se antes o homem se especificava ou se situava pela racionalidade, tendo criado padrões a partir de sua força de raciocínio, hoje, não é suficiente essa postura para uma satisfatória expressão do homem. O poder não está mais relacionado à acuidade de se posicionar racionalmente. Antes, o prazer estava muito correlacionado ao poder e ao domínio. Com o advento de outras necessidades, o homem não se estrutura a partir dessa antiga base. Hoje, as fontes do poder, do prazer e da satisfação da vida passam pelo imaginário, pela intuição, pelo autoconhecimento, pela vivência de uma espiritualidade como fonte de consistência da pessoa, como oferta de sentido e fonte de satisfação, não somente sensorial, mas em plenitude.

Esse nível de satisfação e alegria é proveniente do acesso às dimensões mais recônditas e misteriosas da pessoa. Nessas dimensões estão presentes o inconsciente e as manifestações arquetípicas geradoras de outro estilo de conhecimento que integra a alma, a psique.

Concomitantemente, ao mal-estar originário da quebra das bases da personalidade organizada pela racionalidade, se buscam e se vivenciam outras modalidades de plenitude, de satisfação, de gozo e de poder. Quem vivenciou o acesso à profundidade de seu ser interior, a seu “pneuma”, adquiriu uma experiência que relativiza o meramente material ou sensorial em prol de um mundo de proporções infinitas, cujas expressões somente podem se efetuar através da linguagem simbólica.

Essa realidade, que denominamos “a profundidade da intimidade da pessoa, a fonte de seu ser”, não se deixa esgotar e dominar pela linguagem técnica, faz parte de sua riqueza o mistério, a alegria inexprimível, os estados de expansão do eu e o acesso a uma sabedoria que desde tempos imemoriais faz parte do cultivo de poucas pessoas ou sábios.

O horizonte inexplorado e desejado por aqueles que se propõem buscar viver em profundidade o próprio ser é estudado pelas divulgações dos

sábios e tradições orientais, pelo estudo dos místicos que expressaram, na Igreja, a grande realidade, escondida aos olhos da maioria, da profundidade de uma vida espiritual que exigia uma metodologia diferente e uma autodisciplina especial, além de uma fé aprofundada.

Como base para se atingir as dimensões mais profundas do homem, seu mistério interior, é necessário admitir as acentuações dessa nova antropologia. Jean Yves Leloup, monge e estudioso das dimensões mais profundas do homem, resume assim sua conceituação da antropologia:

Eu creio que uma pessoa bem-estruturada é alguém que está a caminho, em processo. O homem não é um animal perfeito, mas é um animal aperfeiçoável. Nós estamos a caminho do aperfeiçoamento, estamos no caminho da estruturação. E essa estruturação é uma integração dos opostos e dos contrários a fim de que o contrário se torne complementar. Trata-se de integrar em nós o pai e a mãe, a dimensão masculina e a feminina... o modo de conhecimento intuitivo e o analítico... integrar pressupõe uma certa liberdade... Um homem bem-estruturado é aquele que tem, em si mesmo, o gosto de seu ser, através da forma que lhe é própria. E o sábio é aquele que saboreia nele, o Ser... O homem bem-estruturado é aquele que reencontrou o seu centro e, em torno desse centro, seus pensamentos, seus afetos encontram sua ordem e estrutura... quando não estamos centrados, tudo o que fazemos nos dispersa, nos pulveriza...⁵

Outras dimensões focalizadas por esse autor tratam do desejo, do silêncio interior e do exercício da liberdade. Mostra uma correlação entre o acesso ao desejo e o silêncio como caminho de conquista ou de frustração pessoal, pois ele afirma que é “preciso desejar para ir além do desejo”,⁶ falar para se atingir a palavra essencial. O homem limitado pelas expressões superficiais de seu desejo não atingirá o silêncio de seu “não-desejo” necessário para que das profundidades de seu ser brote a sua palavra que expresse toda a própria originalidade. Para que cada pessoa possa expressar, falar “o seu dizer”, sua palavra original, tem de ter percorrido o caminho da liberdade interior que leva ao seu “não-desejo”, à fonte de seu ser, de onde jorram a vitalidade, a força e a originalidade de seu ser que quer se expressar.

⁵ Jean Yves Leloup, *Caminhos da realização*. 6ª edição. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 84-85.

⁶ Leloup, *Caminhos da realização*, p. 48.

Segundo Heidegger, não haverá dizer original se não se atingir a clareira do ser que esconde e mostra, que vela e desvela. Uma interioridade velada pelas expressões superficiais de seus desejos sensoriais vela a possibilidade de uma palavra original. Para atingir a profundidade de cada um, se passa pelo exercício de agir pela própria liberdade. Esse é um exercício penoso... “Às vezes estamos à procura de alguém, de um ensinamento ou de uma instituição que nos digam o que é bom ou o que é mau. E que nos isente do exercício de nossa liberdade. Um mestre verdadeiro não nos isenta de nossa liberdade.”⁷

Ao lado dessa busca de uma autêntica liberdade, a nova antropologia acena para a profundidade do ser de qualquer pessoa que deve ser atingida, para que se expressem as possibilidades reais de auto-realização, de felicidade. Entre as realidades que compõem a interioridade do homem, se destaca o desejo como potencial e força originante de atitudes, fonte de sonhos e fantasias, força-motriz para ações supremas e difíceis, manancial de gozo.

O desejo impele a pessoa para uma jornada atraente. Quase tudo o que se manifesta de uma pessoa passa pelo desejo como fonte jorrante de vitalidade e de perspectiva sempre maior. Parece que o desejo alimenta a vitalidade da alma para parâmetros sempre mais vastos, quer quanto ao conhecimento quer quanto à felicidade. Sempre latente, o desejo arrasta o ser da pessoa para o objeto ou ponto de referência apresentados.

Por outro lado, segundo A. Zielinski, esse é o “desejo que se alegra em ser insaciável, é o desejo do próprio Deus, aquele movimento inicial que nos impele à procura do Mestre... pois o desejo é infinito, dado que tem um objeto infinito”. A autora cita Emmanuel Lévinas: “Ele deseja para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo... O desejado não o sacia, mas aprofunda o seu vazio”. E prossegue:

Este desejo não procura ser saciado, e sim o impulso para seguir em frente... Ele deseja sem cessar sempre mais, porque Deus é sempre maior. Sua felicidade não consiste então em nunca cessar de descobrir a Deus, um Deus que não sacia, mas concede saborear as coisas. Você nunca deixará de desejar, se o desejo de ser feliz é também o desejo de Deus – um desejo que vem de Deus (é suscitado por Ele), desejo que leva a Deus (é uma tendência para Ele)...

⁷ Leloup, *Caminhos da realização*, p. 51.

Mais uma vez, a autora cita Lévinas: “Não como um Desejo que se sacia com a posse do Desejado, mas como o Desejo do Infinito que o Desejável desperta, em vez de satisfazer”. E comenta:

Ir à procura de Cristo é, então, aprender com ele a felicidade do desejo, e não tanto o segredo da felicidade. Contentar-se com a própria procura no dia-a-dia, na trama do cotidiano, sem projetar em um futuro indefinido uma realização sonhada, uma imagem de felicidade à qual se pretenderia corresponder a todo custo. Procurar e encontrar a alegria em todas as coisas: é assim que Jesus orienta o moço rico para a prática do cotidiano.⁸

Essa autora afirma que os jovens de hoje não se contentam com essa perspectiva, querem algo de excepcional que os tire da rotina. Mas diante do exercício da liberdade de escolher entre tantas possibilidades boas e possíveis, os jovens se tornam indefinidos, indecisos e com medo diante da gama variada de possibilidades. Justamente hoje, segundo a autora, os jovens e as pessoas em geral são chamados ao exercício da liberdade para a escolha e para o compromisso que gera um caminho do desejo assumido concretamente em busca da felicidade. O desejo de ser feliz acarreta o medo de se enganar...

Ora, é precisamente a isso que Jesus o chama: ele tem de escolher, usar sua liberdade para cessar de permanecer na riqueza dos possíveis e na indecisão. O apelo a escolher é um envio, é uma missão... Essa inquietação indica a nova maneira como o ser humano percebe a sua finitude e se situa diante de Deus.⁹

Partindo para uma dimensão mais antropológica, Leloup, ao falar da samaritana, afirma:

O alvo principal de seu desejo é aquilo que seu desejo procura, é este “Eu Sou” que ela pode encontrar no fundo de seu Sopro, no coração mesmo de sua vigilância... agora ela é a sua própria fonte. E a partir daí ela pode se voltar para os outros. Quando nós fazemos a experiência deste “Eu Sou”, podemos nos voltar para as realidades materiais, porque então seremos livres em relação a elas. Estando livres

⁸ A. Zielinski, “A inquietação religiosa nos dias de hoje”, *Grande Sinal*, ano LIII, n. 6, nov./dez. 1999, p. 711-712.

⁹ Zielinski, “A inquietação religiosa nos dias de hoje”, p. 713.

não pediremos mais nada ao Absoluto. Quando fazemos a experiência do “Eu Sou” podemos retornar às nossas relações afetivas, mas nós seremos livres em relação a elas. Não pediremos mais a um homem ou a uma mulher o apaziguamento de nosso desejo. É quando nós fazemos a experiência do “Eu Sou”, no Sopro e na vigilância, que poderemos adorar o Pai com plena liberdade.¹⁰

O compromisso de uma busca real da liberdade que vem do âmago da pessoa leva a atitudes bem diferentes em relação à própria interioridade, pois tudo se torna fonte de um conhecimento desejado, mas não expresso ainda.

Nesse sentido, o autor apresenta um itinerário para que a pessoa passe de um ser que busca o objeto de seu desejo para um ser em contato com a fonte interior que pode ser transformadora, pode levar para essa mudança interior de libertação do “objeto de desejo” para descobrir e ser o “sujeito do desejo”, ser a fonte de seu ser em estado de liberdade, não dependente de qualquer objeto.

A pessoa que atingiu a profundidade de seu ser e pelo contato com o Outro/Jesus Cristo, o “Eu Sou”, perene e fonte incessante do ser verdadeiro, desperta toda a riqueza da fonte interior de qualquer pessoa para que jorre na liberdade e no amor o verdadeiro ser de cada um. Quem não atingiu esse nível de seu ser, normalmente estará dependendo de objetos para saciar o seu desejo.

As pessoas que erram e vagueiam à procura de seu verdadeiro ser estão em estado de “*hamartia*/pecado”, estão descentralizadas do próprio alvo, estão ao lado de si.

Essa antropologia propõe que a pessoa saiba acertar o próprio alvo, que é o centro da auto-realização em profundidade, uma volta para seu “si mesmo” (*self*), para o centro dinâmico de seu interior, para fazer a experiência do “Eu Sou”, quando se deixar tocar pelo “Sopro” que comunica a vida em estado de plenitude independente de qualquer objeto. Esse Outro, que é “Aquele que É”, aguarda na vigilância a iniciativa para esse percurso de conhecimento e “autocentralização”.

O homem capaz de contemplação e ação estará preparado para viver em plenitude a vida que jorra do Espírito somente depois que se libertar dos apegos e das dependências das coisas e pessoas. Estará preparado para

¹⁰ Leloup, *Caminhos da realização*, p. 133.

agir com fecundidade e para o verdadeiro amor a partir de um caminho de coerência com a própria intimidade com a fonte de seu ser mais recôndito.

Reorientar-se para o centro é se direcionar para o “coração” como expressão da fonte do ser e caminho para atingir o desejo pessoal em estado permanente/jorrante. O Outro que alimenta o desejo e dinamiza o coração para a contemplação e para a ação suscita, no mais íntimo de cada um, o Ser em estado de fluência, de constante devir no relacional estado de doação contínua. Essa é a condição necessária para se entender o amor que é ofertado.

Para se compreender em profundidade o amor comunicado, há que estar atento para algumas condições: estar em estado de abertura interior, querer se deixar conduzir, fazer silêncio, não permitir que outras vozes povoem o interior e “descentralizem” o ser, se entregar ao fluxo jorrante da vida que vem do Outro (o Sopro, Jesus Cristo, o Infinito) que me edifica interiormente.

Viver em profundidade tem como meta o amor. Leloup assim fala do amor:

Porneia é o amor da criança pela sua mãe, um amor de fome e de apetite, um amor de necessidade. Em seguida vem Eros, que é fascinação pelo que é Grande e Belo... é um amor de desejo, o desejo de alguém que falta em direção a alguém que possui. Após, vem *Phileo*, um amor de amizade, um amor de troca, de fraternidade. *Porneia* é amor de bebê, Eros de adolescente e *Phileo* é amor de adulto... Depois, vem *Ágape*, um amor gratuito, nós amamos ser amados. Nós amamos nos sentir amorosos, não é o outro que nós amamos, é sermos amados por ele ou nos sentirmos amorosos dele. Com *Ágape* há uma experiência do amor gratuito, do amor que nada espera... E nessa experiência de gratuidade conhecemos um momento de leveza e de liberdade verdadeira, pois nós amamos e nos agrada amar, quer sejamos amados ou não. Aí reside a liberdade do ser humano... e se nós somos capazes de realizá-lo (*ágape*) em alguns momentos de nossa existência, fazemos verdadeiramente a experiência do divino entre nós.¹¹

Essa proposta de antropologia tem a finalidade de mostrar um caminho possível para a liberdade e a auto-realização, a partir de um caminho de fé em Deus, que é Pai que se revela em Jesus Cristo e que se faz continuamente presente em nosso cotidiano pelo Sopro, seu Espírito que nos confe-

¹¹ Leloup, *Caminhos da realização*, p. 184-185.

re a santidade, a iniciação ao sagrado de nossa vida onde Deus escolheu para nos visitar continuamente.

A ação e a contemplação são caminhos idênticos para se acessar a fonte do Ser que jorra em nós como graça – plena gratuidade – para nos realizar em dimensões que ultrapassem todos os desejos possíveis. Esse é o caminho da liberdade e da felicidade sempre ansiadas por todos.

Exige-se que os níveis de nossa consciência sejam abordados, para que se viva em estado de expansão de todo o ser que se constrói no desenrolar da sucessão do tempo, no cotidiano mais simples. Não são as coisas que tornam o nosso cotidiano extraordinário, mas a fonte interior que constrói a vivência, a fonte de uma presença que confere a grandeza ou o estreitamento da nossa história. Quando o ser se abre e o Outro me faz grandioso, a pessoa se torna uma expressão da “Glória de Deus”. Quanto mais qualificada essa presença a partir do interior, mais nossa consciência cresce em conhecimento e experiência de expansão do Ser. Somos um “sujeito” em estado e plenitude.

As conseqüências na vida de quem se deixa instruir pela consciência aberta às dimensões do Ser são as virtudes tipicamente salesianas da jovialidade, da alegria, do otimismo, da oração de contemplação da presença de Deus em cada jovem, do compromisso gratuito. Uma pessoa que realiza uma experiência intensa da presença de Deus em seu interior se torna rica, sabe o caminho da oração, é prazerosamente simpática, qualifica o ambiente onde vive.

Esse é o caminho para a *amorevolezza* (bondade, carinho, amor demonstrado) do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Entender o desejo de Dom Bosco, ao afirmar que a “educação é coisa do coração”, significa fazer a experiência da oração em profundidade, da conscientização do papel de um educador salesiano.

Amorevolezza implica atitude de educador proveniente do profundo de seu ser. Exige toda uma sabedoria que provém de um cultivo da pessoa em direção à liberdade e à felicidade convergentes para a auto-realização na convivência com a graça de Deus – Ele é o Bom Pastor.

3. Definição de espiritualidade

Existem definições clássicas de espiritualidade, algumas mais descritivas e outras que focalizam e privilegiam o ponto de partida, que determina o hori-

zonte que se pretende destacar. Alguns podem pensar que espiritualidade se refere somente aos contemplativos, aos monges ou às pessoas da Igreja. Toda pessoa tem sua espiritualidade, pois é animada por um princípio unificador e dinamizador de sua identidade, lhe conferindo características especiais.

Aqui, se pretende focalizar estritamente a espiritualidade como parte integrante da pessoa que constrói a história de seu cotidiano referenciada sempre no transcendente. Não que toda a espiritualidade brote somente de Deus exclusiva ou diretamente. Pode e sempre se referir a Deus como Ser providente de tudo, mas também pode-se considerar que as tradições culturais sempre imbricam elementos da terra como expressões dessa relação com o transcendente, e embora tangenciais, alguns elementos da espiritualidade podem ser dinamizados pelo vigor correlato desses elementos.

A primeira definição é clássica e abrangente:

Espiritualidade, segundo H. U. von Balthasar, é uma atitude fundamental, prática e existencial de uma pessoa, que é consequência e expressão da compreensão que essa tem da existência sob o aspecto religioso, ético e do empenho concreto: uma “*accordatura*”, harmonização efetiva e habitual de sua vida a partir de suas perspectivas e decisões últimas.¹²

A segunda definição, que aparece em um trecho de *A espiritualidade juvenil salesiana*, se refere à componente espiritual propriamente dita do homem:

Uma constatação fundamental. A espiritualidade não é o apanágio de alguns felizardos mais comprometidos do que os outros com a vida cristã; nem tampouco se refere apenas ao estilo de existência daqueles que abandonam a vida cotidiana para se fecharem nos mosteiros ou em algum lugar deserto. Espiritualidade é viver a vida cotidiana no mistério de Deus.

4. Fontes da espiritualidade salesiana

De modo geral, pode-se afirmar que a espiritualidade salesiana tem como fonte:

¹² L. Fávero citou “*Spiritus Creator*”, in: *As cartas pastorais de D. Francisco de Aquino Corrêa*. Campo Grande, MSMT, 1996, p. 93.

- a vida e a pessoa de Dom Bosco;
- os escritos de Dom Bosco;
- a memória e a tradição dos salesianos;
- a doutrina e os escritos de São Francisco de Sales;
- a vivência dos salesianos e as tradições das diversas partes do mundo salesiano.

5. Vivência de Dom Bosco

Muitos fatos, posturas e atitudes de Dom Bosco oferecem elementos para que se possa definir ou delimitar a espiritualidade salesiana. Seguindo a própria conotação dada por ele, desde sua juventude, um acontecimento se tornou muito indicativo da modalidade de como viver ou assumir a missão proveniente do “sonho dos 9 anos”.

A partir das interpretações do próprio Dom Bosco, esse sonho se tornou um verdadeiro arquétipo da espiritualidade salesiana. Também a narrativa do encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli, na sacristia da Igreja de São Francisco, é o arquétipo de todas as abordagens educativo-pastorais da tradição salesiana.

Sonho dos 9 anos¹³

Nessa idade tive um *sonho*, que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me **estar perto de casa, numa área bastante espaçosa**, (1) onde **uma multidão de meninos** (2) estava a brincar. (3) Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. (4) Ao ouvir as blasfêmias, **lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar**. (5) Nesse momento **apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido**. (6) Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. **Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos**, (6a) acrescentando estas palavras:

– **Não é com pancadas**, (7) mas com a **mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos**. (8) Põe-te imediata-

¹³ Os números entre parênteses se referem aos comentários que se encontram após a descrição do sonho.

mente a **instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.** (9)

Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino **pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião.** (10) Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, **juntaram-se ao redor do personagem** (11) que estava a falar. Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

- Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?
- Justamente porque te **parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.** (12)
- *Onde*, com que meios **poderei adquirir a ciência?** (12a)
- Eu **te darei a mestra**, (13) sob cuja orientação poderás **tornar-te sábio**, (14) e sem a qual toda sabedoria se converte em estultícia.
- Mas quem sois vós que assim falais?
- **Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.** (15)

Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dissei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o à minha mãe.

Nesse momento, vi a seu lado **uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela.** (16) Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que **me aproximasse** (17) e, **tomando-me com bondade pela mão**, (18) disse:

– Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.

- **Eis o teu campo, onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto;** (19) e o que agora vês acontecer a esses animais, **deves fazê-lo aos meus filhos.** (20)

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, **corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.** (21)

Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo:

– **A seu tempo tudo compreenderás.** (22)

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu.

Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira e doer-me o rosto pelos tapas recebidos, além disso, **aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono.** (23)¹⁴

(1) *Estar perto de casa, numa área bastante espaçosa.* A visão de amplitude e de um mundo grandioso, aqui, tem a dimensão de proximidade, pois estava perto de uma casa e dimensão de outros lugares. A congregação, segundo Dom Bosco, sempre teria um vasto mundo como perspectiva de sua missão e do trabalho dos salesianos. Outro traço a ser sublinhado é o termo “casa”, pois sempre as obras salesianas serão casas para os jovens.

(2) *Uma multidão de meninos.* Todo e qualquer jovem do mundo inteiro estava no seio das preocupações do coração de Dom Bosco. Jovens de qualquer raça e de qualquer lugar: “Basta que sejais jovens para que eu vos ame!”

(3) *A brincar.* Para Dom Bosco, juventude sempre combinou com alegria, diversão, felicidade e otimismo. Brincar sempre foi a expressão de uma juventude sadia, em paz e alegre! O oposto era objeto de preocupação dos cuidados de qualquer salesiano. Um jovem parado e sem iniciativa indicava a presença de preocupações diferentes do trivial de um jovem sadio e em paz com a própria consciência.

(4) *Blasfemavam.* Quanto à beleza da vida juvenil, Dom Bosco sabia da presença de todos os perigos terríveis que a envolvem. O mundo tenta a vida do jovem e oferece-lhe o caminho fácil do vício. A blasfêmia é um mal contra Deus, muito comum entre os italianos.

¹⁴ João Bosco, *Memórias do Oratório: 1815-1855*. São Paulo, Editora Salesiana, 1982, p. 18-20.

(5) *Lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar.* O método repressivo, como metodologia educativa, foi repudiado por Dom Bosco.

(6) *Apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos.* Esse homem é Jesus Cristo, o protótipo do homem e daquele que se preocupa com suas ovelhas, os jovens. Os aspectos “beleza, leveza e fortaleza” são uma metáfora da visão do sobrenatural. A “luz” é o arquétipo da vida feliz e verdadeira, amorosa e ligada à fonte do amor, divinizada. “Chamar pelo nome” indica conhecimento e proximidade, familiaridade, carinho e afeto. O Senhor, Aquele que se preocupa com os jovens, me conhece... está ligado à minha pessoa. O verdadeiro educador, desde o início, para Dom Bosco, individualiza e personaliza as relações educativas. “Chamar pelo nome” é vocacionar para a personalização e individualização da vida, como resposta ao amor do Pai que nos cria gratuitamente. O educador auxilia na criação de verdadeiros filhos de Deus, de personalidades exuberantes. O personagem chamou João Bosco e lhe deu uma missão bem clara: estar à frente para ser a bússola para muitos jovens. Estar à frente direcionando tudo para a vocação à vida e à salvação, uma missão clara e completa. O Senhor indica a missão de João Bosco: colocar-se à frente dos jovens.

(7) Indicou o método de educar os jovens que lhe acabara de confiar: *“Não com pancadas”*. Desse conjunto nascem as linhas mestras do Sistema Preventivo: razão, religião e carinho. Esse método visa a pessoa toda, seu interior metaforizado no coração, a expressão vital de sua capacidade de amor e de dar sentido experienciado da vida e do mundo.

(8) *Com a mansidão e caridade que deverás ganhar esses teus amigos:* componentes essenciais do método educativo ou do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Um dos objetivos sugeridos pela pedagogia de Dom Bosco é “ganhar o coração do jovem”, para depois lhe mostrar o caminho do bem neste mundo e o caminho do bem para a vida eterna. “Não basta amar”, dirá mais tarde Dom Bosco, é necessário “fazer-se amar” para que a eficácia da presença do educador seja plena. Mais do que nunca, **deve** existir reciprocidade na relação educador/educando de afeto e de **finalidade** quanto aos objetivos da educação.

(9) *Instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.* A visão do mundo, a partir da religião, para Dom Bosco, era evitar o pecado,

como afastamento definitivo do fim eterno do homem, e escolher a virtude, como caminho certo e correto para a plena realização terrena e sobrenatural do jovem. A presença da graça de Deus tem como expressão a alegria. O pecado traz a tristeza, e o destino último do jovem se torna comprometido. Dom Bosco vai dedicar sua vida a conduzir os jovens a se afastarem do pecado como a coisa mais calamitosa de sua existência. Muitas de suas atitudes pedagógicas têm por objetivo afastar o mal moral e favorecer as ocasiões para que os jovens cresçam sadios de alma e corpo.

(10) *Pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião.* Dom Bosco reconhece que é necessário aprender antes para poder falar com os jovens. Acha-se despreparado. O educador deve se preparar em todos os sentidos, também pela experiência de ser pessoa adulta de forma completa e plena.

(11) *Juntaram-se ao redor do personagem.* Os jovens ao redor do personagem se transfiguram em ovelhas... Ele, Jesus Cristo, sempre será o Mestre, a referência principal de todo o sistema educativo de Dom Bosco. O educador que não tiver a centralidade da vida em Jesus Cristo poderá ser até um ótimo professor, mas será um educador incompleto.

(12) *Parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.* – *Onde poderei adquirir a ciência?* As virtudes que indicam o caminho para a realização de sua missão: obediência ao Mestre e à ciência, para entender o verdadeiro sentido do mundo e da presença de Deus no mundo.

Eduquemos aplicando o dom da ciência (entendimento, também). Na Bíblia, “conhecer” significa compreender através da experiência do amor... A ciência nos leva a conhecer por amor, o dom que nos faz conhecer sem conceitos ordenados, mas que nos permite agir. É, ao mesmo tempo, experiência e intuição. A ciência é exatamente a *amorevolezza*, a relação de afetividade em sentido total com as pessoas e com as coisas: o coração que compreende. Sugere que, para entender uma pessoa ou uma obra, é preciso amá-la. Naturalmente, o Espírito nos conduz, sobretudo, para conhecer a Deus através do amor, como via mais direta e mais perfeita. Supera a funcionalidade e a racionalidade...¹⁵

Para tudo isso, é necessário estar disponível e ter a vontade de adquirir essa ciência ou aptidão para a educação dos jovens. A fonte alimenta um

¹⁵ Juan Edmundo Vecchi, *Estréia de 1998*, p. 19.

desejo de estar ao lado deles, mas se não existir o desejo, a fonte/coração não poderá alimentar projeto algum. Ser educador salesiano é uma realidade suscitada do interior mais profundo da pessoa, enraizada no desejo de salvação dos jovens e muito trabalho na aquisição da necessária disciplina e virtudes correlatas.

(13) *Eu te darei a Mestra*. A Mestra, Nossa Senhora, será a verdadeira pastora que conduzirá João Bosco pelos caminhos que o levará aos jovens e à santidade. “Foi Ela quem tudo fez” é a frase que resume a grandeza da presença de Maria na vida e na obra de Dom Bosco e dos salesianos. Maria é a face do amor materno da presença de Deus na história de cada um, em especial dos jovens.

(14) *Torna-te sábio!* Convite a se tornar sábio.

A sabedoria nos faz perceber a bondade e a beleza; torna-nos capazes de apreciá-las e, através delas, elevar-nos ao Criador. É a beleza da verdade, mas também dos gestos, dos comportamentos e tipos de existência, dos empreendimentos e obras de arte. Juntos, os três percursos constituem a sabedoria: com o olhar, chegar lá onde as realidades desencadeiam o bem, aprender a radicar-se sempre mais nele – fosse embora humilde e cotidiano, ascender para Deus. É próprio da sabedoria ajudar o homem a distinguir o bem do mal... nos coloca nas estradas do sentido da vida e nos dá a chave da felicidade que buscamos. Ilumina e orienta: é a bússola da vida... Dom Bosco falava da beleza da virtude, da natureza, da religião. A beleza atrai, entusiasma; não desperta tanto o sentimento da obrigação, mas do amor. Faz superar a superficialidade das análises da vida.¹⁶

A sabedoria fortalece interiormente e habilita para as ações cotidianas da pedagogia da convivência.

(15) *Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia*. Significa que se deve fazer a oração do *Angelus* três vezes ao dia.

(16) *Uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela*. Descrição do estado sobrenatural e da beleza dos que convivem com Jesus Cristo e com Maria.

¹⁶ Vecchi, *Estréia de 1998*, p. 17.

(17) *Me aproximasse*. Aproximação de João Bosco de Nossa Senhora. Nunca mais irá se afastar dela. A proximidade que indica a confiança de sua proteção e de sua presença em todas as casas salesianas. “Nossa Senhora está aqui, nesta casa, e anda pelos pátios e corredores...” A presença constante de uma Mãe em todas as atividades e realizações de Dom Bosco. Sem Maria, os salesianos não existiriam nem subsistiriam.

(18) *Tomando-me com bondade pela mão*. O carinho recebido por João Bosco de Nossa Senhora é a matriz de seu protótipo educativo. É a *amorevolezza*, substrato sobrenatural da bondade que ele quis em seu Sistema Preventivo, como base de toda abordagem pedagógico-evangelizadora. A bondade é a expressão primeira de Deus transferida na cordialidade da acolhida a qualquer jovem. Traduz também a presença de Jesus, o Bom Pastor, que carrega suas ovelhas nos braços e vai aonde elas se encontram para encaminhá-las para um lugar seguro, principalmente um lugar envolvido por muito carinho.

(19) *Eis o teu campo, onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto!* Trabalhar para Dom Bosco era a ação mais natural: “descansaremos no paraíso”, “um pedaço de pão e um lugar no paraíso consertam tudo”. Além disso, o trabalho era o lema diário de sua vida, pois começou a trabalhar muito cedo. “Trabalho e temperança farão florir a congregação”: queria os salesianos em manga de camisa para poderem trabalhar muito. Trabalhar é um componente essencial do carisma salesiano... Tornar-se humilde é a condição essencial em sua vida social, sacerdotal e espiritual. A humildade é a condição para que a presença de Deus e da ação de Maria se fizessem presentes. Dom Bosco humilde fez sobressair a providencial intervenção de Maria em todas as suas atividades e empreendimentos. “Forte” é a expressão de uma fortaleza de fé nas pessoas, nos jovens e em especial, na intervenção de Deus.

Eduquemos com o dom da fortaleza e para o dom da fortaleza. Significa coragem, constância, tenacidade, força interior, capacidade de assumir, resistência ao esforço, ao sofrimento, persistência nos propósitos. Para os educadores, esse dom leva a não serem nem hesitantes nem ambíguos, mas claros e explícitos nas avaliações e propostas, embora cheios de *amorevolezza*; a não ceder ao conformismo inundante, mas a educar também para a resistência; a ensinar que os resultados exigem um longo esforço, que a fidelidade prolongada traz consigo alegrias sempre novas e maiores. Hoje deve-se ajudar a compreender o significado da fidelidade para infundi-la, para edu-

car para ela. Em todos os lugares lamenta-se a fragilidade, a inconstância, a concepção de que se consegue tudo com facilidade, e que a pessoa se sente senhora da própria liberdade a ponto de não manter os compromissos assumidos. Por outro lado, temos admiráveis exemplos que, por fidelidade, têm levado à oferta da vida no cotidiano ou no martírio serenamente aceito.¹⁷

“Forte e robusto” se refere também ao estado natural de boa saúde para ser um educador livre em meio aos jovens. Para uma ação educativa convincente, é necessário um bom preparo físico, ter boa saúde e muita vontade. A ação educativa exige esforço e muito desgaste físico. O educador salesiano não se pode permitir não ser portador de uma presença vigorosa e cheia de iniciativas, nem manifestar cansaço. A preguiça era uma das atitudes mais combatidas por Dom Bosco, não cabe uma postura de preguiça em um jovem saudável.

(20) *Deves fazê-lo aos meus filhos.* Fazer de todo jovem um filho de Maria é o projeto concreto e meta final de toda a ação educativa de Dom Bosco: a evangelização. Dom Bosco fez de tudo para que os jovens vivessem na graça de Deus e não fossem vítimas do mal, dos vícios, do pecado. “Queres ser meu amigo? Ajude-me a salvar a tua alma.” As expressões sempre foram desse teor, ser amigo de Dom Bosco é sinônimo de trabalhar para salvar a alma. Neste empenho diário, a presença materna de Maria reforça a orientação do sentido da vida no presente e no futuro: somos filhos do mesmo Pai. Jesus é o Filho, e nele, por Maria, somos filhos e irmãos. Em outras palavras, a maternidade de Maria tem a finalidade de indicar a presença salvífica de Cristo na vida de todos.

(21) *Corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.* Levar todos os jovens para uma festa eterna de convivência na graça de Deus, sob o manto materno de Maria, era a sua preocupação diária. “Meus amigos serão Jesus e Maria” é uma expressão fruto dessa ordem recebida. Eucaristia e devoção a Nossa Senhora são os pilares de sua vida espiritual e oferecimento de caminho certo da santificação dos jovens. “Todo jovem que entra numa casa salesiana é levado pela mão materna de Maria.”

(22) *A seu tempo tudo compreenderás.* Dom Bosco foi compreender a grandeza das intervenções de Deus, das graças recebidas e da proteção de Nossa Senhora, só no final de sua vida, quando não mais tinha forças para

¹⁷ Vecchi, *Estréia de 1998*, p. 18.

outros empreendimentos em prol dos jovens. Um salesiano ou jovem só compreende a presença protetora de Nossa Senhora, no cotidiano de sua vida, quando um fato extraordinário mostra que ela sempre esteve presente, com a fidelidade maternal de uma mãe que cuida de seu filho em toda a parte. É uma certeza para todos os salesianos essa proteção especial de Maria.

(23) *Aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça, que naquela noite não pude mais conciliar o sono.* Nesse sonho aparecem os pilares da espiritualidade de Dom Bosco, Jesus e Maria. Mais tarde, essa presença materna de Nossa Senhora será sob o título: “Maria Auxiliadora dos Cristãos”. Hoje, em todos os lugares da terra onde estão presentes os salesianos, juntamente com todos os que aceitaram essa espiritualidade, testemunham e propagam que na centralidade da vivência salesiana está sempre Maria Auxiliadora como Aquela que nos protege em todas as atividades educativas e evangelizadoras.

Os sonhos de Dom Bosco são verdadeiras “revelações” da senda ou do caminho a ser percorrido. São linguagens que expressam a fisionomia da espiritualidade salesiana. Exemplo clássico é o sonho das duas colunas que manifestam as “devoções brancas” dos salesianos: a eucaristia, a confissão e a devoção ao papa, fidelidade à Igreja.

O sonho dos 9 anos torna-se a matriz arquetípica de quase toda a espiritualidade salesiana. Praticamente, aqui se encontra toda a presença do Sistema Preventivo. De modo especial, indica uma característica da ação salesiana através de uma presença qualificada pela bondade e *amorevolezza*, a assistência como presença fiel aos jovens para auxiliá-los em sua construção da personalidade: “bons cristãos e honestos cidadãos”.

6. Dos escritos de Dom Bosco

Em três biografias de alunos, Dom Bosco esboçou sua práxis educativa e suas linhas pedagógicas. As biografias de Domingo Sávio, de Miguel Magone e de Francisco Besucco oferecem um itinerário quase comum das abordagens de Dom Bosco. Em primeiro lugar, o oferecimento de uma amizade sincera que quer o bem, traduzido no empenho educativo pelo cumprimento dos deveres e pelo trabalho de viver bem e salvar a “própria alma”, isto é, seguir um caminho de santificação.

Esse caminho, além da presença de Maria, tem a confissão, a direção espiritual, as orações e a eucaristia como balizamento de sua direção. Amizade, confissão, eucaristia, cumprimento do dever e perseverança no bem, são pontos fortes da espiritualidade oferecida a esses jovens. De outra maneira, Dom Bosco resumia em algumas expressões os componentes de sua espiritualidade: a construção de um ambiente saudável mediante a obediência ao regulamento e a aquisição das virtudes da piedade, do trabalho e da alegria.

A primeira coisa que Dom Bosco queria era uma atitude de fé viva que se expressava numa vida de piedade, simples e forte, abundantemente alimentada pela Palavra de Deus, pelos sacramentos, pela oração e pela devoção a Nossa Senhora. Sintetizava tudo ao pedir que seus jovens lutassem por viver em estado de graça.

Trabalho: cada um devia cumprir bem o próprio dever, diariamente. Disso Domingos Sávio sempre foi um exemplo.

A alegria era uma de suas idéias-força. A graça de Deus gera no coração do cristão uma verdadeira alegria, e nos corações dos jovens ela é muito importante. Essa alegria estava presente em toda parte, nos cantos, nos pátios, nos jogos e na capela. Dom Bosco estava sempre presente, animava a todos com sua bondosa presença. Assim se constituía o ambiente educativo, cheio de alegria, de presença, era o “espírito de uma família”.

Domingos Sávio, se deixando guiar por Dom Bosco, abrindo seu coração generoso a Cristo e a seu diretor espiritual, o próprio Dom Bosco, desabrochava em verdadeiro progresso espiritual. O que vivia interiormente ganhou a expressão de compromisso com o ambiente e com os colegas, através da fundação da “Companhia da Imaculada” – grupo de alunos que se dedicavam, em homenagem a Nossa Senhora, ao apostolado, ao auxílio de seus colegas. Nessa tarefa, iluminados pela pedagogia salesiana, tinham por fim levar os jovens às práticas de piedade, a freqüentar os sacramentos, a cumprir bem os próprios deveres...

Domingos Sávio se tornou a obra-prima da pedagogia salesiana e sua santidade foi feita de correspondência às graças recebidas.

Antes de chegar ao fim da vida, as manifestações extraordinárias de uma presença de Deus em Domingos Sávio, eram muito claras. O próprio Dom Bosco escreveu: “No final do ano permiti a Domingos Sávio a comunhão diária: de fato, é a vida eucarística do

jovem que se reporta à sua vida mística. O seu tempo de ação de graças depois da comunhão era sem limites; não sendo incomodado, esquecia-se de tomar o café da manhã, do recreio e até da aula, permanecia em estado de contemplação da bondade divina... uma vez ficou em êxtase durante seis horas. Seja quando comungava ou quando se colocava diante do tabernáculo para rezar, logo era arrebatado – ‘parece-me ver coisas tão belas que as horas correm como um instante’. Conseguia conversar com Deus em qualquer lugar ou situação...”. Segundo Dom Bosco, vivia habitualmente absorto em Deus. Assim Deus lhe dava um conhecimento especial das coisas e dos acontecimentos. Dom Bosco afirma: “Tendo constantemente uma expressão de alegria, ninguém poderia dizer que estivesse sofrendo alguma dor. (No final da vida) vivia o mistério pascal da cruz e da alegria conjuntamente”.¹⁸

Dom Bosco afirma que Domingos Sávio é uma obra-prima da educação salesiana, e realça a necessidade de se levar em conta que um tão grande resultado não se obtém se não se cuida da construção de um ambiente educativo sadio.

Para Dom Bosco, nesse ambiente os educadores realizam intervenções oportunas, e as qualidades das relações educativas com os jovens devem gerar um ambiente de fé e de graça. Além disso, devem estar presentes uma confiança e uma ternura paterna profundamente sobrenatural; a importância do sacramento da reconciliação deve ser realçada ao lado da direção espiritual; o papel decisivo da eucaristia e da devoção a Nossa Senhora devem ser expressões de uma fé que se nutre de relações pessoais (Jesus e Maria amigos...); e há que se insistir no espírito de luta e de serenidade, dirigido sobretudo para o dever cotidiano e para a pureza, na clara disposição para o compromisso com os outros, para o apostolado, nos recursos da vida em grupo e da amizade espiritual... e, na base de tudo, na convicção de que Deus nos ama e que nos criou para a alegria. Tudo isso é objeto de uma formação paciente e criativa.

Ao comentar as relações pedagógicas entre Domingos Sávio e seu mestre, afirma: “Mas eis talvez a mensagem suprema de Dom Bosco: a santidade é contagiosa, é um fogo que se propaga. Se os educadores santos fossem mais numerosos, também seriam mais numerosos os jovens santos”.¹⁹

¹⁸ Joseph Aubry, *O santo educador de um adolescente*. São Paulo, Editora Salesiana, 1975, p. 182.

¹⁹ Aubry, *O santo educador de um adolescente*, p. 183.

O estilo educativo de Dom Bosco, segundo R. Giannatelli, pressupõe a criação de um ambiente educativo:

A nossa maneira de educar os jovens não se baseia somente nas relações pessoais. Acreditamos na importância da estrutura (ambiente) como veículo de valores. A necessidade de um ambiente foi uma das primeiras conquistas pastorais de Dom Bosco. E se tornou definitiva a tal ponto que não conseguimos conceber a ação educativa salesiana sem a consideração da qualidade do ambiente.²⁰

Assim, os traços mais comuns da pedagogia e da experiência pedagógica de Dom Bosco podem nos direcionar para um caminho que oferece, sem dúvida, resultados surpreendentes também nos dias de hoje.

7. Vivência de Dom Bosco

Eugênio Ceria afirma que, em Dom Bosco, alma cheia de Deus, o espírito de oração não tinha tais manifestações que dessem a percepção imediata da sua natureza e intensidade... nas coisas grandes como nas pequenas, sempre a mesma naturalidade, que, à primeira vista, nada revela nele senão um bom sacerdote.

Em Dom Bosco, da sua alma cheia de Deus, a alegria brilhava no seu aspecto, no seu sorriso, no seu habitual otimismo, e dele passava para todos os que o rodeavam. O “*servite Domino in laetitia*” era um artigo essencialíssimo da sua pedagogia.²¹

Um dos resultados dessa postura foi a conclusão que Domingos Sávio apresentou: “Aqui, nós fazemos consistir a santidade em estarmos muito alegres”. Nessa época, surgiu o testemunho de um jovem que ingressava no Oratório:

“Parece-me estar num paraíso terrestre. Todos são muito alegres, mas de uma alegria verdadeiramente celeste, sobretudo quando Dom Bosco está no meio de nós”. A vida do Oratório era toda feita de piedade, estudo e trabalho, mas temperada com santa alegria... esse espírito tinha nele uma única fonte: a íntima e habitual união com Deus, alimentada pela sua fé vivíssima.²²

²⁰ R. Giannatelli (coord.), *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma, LAS, 1987, p. 288.

²¹ Eugênio Ceria, *Dom Bosco com Deus*. Portugal, Província Salesiana, 1962, p. 58.

²² Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 200.

A oração de Dom Bosco... “A alma de Dom Bosco gozava de uma união contínua com Deus; parece que esse era o seu dom: nunca se distrair do pensamento amoroso de Deus, por muitas, graves e contínuas que fossem as suas ocupações e preocupações.”²³

Padre Rua afirma:

Aquilo que pude continuamente descobrir foi a sua contínua união com Deus... Os sentimentos de amor de Deus eram manifestados por ele com tanta espontaneidade, que se via que nasciam de uma mente e de um coração sempre mergulhados na contemplação de Deus e de seus atributos.²⁴

Também o cardeal Cagliero afirma:

O amor divino... transparecia-lhe do rosto, de toda a pessoa, de todas as palavras que saíam do seu coração, quando falava no púlpito, no confessionário, em conferências públicas ou particulares, como nos colóquios familiares. Esse amor foi o único desejo, a respiração, a ambição de toda a sua vida.²⁵

A vida de oração de Dom Bosco, oração de contemplação, o tornou profundamente próximo de Deus. Dessa convivência íntima de Dom Bosco com Deus surgiram alguns efeitos:

- Estado de alma semelhante à liquefação, uma fusão do coração pelo ardente fogo da caridade, pelo dulcíssimo sentimento do amor divino, que enche a alma de alegria inexprimível até produzir no corpo um místico langor, que por vezes faz desmaiar.²⁶ Entre os frutos da contemplação, um dos principais é a humildade.
- Um segundo efeito da oração de contemplação é o dom das lágrimas. Na íntima união da alma com Deus, o amoroso conhecimento da vontade divina acorda doces e vivas emoções do coração, que não cabendo em si, pede o desafogo das lágrimas. Dom Bosco teve o dom das lágrimas, que muitas vezes não conseguia conter.²⁷

²³ Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 277.

²⁴ Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 277.

²⁵ Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 279.

²⁶ Cf. Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 281.

²⁷ Cf. Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 284.

- A certeza indubitável da presença contínua de Deus.
- Uma presença íntima de Deus que produz coragem, força, inalterável paciência em tudo sofrer por amor de Deus. Esse desejo cresce sempre, apesar de tantas tribulações.²⁸
- Um desejo ardente de louvar a Deus. A alma, inflamada de amor divino, queria ser toda voz para louvar o Senhor; queria que Ele fosse louvado, conhecido e glorificado universalmente.²⁹
- Um grande desejo de ajudar o próximo. A alma que vive em Deus consegue ser útil ao próximo sem se dar por isso, porque no ato de acolher, socorrer e consolar, recebe graças que lhe tornam as ações eficazes. Dom Bosco foi de uma caridade inexaurível em tratar com o próximo, caridade inefável em aliviar os aflitos, caridade heróica em procurar os meios de fazer a caridade.³⁰
- Sua união íntima com Deus levou a ter em sua vida diária uma transparência de fé. Dom Bosco foi um místico em todo o sentido da palavra. Os místicos não vivem ilhados em suas contemplações, alienados do mundo, pelo contrário,

os verdadeiros místicos são pessoas de prática e de ação, não de raciocínios ou teorias. Têm o sentido da organização, o dom da chefia e manifestam-se como ótimos administradores. As obras que estabelecem têm condições de vida duradoura; têm senso da realidade e da intuição.³¹

Devido a esses testemunhos de quem conviveu com Dom Bosco, não existe motivo para não proclamar a profundidade da vida interior e da intimidade que nosso fundador teve sempre. A qualidade de sua vida tinha nessa vivência interior profunda a sua verdadeira motivação e dinamismo. A proporção com que as obras salesianas se difundiram pelo mundo tem sua explicação no poder da fonte de onde tudo se originou: aprofundada intimidade de Dom Bosco com Deus e com Maria Auxiliadora.

²⁸ Cf. Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 287.

²⁹ Cf. Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 286.

³⁰ Cf. Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 287.

³¹ Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 291.

8. Espiritualidade de São Francisco de Sales

A espiritualidade de São Francisco de Sales é marcada pela graça de Deus concedida à alma desejosa de amor e união. A pessoa é quem regula o fluxo da presença de Deus, mediante sua graça, como se lê em sua obra *Tratado do amor de Deus*:

“Por abundante que possa ser a fonte, suas águas não entram em um jardim de acordo com sua afluência de fonte, mas entra de acordo com a capacidade do canal que a conduz. Assim o Espírito Santo, fonte de água viva, mesmo que circunde e se avizinha de nosso coração para inundá-lo com sua força, depende de nós, de nossa disposição, cooperação e consentimento para receber suas graças” (Tomo II, 11).³²

Três são as espécies de êxtase, na visão de São Francisco de Sales: o êxtase da contemplação, o êxtase da afeição e o êxtase da ação. Com o êxtase da ação, para São Francisco de Sales, acontece a nossa própria superação na entrega à causa de Deus e dos homens – vê uma tão íntima união com Deus, que a alma pode enfrentar todas as lutas da caridade por causa do Senhor.³³

“O êxtase é denominado ‘arrebato’, pois por meio dele, Deus nos atrai e nos eleva até Ele. Pelo arrebato ou êxtase, saímos e permanecemos fora e além de nós para nos unir a Deus. Os movimentos, impulsos ou sensações que nos impelem para Deus são extraordinariamente doces, suaves e deliciosos (agradáveis e prazerosos). Devido à força com que a beleza e a bondade divinas arrebatam para si a atenção e a aplicação do espírito, não somente nos elevam, mas também nos arrebatam e nos transportam para longe. Depois do consentimento da alma, impelida pela força ardente com que foi arrebatada, ela se entrega aos divinos apelos. Então, não somente ela se lança e se eleva, mas também se sente lançada fora de si, imersa na própria divindade...” (Tomo VII, 4).

“Assim a vontade tocada pelo amor celeste, se projeta e se abre para Deus, abandonando todas as inclinações terrenas, e se entregando de tal modo ao arrebato, não da consciência, mas de gozo, não de saber, mas de experiência, não de visão, mas de amor e de plenitude” (Tomo VII, 5).

³² Citado por É.-M. Lajeunie, *La spiritualità di San Francesco di Sales*. Turim, Elle Di Ci, 1967, p. 114.

³³ Lajeunie, *La spiritualità di San Francesco di Sales*, p. 126.

A sólida união com Deus, longe de ser incompatível com a ação, é, ao contrário, motivo de uma doação e entrega pura e total a Deus e aos homens: é o *êxtase da ação*.³⁴

Essa doutrina exige que se complemente a ação através da santa indiferença, que é nada amar senão por amor à vontade de Deus. Deve-se ser indiferente a tudo que não ama conforme a vontade de Deus, mas tudo, porém, pode amar conforme essa vontade e tudo quer amar nessa vontade, e tudo o que estiver alheio a essa vontade lhe permanece indiferente, e tudo que estiver nessa vontade se torna querido e desejado como objeto de seu ardente amor.

Ora, a vontade divina é o próprio Amor infinito que quer todo o bem possível na criação, todo o bem possível em mim e para mim e para os meus irmãos, assim devo amar, querer e realizar o bem em toda a sua possibilidade de que seja capaz o meu amor, identificado com o amor de Deus.³⁵

Esse amor cordial deve ser acompanhado de duas virtudes: afabilidade, que difunde certa suavidade em todas as ações e relações, e a boa conversação, que nos torna simpáticos e agradáveis em todas as conversações, mesmo as menos sérias (bom humor como expressão da caridade).

Para São Francisco de Sales o amor é forte como a morte. O amor é forte como a morte, pois faz tudo por afeto, enquanto a morte faz por efeito. Ele separa a alma do corpo e de todas as coisas do mundo para uni-la eternamente a Deus. Esse é o seu triunfo sobre a morte.

A salesianidade nos revela também a harmonia da religião com a vida cotidiana: todas as atividades, também as mais humildes, estão sob o signo da caridade que lhes confere um valor infinito. Assim, em qualquer situação, uma pessoa pode viver a vida da caridade, da graça e se santificar unindo-se à vontade de Deus.

“Pode-se resumir a doutrina de São Francisco de Sales com essas palavras, saídas de seu coração: “Tudo por amor e nada por força; ou amar ou morrer: morrer e amar. O amor é mais forte que a morte”.”³⁶

³⁴ Lajeunie, *La spiritualità di San Francesco di Sales*, p. 127.

³⁵ Lajeunie, *La spiritualità di San Francesco di Sales*, p. 134.

³⁶ Lajeunie, *La spiritualità di San Francesco di Sales*, p. 187.

9. Dom Bosco e Francisco de Sales

Muitas atitudes de Dom Bosco provieram dessa santa fonte, do coração amoroso de São Francisco de Sales. Uma das mais importantes intuições de Dom Bosco referentes à pedagogia provém de São Francisco de Sales e da imagem do Bom Pastor: a *amorevolezza*. Essa mesma atitude fundamental no Sistema Preventivo ganhou outra tradução: “educação é coisa do coração”. Semelhantemente, esse princípio se traduziu em conselhos aos diretores e a todos os educadores: “não basta amar, é preciso se fazer amar!”.

Ao cotejar a tradição pedagógica salesiana se poderia individualizar outros motes que tiveram sua fonte na doutrina da afabilidade de São Francisco de Sales. Pode-se afirmar que, ao lado da teologia da espiritualidade salesiana, a vivência pedagógica do ambiente educativo, traduzido por Dom Bosco em espírito de família, tem também suas raízes na doutrina do amor de Deus de São Francisco de Sales. Talvez, devido aos desvios do jansenismo da época, não se acentuaram traços da piedade salesiana vivenciados, por exemplo, por São Domingos Sávio, para as expressões mais claras quanto à construção da vida interior como proposta de uma dominante do mote geral: “formar bons cidadãos e bons cristãos”.

O fato de termos como fonte a doutrina espiritual de São Francisco de Sales mostra a possibilidade latente de se aprofundar e justificar os traços fundamentais de nossa espiritualidade. Esta se mostrou sempre vigorosa, mas hoje carece de algumas acentuações que São Francisco de Sales pode, através de seus escritos, auxiliar, principalmente nas expressões de uma vivência já codificada pela tradição, mas carente de melhores expressões que possam lhe renovar o vigor que sempre teve.

Afabilidade e alegria mereceriam um estudo bem mais aprofundado ante tantas expressões de auto-ajuda, de busca de auto-realização ou de procura de caminhos saudáveis para uma vivência melhor.

II Educação e sensibilidade



Introdução

Relacionar educação a sensibilidade é trazer um caminho, uma mediação, tendo em vista a consecução de um fim maior: a realização possível da pessoa.

Na educação, existe um acordo comum quanto à sua natureza e os objetivos a serem perseguidos, ou ainda quanto a um horizonte com poder iluminador e doador de sentido, que é adquirido enquanto se busca e quase nunca é alcançado. Mas o horizonte amplo está presente como suporte de um sonho que está prestes a se realizar em sua potencialidade, tanto quanto o sujeito estiver preparado para o conter ou o fazer desabrochar.

A educação, nesse sentido, passa a fazer parte da iluminação de um grande desejo em si ou expressado por outrem, como um pai que antevê, em seu sonho, o mistério da educação do filho.

Assim, temos conceituado educação como busca de um sentido mais pleno, realizada por etapas ou estágios mais concretos, como uma profissionalização com êxito. Porém, permanece o sentido como característica maior que concede vigor, brilho e singularidade aos valores incorporados.

Em conjunto, esses valores expressam o todo procedente de uma personalidade rica e acabada para aquele momento que a linguagem comum denomina, precariamente, maturidade.

Também não se pode deixar de inserir nesse quadro a questão do sentido enquanto conjunto de valores que possibilitem um viver a partir do próprio processo individual, desde que se atinja uma finalidade maior concedente de percepção que se totaliza na transitoriedade e na relatividade do instante ou da condição humana. Assim, a ressurreição de Cristo, para os cristãos, é o valor maior que ilumina e plenifica todos os caminhos ou concepções metodológicas educativas.

Em proporções menos abrangentes, a educação é tomada como capacitação parcial para as exigências de uma idade ou de uma pessoa histórica que, então, pode e deve se expressar de maneira competente. Nessa acepção, mesmo na parcialidade de um corte epistemológico, podem-se considerar os inúmeros componentes que interagem na composição de uma perspectiva educativa.

A *sensibilidade* de uma pessoa se vislumbra como a perspectiva composicional de sua totalidade, que se propõe um caminho educativo ou um itinerário a ser percorrido. A sensibilidade é vista também como exercício de atualização de potencialidades que se explicitam em atitudes e posturas de uma personalidade. Como faculdade muito humana, a sensibilidade direciona a trajetória de uma pedagogia que se apresenta como apta para levar as pessoas a atingirem seus objetivos. Quando uma pessoa atinge seus objetivos educacionais, eles podem se tornar parâmetros para outros, como exemplo de metas atingidas. Vale dizer que as conquistas em termos de educação podem se tornar modelos para outros.

A presença da sensibilidade como caminho possível de atingir altos graus de desenvolvimento pessoal legitima o sensível como viabilidade de um processo educativo seguro devido às mudanças históricas, de modo especial relativo às mudanças focais em relação às faculdades do homem.

No passado recente, a metodologia científica positivista, a perspectiva filosófica racionalista e a ciência física newtoniana privilegiaram por vá-

rios séculos uma visão de mundo, uma utopia de progresso e uma sociedade idealizada de igualdades utópicas. Com a queda do primado da racionalidade instrumental, a ciência, a filosofia, a epistemologia e a psicologia passaram a potenciar uma visão mais ampla do mundo e da verdade, mais múltipla que unitária, em que as outras faculdades do homem obtêm vez e voz, como propulsoras de uma especial educação que corresponda às necessidades de um mundo não mais unificado, mas pluricultural, plurifocal.

Essa cultura emergente pede e exige uma educação voltada para a criatividade, para o sensível, para o espiritual, para o sentido estético, para o gozo imediato, para o prazer momentâneo. A atualidade da visão diferenciada revela a necessidade de um outro sistema educativo, pois mudando a realidade, devem mudar as metodologias.

Nesse horizonte, se valorizam potencialidades do homem que eram tidas como subalternas, e que as exigências dessa cultura plurifocal vêm solicitando como necessárias. A presença da estética, da criatividade, do mundo do simulacro exigem competência de sensibilidade para satisfazer a essas perspectivas. Nesse sentido, se constata que jamais houve época que tenha criado tanto e que tenha colocado tantas invenções a serviço da satisfação das pessoas.

A sociedade e/ou a cultura da estética emolduraram o mundo do instantâneo, do simultâneo, da satisfação imediata, do prazer imediato, da satisfação do prazer antevisto ou sonhado. Instaurou-se a cultura do prazer sem limites. A sensibilidade está disseminada em toda a parte. O simulacro e o digital do mundo *on-line* direcionam os desejos para uma insaciável sede de mais perfeição que o próprio legado natural. Ao artificializar tudo, a sensibilidade se exaspera ante os desejos irreprimíveis e estimulados para o prazer, ao mesmo tempo que para um mundo de contínua criatividade e fugacidade.

Essa cultura geral, global, não suplanta as ilhas de outras ativações da sensibilidade para realidades mais profundas, como a espiritualidade e a ecologia.

1. Modalidades da sensibilidade hoje

Atualmente, vários autores têm abordado as faculdades humanas partindo de pontos de vista diversos, que oferecem grande variedade de possibilidades de se focar a sensibilidade. Essas apresentações têm um referencial como ponto de partida, ou uma focalização especial a partir da qual se es-

pecificam as características proeminentes das faculdades humanas, no caso, a sensibilidade.

De maneira geral, se verifica que a origem de um traço de pesquisa desponta sempre com a intenção de reiterar uma faculdade, nuanças ou poderes das faculdades esquecidas ou preteridas pela cultura da racionalidade. A diversidade permitiu que as acentuações esquecidas das potencialidades do homem se fizessem presentes e atuantes, como pontos focais de dimensões simples, mas não sublinhadas na cultura da racionalidade.

Alguns autores descrevem o mundo, o conhecimento, a integração com o mundo e consigo mesmo, potencializando a sensibilidade como expressão de uma verdadeira sabedoria.

Leonardo Boff expressa muito bem seu conceito de sensibilidade no livro *Saber cuidar*. Ele apresenta a relação do homem com o mundo planetarizado passivo de uma especial atitude de “cuidado” necessário para a manutenção da ecologia, como fator preponderante de possibilidade da vida. A ética humana não pode descartar a preocupação com o meio ambiente que, por sua vez, reflete na auto-imagem e no especial cuidado que a pessoa tem de ter para consigo mesma para obter uma interioridade, uma vivência mais saudável.

O cuidado com o planeta repercute no interior da pessoa como sabedoria proveniente do “cuidado” que se tem para com o mundo e para com as pessoas. “Cuidado” é uma faculdade, uma especial sensibilidade para com o interior, para com as repercussões que qualificam a vida, que estetizam o instante.

Para Boff, o cuidado pertence ao ser do homem, lhe é constitutivo, é uma sensibilidade especial:

Entretanto, o cuidado é ainda algo mais que um ato e uma atitude entre outras. Disse-o o filósofo que melhor viu a importância essencial do cuidado, Martin Heidegger (1889-1976) em seu famoso *O ser e o tempo*: “Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”. Quer dizer que o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se ele fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra re-

alidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.³⁷

Essa característica do cuidado pode muito bem ser tratada como uma das manifestações essenciais da sensibilidade. Cuidado passa a ser constitutivo do ser, e a sensibilidade engrandece o ser a partir de seu estado de existir, a partir de sua ontologia.

O autor vai tecendo suas considerações sobre o cuidado até que se transforme em forma estética de um viver prazeroso. Então o cuidado se torna sensibilidade máxima ou ternura essencial:

A ternura vital é sinônimo de cuidado essencial. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um conhecimento que vai além da razão, pois mostra-se como inteligência que intui, vê fundo, estabelece comunhão. A ternura é um afeto... que à sua maneira também conhece. Na verdade só conhecemos bem quando nutrimos afeto e nos sentimos envolvidos com aquilo que queremos conhecer... O enternecimento é a força própria do coração, é o desejo profundo de compartilhar caminhos.³⁸

Essa descrição do cuidado traduz claramente a potência da sensibilidade na determinação da vida. Além disso, ao aprofundar essa noção de cuidado e sensibilidade atinge o essencial do homem que se expressa ternamente:

A carícia que nasce do centro confere repouso, integração e confiança. Daí o sentido do afago... Como a ternura, a carícia exige total altruísmo, respeito pelo outro e renúncia a qualquer outra intenção que não seja a da experiência de querer bem e de amar... O afeto não existe sem a carícia, a ternura e o cuidado. Assim como a estrela precisa da aura para brilhar, assim o afeto precisa da carícia para sobreviver... Ora, é próprio do coração captar a dimensão axiológica, valorativa do Ser em sua totalidade... O coração consegue ver além dos fatos; vê seu encadeamento com a totalidade; discerne significações e descobre valores. A cordialidade supõe a capacidade de sentir o coração do outro e o coração secreto das coisas. A pessoa cordial ausculta, cola o ouvido à realidade, presta atenção e põe cuidado em todas as coisas.³⁹

³⁷ Leonardo Boff, *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 34.

³⁸ Boff, *Saber cuidar*, p. 120-121.

³⁹ Boff, *Saber cuidar*, p. 121-122.

Essa bela descrição da potencialidade do coração coloca no centro de tudo a capacidade de perceber e de sentir como elemento essencial para uma qualidade e uma profundidade do ser, da vida, especificada na beleza que se congrega ao redor da pessoa determinada e comandada pela sensibilidade do coração. Deduz-se, pois, como o coração ou a sensibilidade podem engrandecer ou embelezar o cotidiano centrado na preocupação de se auscultar e de se deixar levar pela beleza das intuições brotadas da generosidade de um coração sensível e aberto. Aqui a sensibilidade é um caminho seguro e valioso de uma pedagogia que postula a profundidade de tudo: do mundo e do homem.

Boff fala ainda da necessidade de uma “convivialidade” para qualificar as relações do ser humano. Finalizando, propõe uma atitude de extrema sensibilidade: “uma compaixão radical”. Essa compaixão resulta de uma sensibilidade direcionada para o outro, uma atitude de ir ao encontro do outro para partilhar suas alegrias, caminhar junto com ele, “construir a vida em sinergia com ele”.⁴⁰ A sensibilidade, ao estabelecer as dimensões mais profundas do homem, indica o sentido e as possibilidades de auto-realização pelo estado de cooperação e convivialidade.

Assim como Boff explicitou a capacidade do “cuidado” como expressão de uma sensibilidade humana essencial, outros autores, seguindo a mesma trajetória, contribuem para a indissociabilidade das faculdades humanas como caminho de uma construção pessoal autêntica.

Outro autor que apresenta a sensibilidade como fator decisivo de aprendizagem e conhecimento é Luis C. Restrepo. Em seu livro *O direito à ternura*, escreve sobre “a incapacidade da escola de captar as tonalidades afetivas que dinamizam ou bloqueiam os processos de aprendizagem”.⁴¹ Ele propõe:

Entender o ensino como uma formação da sensibilidade que dá ao pedagogo o perfil de um esteta social, alguém que tem como matéria-prima o corpo, a fim de modelá-lo a partir de uma certa idealidade, provocando o gesto a partir da linguagem com o propósito de favorecer a emergência de sensibilidades e afeições que têm como paradigma a aproximação delicada à realidade do outro... a estética pedagógica exige uma atitude de precisão e cuidado que só pode ser alcançada se aceitarmos o importante papel que a dinâmica afetiva desempenha no ambiente educativo.⁴²

⁴⁰ Boff, *Saber cuidar*, p. 126.

⁴¹ Luis C. Restrepo, *O direito à ternura*. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 33.

⁴² Restrepo, *O direito à ternura*, p. 36.

À guisa de conclusão, Restrepo afirma:

Trata-se muito mais de compreender que há sempre na emoção algo de razão e na razão um tanto de emoção... A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares.⁴³

Esse autor fala da indissociabilidade dos processos cognitivos e afetivos, não cabendo a primazia da racionalidade. Neurologicamente, é demonstrado que os processos cognitivos e emocionais dependem do cérebro, e como tal apelam para o homem todo.

Andrea Gasparino apresenta um processo de unificação interior a partir da sensibilidade decorrente da auscultação do próprio coração. Para ele, o coração é o centro propulsor de todas as atividades e atitudes profundas que revelam a pessoa. Define o centro nevrálgico da pessoa como o coração:

Coração designa na tradição oriental o centro do ser humano, a raiz de todas as faculdades ativas do intelecto e da vontade, o ponto de onde provém e para o qual converge toda a vida espiritual. É a fonte obscura e profunda da qual deriva toda a vida psíquica e espiritual do homem e através da qual o homem se aproxima e comunica com a própria fonte da vida.⁴⁴

Sem dúvida, o centro de uma pessoa focado no coração proporciona a sabedoria desejada quando auscultado. O coração torna-se o órgão da sensibilidade e força para os conhecimentos e aprofundamentos da vida e do mundo.

Outro autor que preconiza a sensibilidade como fator determinante de conhecimento e de posturas pessoais é Daniel Goleman, divulgador do conceito de “inteligência emocional”. Em seu livro *Trabalhando com a inteligência emocional*, ele relaciona a competência emocional à capacidade de trabalho:

Competência emocional é uma faculdade adquirida, que determina nosso potencial para aprender as habilidades práticas que estão ba-

⁴³ Restrepo, *O direito à ternura*, p. 37.

⁴⁴ Andréa Gasparino, *A oração do coração*. São Paulo, Editora Salesiana, 1997, p. 41.

seadas em cinco elementos: autopercepção, motivação, autorregulação, empatia e aptidão natural para os relacionamentos.⁴⁵

Associa a aquisição dessas competências ao sucesso no trabalho, principalmente em atividades que exigem maiores fatores motivacionais: “As capacidades implícitas da inteligência emocional são vitais para que as pessoas adquiram com êxito as competências necessárias para ter sucesso no trabalho”.⁴⁶ Para esse autor, a inteligência emocional pretende atingir o âmago do ser, para que as pessoas, ao adquirir essas habilidades propostas, possam compreender melhor a si, aos outros e obter uma qualidade de vida em mais profundidade, em maior amplitude de entendimento ou de sabedoria.

Já Robert Cooper e Ayman Sawaf, em *A inteligência emocional na empresa*, propõem a profundidade de autoconhecimento e a meta de uma pessoa íntegra a partir de suas potencialidades como foco principal para se sair bem em qualquer empresa.

Segundo esses autores, se necessita de uma vida em profundidade e de autenticidade e coerência consigo mesmo para melhor possuir e administrar o próprio potencial emocional. Seu poder de dinamização pessoal provém desse elemento básico, de uma sensibilização extremada e profunda, de um grande cabedal de inteligência emocional.⁴⁷

Autor de muita presença nos dias de hoje, Domenico De Masi, em seu livro *A emoção e a regra*, mostra uma pesquisa a respeito de pessoas vencedoras em seus negócios desde o século passado. Constata que o sucesso dessas pessoas se baseia na capacidade de criatividade e de operacionalizar as invenções. A criatividade está relacionada à sensibilidade para o novo, para o que ainda não foi encontrado e nem expressão havia para denominar essa realidade.

Para se atingir esse grau de criatividade, ele estudou as pessoas, determinou-lhes maior ou menor grau de sensibilidade ou apelos captados e desenvolvidos. Determinando as características dos “grupos criativos”, chegou a alguns traços importantes:

As habilidades intelectuais e a preparação rigorosa dos indivíduos são exaltadas por um forte envolvimento emotivo e, quase sempre, por uma admirável correção profissional, além de um forte senso de união

⁴⁵ Daniel Goleman, *Trabalhando com a inteligência emocional*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1999, p. 38.

⁴⁶ Goleman, *Trabalhando com a inteligência emocional*, p. 39.

⁴⁷ Cf. Robert Cooper e Ayman Sawaf, *Inteligência emocional na empresa*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

por pertencer ao mesmo grupo. Espírito de iniciativa, confiança recíproca, vontade firme, dedicação total, flexibilidade, procedência ligada à expressividade do trabalho mais que a instrumentalidade, orientação para o trabalho criativo... culto pela estética, pelos valores, pela dignidade e supremacia da arte e da ciência acima de qualquer outra expressão da atividade humana.⁴⁸

Ao deparar com as habilidades sugeridas pelos membros dos “grupos criativos”, constata que muitas capacidades provenientes de alto teor de sensibilidade e autopercepção, criatividade, arte e inventividade dependem de uma sensibilidade e apelos à inovação, às intuições. Somente uma educação para a sensibilidade a esses estados é que capacita as pessoas a exercer a criatividade com persistência e perseverança.

A sensibilidade deve ser muito bem desenvolvida e desejada em estado de profunda dedicação, para atender à oferta e ao desenvolvimento de oportunidades que a atual cultura exige e solicita.

2. Sensibilidade na pedagogia salesiana

Dom Bosco, fundador dos salesianos, deixou uma peculiar maneira pedagógica de abordar jovens e crianças. Tendo como matriz sobrenatural as figuras da Mãe e do Bom Pastor, reveladas no sonho dos 9 anos, traduziu sua intuição pedagógica num sistema educativo ao qual denominou Sistema Preventivo.

Todas as atitudes de Dom Bosco brotaram de sua excepcional sensibilidade para com os meninos abandonados ou para com os jovens sentenciados que aguardavam a morte nas celas das prisões de Turim (Itália). Sua intuição pedagógica se tornou tremendamente preventiva. Além disso, a sensibilidade o impeliu para a tradução de sua intuição pedagógica em uma atitude bastante prática: a preventividade.

Desse conceito brotou outro, tão elementar quanto o primeiro, que determina a qualidade e a essência das relações educativas: o espírito de família. Idealizou então uma convivência de afetuosa presença para melhor mostrar os erros a serem evitados e uma convivência que fortalece os laços de profunda admiração, aceitação e “amorização”.

⁴⁸ Domenico De Masi, *A emoção e a regra*. 2ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio/UnB, 1999, p. 20.

Essa sensibilidade tinha um caráter iminentemente prático. Tentou de tudo para promover em dignidade os jovens pobres, lhes dando a possibilidade de uma profissionalidade. Tal relação de promoção humana revela o desejo em sua profundidade de uma sensibilidade habitada pela bondade, pelo afeto e pelo bem real do educando. A matriz dessa sensibilidade é a própria sensibilidade divina mostrada em Cristo Bom Pastor que cuida das ovelhas em atitude de completa gratuidade.

Para que se espelhasse um afeto familiar, mostrou que a convivência entre educador e educando deve ser pautada por um sério compromisso de compreensão da situação do outro, no caso, dos educandos. Assim, quis sempre um ambiente educativo onde a liberdade para o bem não tivesse limites, onde a alegria expressasse toda a possibilidade de criatividade e de expansão.

Sem dúvida, em seu Sistema Preventivo, todos os meios artísticos são utilizados como expressão de possibilidades pedagógicas. Música, teatro, jogos e qualquer outra atividade no pátio, tudo deveria se revestir de expressão educativa como possibilidade de expansão, socialização, compreensão de si, do mundo e das pessoas. Um ambiente fortemente sensível à gratidão e à disciplina para o trabalho.

Outras manifestações da sensibilidade de Dom Bosco se referem à formação religiosa como sentido e referência de todo o criado. Fruto lídimo dessa educação religiosa sempre foi um espírito de família que espelha a presença afetuosa de Deus e de Maria na convivência diária.

Também não se concebia a vida sem um sagrado otimismo gerador de muita serenidade e alegria. Essa alegria tinha as expressões mais ruidosas no pátio, mais enlevantes nas orações na capela, mais sérias no empenho do cumprimento do dever e mais comprometida com a disciplina que regia a vida em suas instituições.

No conjunto de sua obra, em Turim, a figura de pai, em Dom Bosco, pairava como inspiração para todos. Dom Bosco sempre se valeu dessa conquista para promover e entusiasmar os jovens e seus educadores/colaboradores. A partir desse horizonte, as cartas, as frases e a maneira de ser salesiano, tudo foi espelhado na sua figura. Tudo se tornou primordialmente importante e significativo.

Algumas expressões de Dom Bosco ilustram bem seu interior: “Basta que sejam jovens para que eu os ame!”, “Educação é coisa do coração”; “Que-ro dedicar todas as minhas energias para o bem de vocês!”. Nesse sentido,

criou um termo que expressa toda a sua sensibilidade e afetividade para com os jovens: em sua casa, tudo tem de ser feito com *amorevolezza* (bondade, carinho, amor demonstrado). Esse é o terceiro conceito de seu tripé pedagógico: razão, religião e *amorevolezza*.

Existe outra manifestação pedagógica de Dom Bosco que não se traduziu em uma expressão, mas foi muito intensa para seus coetâneos: sua capacidade de imaginar e sonhar com grandiosidade. Sonhou com a presença de seus salesianos em toda parte do mundo. Soube sensibilizar a todos com seu entusiasmo ao levar a vida que se vivia em Turim para todos os confins da terra, para todos os continentes. Esse ardor missionário engrandecia o cotidiano, estimulava a sensibilidade pedagógica.

Conclusão

O filósofo Alejandro Llano propalou uma filosofia voltada para a “nova sensibilidade” que o advento da pós-modernidade trouxe. Essa cultura valoriza a sensibilidade como expressão genuína do homem para se capacitar e para se defrontar com as novas demandas. Se existe uma nova sensibilidade, ela se contrapõe à hegemônica racionalidade de uma cultura iluminística, cuja utopia se esvaiu com a queda do muro de Berlim.⁴⁹

Em pedagogia, as tantas modalidades de se abordar essa nova sensibilidade oferecem possibilidades reais de relações pedagógicas verdadeiras, com possibilidades de êxito pelo poder de suscitar o potencial da pessoa como um todo.

Nesse horizonte, apontamos a pedagogia de Dom Bosco, toda centrada no afeto e na sensibilidade, na *amorevolezza*, como uma fonte para alimentar tantas perspectivas de uma sensibilidade coerente e com objetivos educativos claros.

O amor de Dom Bosco para com seus educandos será sempre a luz e o farol para todos quantos acreditarem nos valores que estão à espera de um educador que os suscite ou saiba criar um ambiente profundamente afetivo, para que toda a riqueza humana, de que os jovens são portadores, desabroche para uma vida de compromisso consigo mesmos, com os outros e com a sociedade.

⁴⁹ Cf. Alejandro Llano, *La nuova sensibilità: il positivo della società postmoderna*. Milão, Edizione Ares, 1995.

Se, para Dom Bosco, “educação é coisa do coração”, para os educadores de hoje, “educação é a sensibilidade compromissada com a verdade interior de cada jovem, com os seus anseios e com sua capacidade de se situar no tempo em direção ao futuro”. Assim, os educadores generosos e sensíveis serão sempre sonhadores com um potencial grandioso de personalidades belas e coerentes.

Atrás de todo entusiasmo se encontra a fonte de uma perspectiva sem retorno e sem decepções. A missão do educador é concriar com Deus, colaborar para que cada pessoa seja o esplendor sonhado por Ele. Nós, colaboradores humildes, veremos grandes coisas... mesmo na humildade de nosso cotidiano.

III

Alegria, desejo e prazer na educação salesiana



Introdução

Em todas as culturas, a alegria determina um conjunto de expressões das interações vitais das pessoas consigo mesmas, com os outros e com o ambiente em que se vive, ou com qualquer ambiente ou local fantástico em que estiver presente e fizer parte do imaginário das pessoas ou do grupo de pessoas que se organizam e se ordenam sistemicamente.

Ao percorrer as diversas culturas, se encontram as mais variadas expressões da vivência de estados de alegria. A motivação ou as fontes da alegria, como estados de satisfação ou de euforia perante o ato de viver, adquire conotações que mostram os horizontes de significação para as pessoas que interagem dentro daquele sistema cultural e que entendem os momentos que ocasionam esses estados.

Faz parte do viver o sentido que se expressa através desses estados de distensão, de abertura para um foco menos exigente quanto ao empenho ou à dedicação. Esse estado de distensão se refere culturalmente ao que se assume como tal.

Porém, pode-se afirmar que todos os povos, em sua variabilidade cultural, possuem maneiras de expressar reciprocamente esses estados de descontração do fluxo do trabalho e de vivenciar estados de amplitude e expansão do significado da comunicação humana com uma linguagem especial.

Cada cultura possui rituais e linguagens capazes de prolongar o bem-estar, o gozo perante os quais acontece um hiato ou supressão do compromisso oposto, o da seriedade do adulto. Durante estes estados as pessoas se revelam no compromisso intenso com o que se faz (ou no cumprimento do ritual) e na postura convincente e condizente com o sentido que elas descobrem para si em seu íntimo e comunicam aos seus semelhantes.

Por originar momentos em que a vida se abre para expressões de satisfação e suspensão, esses estados vivenciais fazem verdadeira distinção do tempo comum, parte do *modus vivendi* das pessoas, e passam a compor o sentido que cada um busca para si enquanto pessoa. Como tal partilha esse estado de satisfação como expressão da sintonia consigo mesma, com os seus semelhantes e com a natureza.

A alegria interfere de maneira intensa na assunção da vida e na capacidade de se significar ou de ser portadora de sentido para si, para sua época e para todos os atores que interagem e cooperam para que a pessoa se reconheça, se assuma e passe a ressignificar o próprio viver.

Por outro lado, quando ocorre essa postura no interior da pessoa, esse acontecimento interfere na qualidade da comunicação do próprio ser com outros com quem interage cotidianamente. Em outras palavras, a pessoa passa a ser portadora de sentido e, também, de engrandecimento ou de distensão da vida de outras pessoas.

A alegria enraizada no mais íntimo do ser das pessoas é um fator determinante da qualidade da interação delas entre si. Construindo uma imagem de grupo, são capazes de criar expressões muito sentidas e desejadas da vida como distinção e sentido maior, de possibilidade e de transcendência até. Mais precisamente, um grupo se torna capaz de aumentar

seu potencial de profundidade e de agradabilidade da vida ao expressar as mais variadas manifestações de coerência das próprias vidas tocadas pela alegria, podem ser modelares e suscitar horizontes para que outros grupos se deixem melhorar nessa visão e no sentido da vida.

No campo das culturas não se concebem povos que não possuam expressões de alegria, ou cuja vida não se distinga por momentos de intensa alegria e muita descontração.

Tanto os povos de culturas mais genuínas como aqueles com as culturas já maculadas pela influência da supremacia da cultura globalizada, ainda conservam resquícios de uma originalidade ancestral das expressões de uma saudosa e imensa alegria, mesmo que tenha sido em tempos imemoriais, marcados pela utopia de um passado intangível.

Todos desenvolveram estados elementares de manifestações da alegria constitutivas de uma profunda interação cultural como ponto de construção do significado ou sentido da vida dentro da própria cultura.

1. Alegria: a mais bela expressão da educação salesiana

O processo educativo salesiano sempre teve expressões que o caracterizaram perante as gerações de salesianos como caminho certo a ser percorrido em vista de objetivos claros e simples.

Os resultados esperados eram calcados nos relatos das experiências dos tempos primordiais da primeira geração de salesianos, quando se gestava esse processo pelas inúmeras e eficientes intuições de Dom Bosco. Os primeiros salesianos sabiam que a vivência da qual participavam sob a orientação e liderança de Dom Bosco seria modelar como prática, como itinerário e como paradigma seguro.

Os registros exemplares que se propagaram mostram sobejamente um conjunto de processos, de procedimentos, de atitudes, de posturas e de valores dos quais se podem inferir as inter-relações, os parâmetros referenciais e o conjunto de valores originários de uma visão do mundo, dos processos, das inter-relações, das pessoas e sobretudo da finalidade da vida, da vocação e sentido reservados para cada um.

As *Memórias biográficas* apresentam afirmações de Dom Bosco que descortinam sua intencionalidade: “Eu não quero outra coisa dos jovens,

senão que sejam bons e estejam sempre alegres”; “Se querem que a nossa vida seja alegre e tranqüila, procurem viver sempre na graça”.⁵⁰

Nesse contexto incluímos os jovens, o mundo, a educação, a vida e a presença de Deus no cotidiano. Os valores acentuados se direcionaram para a finalidade maior que é a salvação de todos, a dignidade da vida e a felicidade.

Esse padrão referencial está disseminado em todas as posturas educativas e motivacionais da vida de Dom Bosco. Uma vez que o consenso sobre o referencial estivesse bastante claro, o cotidiano expressava a vida interpretada e inventada como expressão de seu horizonte intensamente humano e transcendente.

Aliás, na pessoa, as duas dimensões se confundiam a ponto de tudo ser interpretado e mostrado aos educandos como se a vida transcendente estivesse presente e como se esse transcendente impregnasse a mais simples manifestação vital, como a ação de estudar ou de brincar descontraidamente.

Subjacente a todo o processo educativo estava a grande preocupação de Dom Bosco e de seus salesianos com a satisfação dos educandos. De qualquer forma, a vida de uma criança ou de um jovem deveria transparecer satisfação por se encontrar bem em todos os sentidos, quer afetivamente, quer física e vitalmente. Em outras palavras, fazia questão que todos estivessem profundamente empenhados, mas igualmente leves do peso do infortúnio da insegurança ou do sem-sentido dos desencontros dos jovens abandonados.

Sempre, para ele, o nível de satisfação e interação transbordava em segurança e em alegria incontida. Todos sabiam estar perto de quem os estimava e se preocupava muito com eles, por isso não havia tempo adverso, mas era o tempo da alegria, interior e exterior, tudo compartilhado intensamente.

Como dinâmica latente, a alegria perpassava todos os ambientes e todas as atividades, mesmo as mais exigentes, tais como o empenho no estudo ou na aprendizagem, ou os períodos de tempo dedicados à oração e ao estudo pessoal, em silêncio. No coração de Dom Bosco, a alegria era o pressuposto para todas as atividades. Ele se dedicou ao máximo para que essa postura e o clima de alegria estivessem sempre presentes, e o mesmo empe-

⁵⁰ *Memorie biografiche di San Giovanni Bosco* (MB) v. II, p. 603; v. XII, p. 133. Esta obra contém 19 volumes. Os volumes I a IX foram organizados por G. B. Lemoine; o volume X, por A. Amadei e os volumes XI a XIX, por E. Ceria. Editados em Turim [s.d.]. [Neste capítulo, as citações das *Memórias biográficas* estarão de acordo com o índice da edição espanhola, publicada por Editorial CCS-Madri. Nota do autor.]

nho exigiu de seus salesianos. Não mediu sacrifícios, esforços e lutas para ver os “seus jovens alegres em toda a parte!”.

1.1 Alegria como expressão da vitalidade de Dom Bosco

O carisma salesiano retrata a capacidade de Dom Bosco de irradiar e expressar suas intuições pedagógicas. Não foi diferente quanto à sua postura sobre as expressões de uma vida tão dedicada e tão intensa quanto à alegria. Assim escreveram sobre sua presença entre os jovens: “com os traços de uma virtude verdadeira, jovial e alegre, que irradia bondade espontânea, que fascina e arrebatava as almas juvenis, de onde surgem os santos entusiasmos e as aspirações fortes para um plano de vida virtuosa e santa”.⁵¹

Tal característica foi observada desde a sua juventude em tempos de estudante:

Também neste ano João Bosco é o promotor da alegria por todos os lugares por onde passa. A fineza de seu trato educado, franco, cordial e alegre encantava. Era desejado, convidado e bem recebido em todas as casas de Chieri e nas reuniões dos jovens pertencentes à Sociedade da Alegria...⁵²

Essas prerrogativas da personalidade de Dom Bosco se tornaram cristalizações de seu projeto de educador. Assim o jovem Paulo C. descreve sua chegada ao Prado Filippi: “a alegria das reuniões e dos passeios nos dias de festa e a amabilidade de Dom Bosco”⁵³ tornavam tudo muito alegre e cheio de liberdade.

Os salesianos também registraram o comportamento dos alunos nos dias de festa quando uma liberdade maior podia gerar algum inconveniente: “As celebrações das festas, longe de dissipar, os estimulava a se aplicar aos compromissos, seja porque os superiores sabiam conter os entusiasmos, seja porque a alegria, baseada na piedade, era moderada e tranqüilizadora”.⁵⁴

Para Dom Bosco, a alegria deve estar relacionada a um horizonte maior, à finalidade e ao sentido da vida. A proposta de uma vida alegre

⁵¹ MB v. X, p. 40.

⁵² MB v. I, p. 283.

⁵³ MB v. II, p. 291.

⁵⁴ MB v. XII, p. 306.

para os jovens e para os educadores sempre tinha uma finalidade maior: se inserir no horizonte da alegria proveniente da convivência com Deus. Por isso, afirmava:

A ação educativa pode se resumir nos princípios: divertir para instruir e assistir para educar; estimular o interesse para focar a atenção, para suprir as necessidades da vida, para se recordar das promessas eternas e serenar a mente com todos os meios para deixar livre o coração, porque a juventude deve estar alegre antes de tudo.⁵⁵

Como substrato das ações pedagógicas estão os dinamismos dos processos educativos ou de aprendizagem. Dom Bosco sabia que coração livre, consciência em paz e alegria na alma impelem o jovem para qualquer compromisso sério consigo mesmo e com os outros.

A alegria se torna o dinamismo que leva o jovem a acreditar nele, nas pessoas, no mundo, em Deus, e nas possibilidades de uma vida agradável e altamente empenhada em tudo o que deve realizar.

Para Dom Bosco, duas ou três áreas são dinamizadas a partir de um estado de simplicidade e alegria: o jovem se abre com gosto para Deus e para a oração, o cumprimento dos deveres de sua idade se torna mais leve e agradável, o jovem não descuida de seus compromissos e sente a alegria de viver uma vida empenhada e reconhecida como gratuidade por tudo que se possa realizar e compartilhar.

Pode-se afirmar que faz parte da tradição salesiana não se permitir que um jovem ou criança permaneça triste por algum tempo. O comum da vida deles é, segundo Dom Bosco, estar sempre alegres e joviais.

1.2 Alegria como resultado do empenho pessoal, como desenvolvimento das próprias potencialidades

A grande preocupação do educador João Bosco era a orientação que os jovens assumiam em relação às suas vidas. Nesse sentido, Dom Bosco sempre fez de tudo para mostrar como o jovem deve orientar a própria vida. Assim, na introdução de *O jovem instruído*, afirma para os jovens:

⁵⁵ MB v. XIX, p. 295.

Para servir a Deus não é preciso levar uma vida melancólica, longe de todo divertimento e prazer.

Não, não é assim, queridos jovens. Quero ensinar-vos um plano de vida cristã que vos faça felizes e alegres, e que, ao mesmo tempo, vos dê a conhecer quais são os verdadeiros divertimentos e os verdadeiros gozos, de tal forma que possais dizer como o santo profeta Davi: “Sirvamos a Nosso Senhor em santa alegria: *servite Domino in laetitia*”. Tal é, precisamente, o fim deste livrinho: ensinar-vos a servir a Deus e a viver alegres.⁵⁶

Nessa afirmação, Dom Bosco colocou toda a sua alma de educador e de sacerdote. Quer que a vida do jovem transcorra em sua trajetória em estado de plenitude e de satisfação, quer que o jovem seja a expressão de uma vida profundamente humana e, enquanto tal, também se reporte a Deus como Pai e como doador de tudo, gratuitamente. Não só doador, mas providente e que acompanha a cada um com singular afeto, lhe promovendo a individualidade como expressão de sua bondade.

Dom Bosco vai tecendo um longo e orientador caminho para que o jovem possa se encontrar seguro em suas decisões. Aponta caminhos e posturas para que não se perca, mas se construa na alegria e na felicidade da vida.

Sobre normas de educação e caminho de santificação, a crônica de padre Bonetti, citada nas *Memórias biográficas*, registra uma fala de Dom Bosco:

Nesse dia, Dom Bosco subiu no ambão do locutório e expressou o desejo de inculcar três coisas: alegria, trabalho e piedade. Repetiu a frase de São Felipe Néri a seus jovens: “Correi, saltai, brincai o quanto quiserdes, mas, por caridade, não cometais pecados...”

Mais adiante, se encontra:

Desejo que aprendais a fabricar o mel como as abelhas o fazem. Sabeis como as abelhas fazem-no? De duas formas principalmente: 1) não faz cada uma por si mesma, estão sob o comando de uma rainha, a que obedecem em todas as circunstâncias; além disso, estão todas unidas e se auxiliam mutuamente; 2) vão recolhendo o pólen de uma ou outra parte das flores; não recolhem tudo o que encontram, mas somente aquilo que serve para a fabricação do mel.

⁵⁶ João Bosco, *O jovem instruído*. São Paulo, Editora Salesiana, 1945, p. 7.

Vamos à aplicação. O mel representa o bem que vocês fazem com a piedade, o estudo e a alegria, porque estas três coisas vos darão muitas satisfações, que serão tão doces como o mel. Porém, deveis imitar as abelhas.

Primeiro deveis obedecer à rainha, isto é, ao regulamento e aos superiores. Sem a obediência se produz desordem, descontentamento e não se faz nada que vale a pena. Em segundo lugar, o estar todos unidos serve muito para fabricar o mel da alegria, piedade e estudo. Essa é a vantagem de se viver no Oratório. Ao se encontrar muitos jovens reunidos, aumenta a alegria nos recreios, afastando a tristeza, sempre que essa bruxa feia procurar se instalar em vossos corações. Sendo muitos, anima para agüentar o peso dos estudos e serve de estímulo para o aproveitamento dos demais: um comunica aos outros os próprios conhecimentos, as próprias idéias, e dessa forma um aprende com o outro. Viver entre muitos que praticam o bem nos estimula sem que percebamos.

Deveis, pois, imitar as abelhas, recolhendo somente o que for bom, nada do que for mal. Observe cada um a conduta do colega para ver o que tem de bom e logo procure imitá-lo. De um aprenderá a ser humilde e a não falar muito de si mesmo. De outro que é o primeiro da classe aprenderá a cumprir bem com os próprios deveres. Se vir que um colega é piedoso, recolhido na igreja, segue o seu bom exemplo. Assim, um brilhará por sua amabilidade, outro por ser mortificado, este por sua prudência no falar, aquele por um dom de nunca ocultar a verdade... e assim por diante. Pois bem, diga cada um resolutamente para si: quero fazer minha aquela virtude...⁵⁷

Essa longa parábola é muito clara quanto a seu objetivo didático-pedagógico. Dom Bosco se aproximava dos jovens com uma linguagem simples, mas muito forte perante a percepção deles. O tom apelativo também se mostra eficiente, pois fecha um horizonte de bem e de ideal para os jovens.

Aos poucos, a linguagem de Dom Bosco, além de ser altamente persuasiva quanto à persecução do ideal apontado, ia adquirindo por sua bondade e carinho o aspecto de uma paternidade muito amorosa que se mostra preocupada com a vida dos jovens. Ele quer que todos sejam exemplares, quer que todos se auxiliem e construam um ambiente muito estimulante para a prática do bem e para a autoconstrução.

⁵⁷ MB v. VII, p. 144.

Nesse texto, três valores são apontados como essenciais para a vida juvenil. Sua prática em nível de exemplaridade torna possível e próxima a realidade do ideal de vida sugerido e indicado por Dom Bosco. Sua amabilidade geradora de confiança fecha o ciclo significativo da linguagem que expressa esses valores idealizados.

Uma vez incorporados pelos melhores jovens de sua comunidade, os valores “da piedade, do estudo e da alegria”, se manifestavam concretamente com a proximidade do ideal realizado, pois tinham a chancela da convivência e percepção deles nos colegas e a legitimidade da autoridade orientadora e amável de Dom Bosco.

O ideal, na parábola, se cristaliza no elemento mel – doçura, sabor agradável, apetitoso, fino e dourado (ouro, como símbolo de excelência) –, fruto do trabalho consciencioso, individual e comunitário, tem consistência e é admirado e desejado por todos.

Assim, inconscientemente, Dom Bosco vai oferecendo, pela linguagem, elementos muito precisos para que os jovens se deixem iluminar no trabalho da autoconstrução. A legitimidade do processo exige colaboração de todos, compromisso individual quanto ao trabalho, sentido de pertença gerado pelos resultados e pelo conjunto de pessoas que aceitam esses valores como expressivos do próprio ideal educativo.

A praticidade pedagógica de Dom Bosco está na proximidade, convivência e emulação ao crescimento pessoal em direção aos valores que concretizam a finalidade última e próxima da educação: estar ao lado dos jovens para que assumam a vida na alegria, pois Deus está com eles, embora sejam cidadãos desse mundo. A alegria dinamiza o trabalho pessoal e torna mais saboroso o resultado das virtudes adquiridas na autoconstrução.

1.3 Alegria como expressão da presença de Deus na casa salesiana

A linguagem pedagógica instaurada por Dom Bosco em suas casas prima pela simplicidade, pelo apelo à virtude como elemento de sustentação de qualquer trabalho honesto, educativo, e como expressão modelar de um ideal de pessoa para o mundo, enquanto contextualização e transcendência.

As crônicas dos primeiros tempos do Oratório de Valdocco atestam a grande preocupação de Dom Bosco em relação à qualidade da vida dos

jovens e o colocam perante eles como orientador zeloso. No diálogo individual com eles apontava as possibilidades e estimulava cada um a se assumir com liberdade e alegria.

Na convivência, muitos jovens impulsionados por esse dinamismo interior assumiam as atitudes recomendadas por Dom Bosco. No ambiente ressoava, então, a intensidade da vida alegre e da liberdade que sentiam para expressar seus anseios.

O resultado desse ambiente vivencial entre os jovens pode ser retratado pela resposta de Domingos Sávio a um jovem com quem conversava sobre a santidade:

Pois vou lhe dizer, com poucas palavras, o que você deve fazer. Saiba que aqui nós fazemos consistir a santidade em estarmos muito alegres. Procuramos, acima de tudo, fugir do pecado como um grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração. Em segundo lugar, procuramos cumprir bem os nossos deveres e participar das práticas de piedade. Comece por escrever uma lembrança: sirvamos ao Senhor com alegria.⁵⁸

Para que um jovem pudesse se expressar dessa maneira com o colega, se deduz que essa orientação, ou a apresentação desse caminho de servir a Deus na alegria, era já um patrimônio comum para todos os jovens e salesianos. A segunda parte da afirmação de Domingos Sávio espelha bem a praticidade da orientação de Dom Bosco: o jovem que cumpre com os seus deveres e frequenta as práticas de piedade deve viver muito alegre, deve sentir a liberdade interior originária de uma percepção da auto-satisfação da interligação de sua consciência em relação aos valores do cumprimento do dever e do respaldo gerador de sentido vital, a referência de estar em paz em seu coração consigo mesmo e com Deus.

Dessa forma, a linguagem pedagógica se torna autopropulsora de dinamismos educativos saudáveis: estados de profunda integração interior geram satisfações que se intensificam com expressões de alegria e coerência consigo mesmo e com os outros.

A comunicação pedagógica acontece vitalmente. Todos sabiam que Dom Bosco lutava para que esse processo de disseminação do bem-estar e

⁵⁸ MB v. V, p. 528.

da alegria proveniente da paz da consciência não perdesse a força, mas que se propagasse com intensidade.

A presença educativa da pessoa de Dom Bosco ou de qualquer outro salesiano tinha o poder de legitimar e propagar o conhecimento e a possibilidade de se abordar a educação entusiasticamente, como expressão de um viver significativo, em profundidade.

Para Dom Bosco, o bem sempre possuía a face de sua visibilidade e a face de referência a Deus. Dessa forma, todos os seus jovens entendiam muito bem a vida a partir de suas exortações e ensinamentos:

No que se deve dedicar maior empenho é para com as práticas de piedade. Confessar-nos com frequência e receber a sagrada comunhão são ações que nos auxiliarão durante toda a vida; façamos todas as coisas boas que pudermos, cumprindo bem os nossos deveres... Mas sobretudo sejamos devotos de Nossa Senhora, invoquemo-la muitas vezes e ela nos protegerá. Todas essas práticas devem ser feitas com amor e alegria. “*Hillarem datorem diligit Deus*” (O Senhor quer que aquilo que se faça por ele seja feito com alegria).⁵⁹

A proximidade e a exemplaridade desses ensinamentos de Dom Bosco se tornavam caminho moral seguro de vida. Porém, a exemplaridade acontecia na própria vida do jovem que seguia seus ensinamentos, pois tinha a certeza da felicidade ou satisfação intensa em sua vida e se tornava muito satisfeito com sua inserção na comunidade educativa.

A alegria proveniente da satisfação da integração levava os jovens a estarem abertos para esses ensinamentos, tendo em vista a própria alegria e felicidade do momento vivido ao lado de Dom Bosco. Abertura interior e simpatia contribuía para a alegria e a satisfação da vida no cotidiano da vivência na casa de Dom Bosco.

Nesse ambiente, as amizades se tornavam intensas e direcionavam a vida para momentos muito agradáveis de socialização e descobertas singulares, como a satisfação de se sentir aceito, querido e amado pelos educadores e colegas.

Interesses comuns em um ambiente saudável uniam os colegas ao redor de ideais muito simples e concretos, como esporte, estudo, trabalho e

⁵⁹ MB v. XII, p. 514.

práticas de piedade ou na vida de oração. Quantas certezas agradáveis quanto à vida, quanto ao relacionamento com educadores e colegas, quanta interação promoviam aprendizagens e estímulos, reunindo ao redor de todos as simples oportunidades que se tornavam grandiosas para o universo dos jovens de Dom Bosco no século 19, no norte da Itália.

Em visita a Alassio, falando aos alunos do liceu, Dom Bosco lhes recomendou que estivessem sempre alegres para que se sentissem também em paz com Deus... e que procurassem a própria vocação como caminho de estar sempre alegre e em paz com Deus.

Disse-lhes, também, que os queria ver alegres não somente de alma, mas também de corpo, e para isso já tinha pedido ao diretor para que na hora da refeição fosse servido algo de especial. Terminou, pedindo-lhes: se estais alegres e sois bons, preparai-vos para a alegria eterna, é o que vos desejo de todo o coração e peço a Deus que vos conceda essa alegria.⁶⁰

Nessa postura se encontra toda a orientação de Dom Bosco, profundamente humano com o sentido sobrenatural, coroando qualquer situação educativa. A vida humana digna impulsionada pela alegria e dinamizada por uma satisfação que ultrapasse os parâmetros do imediato, ou do consumismo, se vê projetada ao além, onde essa alegria que já é muito boa seja plena e completa.

Em todas as posturas de Dom Bosco aparecem nitidamente sua intencionalidade e seu desejo de ver o jovem mergulhado na alegria de viver, na exuberância de uma vitalidade que revela o sentido de estar imerso na vida, que se revela em compromisso e em esperança quanto ao futuro e quanto ao definitivo, uma alegria imorredoura junto de Deus.

Todos os sonhos de Dom Bosco mostram essa grande preocupação pedagógica de iluminar a vida presente pela destinação humana marcada vocacionalmente por uma alegria que preencherá todos os anseios, ardores e desejos juvenis.

Dessa forma, pode-se denominar a pedagogia de Dom Bosco como a pedagogia da alegria proveniente do compromisso sério com a vida, com o dever cumprido e com a agradabilidade de conviver na afabilidade de São

⁶⁰ MB v. XIV, p. 52.

Francisco de Sales. Ser afável e alegre, além de parâmetro doador de sentido, se torna caminho ou itinerário de santificação, ou ainda, como se dizia antigamente, uma ascese de santificação.

Cumpra-se a afirmação de Domingos Sávio: “aqui, nós fazemos consistir a santidade em estarmos sempre alegres!”. Aqui, a santidade é a alegria da vida e a paz da alma na convivência saudável com os outros e com Deus.

Esse é o sentido da pedagogia salesiana que encontra eco em alguns educadores de hoje, como Ivani Fazenda. Na introdução de seu livro, ao falar da alegria e da ousadia em educação, da necessidade de se criar disposições ambientais para a recuperação da alegria, cita Georges Gusdorf:

As ilhas de alegria são raras, porém capazes de numa centelha de momento revelar a plenitude de um coração, que a despeito de todo o endurecimento não se recusa jamais a sonhar... a alegria é a luz de uma presença eterna capaz de, mesmo nos momentos de maior desespero, transformar o mundo.⁶¹

2. Desejo: força e projetualidade

O desejo visto como força dinamizadora se enraíza no recôndito da psique de cada pessoa e manifesta a unidade profunda em que se alicerça a *persona*, a individuação. Reúne a manifestação instintiva como expressão de todos os ímpetus portadores de ações geradoras da sobrevivência, a parte psicológica expressa a individualidade e a generalidade como pessoa, e a parte espiritual é expressão do ser em estado de união e transcendência.

A força que dinamiza e impele para um agir, quer coordenado pela mente quer pelo espírito ou pelas necessidades vitais do corpo, são os impulsos básicos de sobrevivência ou as buscas de objetivos não só materiais, mas mentais ou espirituais. É uma pulsão ou *dinamis*, a que se denomina de desejo.

Normalmente, o desejo denuncia a ausência de algo de que se gosta e o impulso para a ação, para a obtenção desse objeto apetente. A. Cencini, citando Aristóteles, diz que o desejo é “uma apetência daquilo que agrada”. Afirma que o desejo pode também ser visto como uma tensão psíquica para

⁶¹ Ivani Fazenda (org.), *A virtude da força nas práticas interdisciplinares*. Campinas, Papirus, 1999, p. 12-13.

a posse de bens que ainda não se possui, visando à sobrevivência, à auto-realização ou à auto-superação. Para Cencini,

o desejo é concentrar-canalizar todas as energias em direção a qualquer coisa que seja importante em si e central para a própria vida. Desejo não é, pois, um impulso cego ou um querer louco, mas uma tendência significativa para qualquer coisa que é apetecível em si e da mesma forma em relação à própria pessoa... Não é ser dominado ou excitado por aquilo que é agradável, mas uma aspiração com todas as forças para com aquilo que vale por si mesmo e que a pessoa descobre e quer como centro de sua vida e do próprio futuro.⁶²

Dessa forma, o desejo manifesta a natureza da intimidade humana, sempre incompleta e capaz de aspirar mais alto, para além dos próprios horizontes.

Como afirma Cencini, normalmente o desejo surge de uma situação de insatisfação, de não se estar completo, de ser limitado, e se dirige para a sensação oposta, a da plenitude e da redução da tensão. Na verdade, após essa sensação, um desejo autêntico suscita uma nova sensação de vazio, pois abriu a percepção para um outro horizonte maior ou mais apetecível...

O desejo é satisfeito quando a tensão da busca leva aquele que deseja para um novo espaço, como um novo mundo de limites que se perdem ao olhar humano, onde não somente se experimenta o sabor da conquista do objeto desejado, mas onde, sobretudo, se é impelido para outro objeto, sempre mais acima, sempre mais verdadeiro-belo-bom, sempre, pois, portador de novos gostos e sabores, onde se abrem horizontes impensáveis e surgem possibilidades ainda inexploradas e, onde, pois, nascem novos desejos e novas inquietações de busca, de saudade de um segredo reservado a todos os seres, de um mistério sempre maior e, por isso, sempre mais próximo, entre os quais está escondida a própria vocação/realização.⁶³

Essa força misteriosa tem o poder de suscitar as maiores perguntas e as maiores realizações que podem habitar a alma de uma pessoa. A força impulsora de tantas ações e atitudes encontra na intimidade da pessoa a origem e a consistência para tanta busca e para trilhar tantos horizontes não

⁶² A. Cencini, *Il mondo del desiderio*. Milão, Paoline, 1998, p. 12.

⁶³ Cencini, *Il mondo del desiderio*, p. 15.

sonhados por outros coevos. Como foi testemunhalmente a vida de Dom Bosco: uma pessoa movida por grandes desejos que lhe trouxeram novas perspectivas e novos horizontes como possibilidades de realizar o bem.

Citando Rollo May, sobre o poder de força do desejo, Cencini afirma que o desejo traz ardor, consistência, imaginação, ludicidade, leveza e riqueza à vontade. A vontade dá diretividade, a maturidade do desejo. A vontade tutela o desejo, lhe permitindo caminhar sem cometer riscos absurdos. Mas, sem desejo, a vontade perde a sua linfa vital, sua vitalidade.

Em seguida, Cencini apresenta a descrição de quem possui um grande poder de desejo:

O ser que deseja é inteligente e curioso, intui e busca o sentido verdadeiro das coisas; discerne e perscruta cada coisa para apurar o seu sentido e sua potencialidade, admira e contempla a realidade; não desanima diante das dificuldades, não se contenta com objetivos de pouco alcance ou que estão abaixo de sua capacidade de sonhar; ao mesmo tempo, sabe se alegrar com qualquer vibração de verdade-beleza-bondade que descobre próxima de si.⁶⁴

Importante essa conceituação para uma análise ulterior das atitudes e ações pedagógicas de Dom Bosco em relação aos jovens. Tudo poderia ser enfeixado sob o ponto de vista da motivação ou dos impulsos dinâmicos que movem as pessoas, porém seria não partir da raiz ou do ponto central de onde surgem as motivações e os impulsos.

É necessário entender que a fundamentação pedagógica de Dom Bosco revela uma antropologia abrangente que não prescinde da história e da parte espiritual. Na verdade, as ações e os dizeres de Dom Bosco em relação à pedagogia ou à educação dos jovens são globalizantes e se referem à história muito concretamente, não distinguem as diversas dimensões: instintiva, corporal, psicológica, cultural, mental e espiritual.

O acervo de relatos da vida de Dom Bosco oferece uma oportunidade para que se possam analisar as acentuações e a profundidade das afirmações ou posturas intencionalmente educativas. Possibilita, também, que se constate que a principal raiz de educador se revela e se relaciona com o mais profundo da personalidade de Dom Bosco, com sua interioridade ou com

⁶⁴ Cencini, *Il mondo del desiderio*, p. 18.

seu íntimo, onde os desejos coordenam seus ímpetos, seus raciocínios, sonhos, e despertam tanta afetividade atuante em relação a seus educandos.

Tudo acontece com a intencionalidade mais límpida possível, confere dignidade (histórica, vale dizer, para esse jovem no dia de hoje) e proporciona caminhos para que a “alma seja salva” (dimensão transcendental que interfere em todo o percurso da história, está presente e modula as ações, pois o sobrenatural faz parte da história).

Da mais profunda intimidade da pessoa de Dom Bosco surgem os desejos expressivos para que todas as dimensões da vida do jovem estejam em estado de crescimento ou construção. Assim, um dos principais desejos de Dom Bosco é que todos os jovens vivam alegres. Mostra como a alegria gera uma historicidade autêntica, uma auto-realização e autopercepção saudáveis, bem como indica a força do corpo, dos instintos e da satisfação psicológica, da dimensão racional e, como nunca, mostra como o transcendental está muito impregnado no histórico, no aqui e agora das fontes mais simples que movem a alegria ou o clima de alegria.

Constata-se que as preocupações de Dom Bosco quanto à educação de seus jovens expressavam a intencionalidade proveniente de seu interior. Ele queria o bem real e maior possível para aqueles jovens que ali se encontravam. O desejo desse bem era a força motriz que impelia e dinamizava constantemente suas ações diárias. Movido por esse grande desejo, agiu e conseguiu erguer uma congregação que é uma expressão de amor verdadeiro aos jovens.

Conhecer o caminho pedagógico de Dom Bosco é desvendar as entranhas de seu grande desejo, de sua força dinamizadora. Um dos documentos que mais exemplifica esse profundo desejo do bem dos jovens e mostra a indignação de Dom Bosco quando essa postura pedagógica não acontece e os jovens permanecem desorientados, é a Carta de Roma.⁶⁵

2.1 Vida saudável como possibilidade de compromisso e empenho

Sem dúvida, a finalidade da educação que Dom Bosco propunha aos jovens determinava o paradigma referencial que englobava todas as dimensões da pessoa, como já foi mostrado.

⁶⁵ A Carta de Roma se encontra transcrita nas *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*, na edição de 1987, p. 238-249.

Alimentado por um profundo desejo de autoconstrução e inculturação no aqui e agora para todos os jovens, o grande desejo de Dom Bosco se explicitava em ações que orientavam caminhos ou propunham valores e atitudes aos jovens para que eles se direcionassem para uma autoconstrução coerente com os valores e com o sentido da vida.

A metodologia de Dom Bosco privilegia a ação e a vitalidade do jovem no fazer, agir, viver intensamente os momentos, na inventividade lúdica, na sinceridade das relações, na reciprocidade da presença, na oportunidade da convivência como caminho de se posicionar e se direcionar, ao mesmo tempo que cria situações de meditação, de interioridade intensa e de expansão da capacidade imaginativa.

A orientação pedagógica de Dom Bosco privilegia a positividade do jovem em qualquer circunstância, em outras palavras, tudo lhe é oferecido como possibilidade que deve ser aceita e dinamizada. Assim, o desejo de Dom Bosco era que os jovens se deixassem dinamizar por todas as circunstâncias que lhes oferecessem possibilidades concretas de desenvolvimento de qualquer dimensão da vida, enquanto expressão da autoconstrução, da autopercepção. Queria-os dedicados e empenhados em qualquer atividade, quer no estudo, quer nas diversas e variadas brincadeiras do pátio, quer nas conversas com os colegas, quer nas atividades artísticas, quer na igreja em oração.

Para Dom Bosco, o inverso era muito triste. Um jovem que não tivesse aprendido a se “ligar” ao que se apresentava a seu lado como possibilidade de se entregar a essa atividade, era um jovem já fora de rota ou equivocado quanto à organização e visão da própria vida. Essa falta de percepção para as ações tipicamente juvenis por parte de um jovem preocupava muito Dom Bosco. De maneira geral, ele queria ver os jovens se entregando às diversas atividades com o ímpeto expressivo de uma vitalidade juvenil.

Todas as ações ou expressões educativas de Dom Bosco têm como pano de fundo essa preocupação de proporcionar ao jovem oportunidades de ação ou de atividades que lhe desvendem o sentido imediato do que ele está realizando, ao mesmo tempo que lhe ofereçam uma satisfação profunda que o integra ao seu íntimo, que lhe proporcionem a confiabilidade simples de que ele é capaz de viver contente e satisfeito. Talvez o grande desejo do educador Dom Bosco fosse proporcionar caminhos de felicidade ao jovem. Cada entrega do jovem às ações ou compromissos, portadora de uma alegria da vida, se torna o degrau para o estado de satisfação e auto-realização, de felicidade.

Na *Carta de Roma*, Dom Bosco afirma categoricamente: “Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levam a escrever-vos esta carta”. Tudo o que se afirmou mostra o desejo pedagógico como fonte dinamizadora da vida de Dom Bosco. Tal desejo o levou a dedicar sua atenção e suas potencialidades para que sua diretriz pedagógica máxima fosse: “ver-vos felizes no tempo e na eternidade”. Essa preocupação gerada pelo forte desejo de ver o bem dos jovens era de tal maneira determinante, que lhe aparecia em forma de sonho, até durante o pouco tempo de repouso. A *Carta de Roma* é o relato de um sonho sobre a situação pedagógica do Oratório de Valdocco.

A primeira parte da narrativa apresenta o cenário ideal do Oratório onde a energia e a vitalidade orientada para o bem dinamizavam a todos. O cenário focaliza o pátio como paradigma de uma situação de relação pedagógica ideal: entrega lúdica à alegria, aos jogos e à vivacidade, sendo que a presença dos mestres era muito dinamizadora.

Na segunda parte, o cenário muda:

Vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior. Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se o enfado, cansaço, mau humor, desconfiança que me faziam sofrer.... Entre os que brincavam, havia alguns tão enfarados, que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

Como escrevia para os salesianos e alunos, tinha especial cuidado em ser bastante claro. Dessa forma, se vê que não poupou palavras para denunciar as atitudes improdutivas educativamente. Duas posturas lhe permitiam saber se sua metodologia pedagógica não estava bem empregada e se as posturas dos educadores e educandos não correspondiam ao seu grande desejo de ideal de educação: tristeza perante a vida e ausência de integridade no se entregar às atividades ou solicitações do mundo.

Uma condicionante essencial para que seu ideal de educação se concretizasse era a capacidade de generosidade de educadores e educandos se entregarem às tarefas, às relações geradoras de vitalidade ou de momentos de intensa vivacidade. Não suportava uma distorção da vida devido à deterioração da raiz da pessoa, da personalidade, ao enfraquecimento do desejo.

Descreve com pinceladas fortes a tristeza da vida cotidiana dos jovens minados em sua força vital, o desejo, e, por conseguinte, incapazes de se dedicarem com liberdade e ânimo às diversas atividades ou aos jogos. Para Dom Bosco, essa postura representava a presença de uma peste ou de uma epidemia, contaminava para o desânimo. Como educador, Dom Bosco viu nesse quadro a falência de uma pedagogia sem vida, sem *elã*, sem apelo e sem perspectivas.

Mediante um grande desejo, a vocação de educador de Dom Bosco foi dinamizada para além de sua perspectiva. Foi grandioso à proporção que se deixou dinamizar pelo seu desejo e pela generosidade com que se entregou às solicitações da história, de seu tempo e das necessidades dos jovens. Para que esse ideal se concretizasse, a generosidade se transformou em amor, e o desejo de ver os jovens felizes se tornou obsessão.

2.2 Projeto de cada um como expressão de sua interioridade

Se os desejos revelam a alma das pessoas quando os expressam, na pedagogia salesiana, Dom Bosco sempre esteve muito atento em dialogar e oferecer caminhos para que os jovens, ao se assumirem na tarefa de autoconstrução, pudessem encontrar caminhos ou perspectivas seguras e válidas. A construção da personalidade, segundo a pedagogia de Dom Bosco, não pode prescindir da formação do raciocínio e da dimensão espiritual. Para a formação científica ou crítica, a batalha de Dom Bosco foi imensa. Iniciou por escrever muito. Reescreveu os clássicos para a leitura dos jovens. Nesse sentido foram sucessos editoriais: *História da Itália* (da Igreja), *História Sagrada*, *O jovem instruído* e a série de opúsculos *Leituras Católicas* (esses livrinhos estiveram presentes nas casas salesianas até a primeira metade do século 20).

Em sentido pedagógico, a interioridade para Dom Bosco se traduzia em virtudes ou forças interiores, que intensamente solicitadas e oportunamente exercidas, proporcionavam ao jovem a força de sua pessoa ou de seu ser em construção no mundo. Para isso, toda a criatividade pedagógica de Dom Bosco esteve muito atenta. Jamais deixou que os exemplos fortes falassem e em tudo proclamava o aspecto da virtude e da sabedoria que eram muito realçadas como alicerce para a sustentação da pessoa.

Incluem-se aqui todos os grandes valores do Sistema Preventivo: alegria, satisfação pelo dever cumprido, perseverança, sociabilidade, amizade,

dedicação, vivacidade, piedade ou vida de oração, capacidade de confiar e de esperar, têmpera nas dificuldades, firmeza em rela o aos propósitos ou metas pessoais, capacidade de se comprometer e generosidade como expressão das boas rela es.

Quando Dom Bosco falava aos jovens sobre a constru o de sua interioridade, se expressava com a linguagem do tempo, direcionava todas as suas exorta es para a forma o do caráter e da capacidade de firmeza e perseverança consigo mesmo e com suas obriga es. Assim, eram realçadas as virtudes ou características que englobavam a forma o da pessoa que correspondia ao ideal de seu sistema. Para isso, o enfoque sobrenatural devia influenciar e iluminar todas as outras posturas ou valores que expressavam uma configura o da vida dinamizada pela intencionalidade sobrenatural. Fato esse que não excluía a complexa inser o de todos no mundo e na cultura, lhes respeitando a autonomia e exigências, tais como o exercício da cidadania, o dever de se promover profissionalmente, a perspectiva da solidariedade para com todas as pessoas...

Ao invés de uma se o de abrangências, o que se verifica na pedagogia de Dom Bosco   uma autonomia vital de todas as dimensões da vida de um jovem. Contudo, a dimensão espiritual e sobrenatural deve dar o sentido para as a es e para o trabalho de aquisi o de valores que qualificam a interioridade e a intimidade das pessoas. Para Dom Bosco, a vida interior das pessoas devia expressar a radiante alegria ou a afabilidade que ele simpaticamente propagava, como característica muito peculiar que adotara como caminho espiritual proveniente da doutrina de São Francisco de Sales.

Na introdu o de *O jovem instruido*, no primeiro parágrafo, de forma negativa está a preocupa o ou o direcionamento do pensamento de Dom Bosco quanto   constru o do jovem, a virtude: "Dois são os ardis de que principalmente costuma se servir o demônio para afastar os jovens do caminho da virtude".⁶⁶ Dom Bosco afirma que o primeiro ardil   fazer o jovem pensar que a prática da virtude   levar uma vida triste; o segundo, deixar para o fim da vida a conversão para o caminho de Deus. Aqui está o caminho proposto por Dom Bosco aos jovens: o caminho da virtude.

O conceito de virtude não era novidade para a cultura da época, faz parte de um conjunto de expressões que determinam a interioridade da pessoa desde os tempos dos filósofos gregos, mais especificamente, Platão.

⁶⁶ João Bosco, *O jovem instruido*, p. 7.

Mais adiante, na mesma introdução, Dom Bosco afirma: “Meus caros amigos, eu vos amo de todo o coração. Basta-me saber que sois jovens, para que eu vos ame profundamente... Amo-vos para que conserveis em vosso coração o tesouro da virtude: enquanto possuís tal tesouro, tendes tudo...”⁶⁷

Aqui está a explicitação pedagógica do que Dom Bosco entende por virtude e qual a importância que ele concedia a esse valor. Talvez se resumisse no valor que globalizasse todas as atitudes e ulteriores especificações ou habilidades necessárias para uma vida digna, porém sob o sentido sobrenatural concedido por sua orientação.

No texto de *O jovem instruído*, ele completa seu pensamento ao enumerar quais as principais virtudes que um jovem deve adquirir para o sucesso de sua pessoa ou de sua vida. Ao afirmar “do que necessita um jovem para ser virtuoso”, relaciona todas as atitudes da vida à presença do sobrenatural. Assim, o jovem precisa do “conhecimento de Deus”, necessita saber que “Deus tem particular amor à juventude”; “a salvação da alma depende geralmente do tempo da juventude”. “A primeira virtude de um jovem é a obediência aos seus pais e superiores”. Depois ainda fala do respeito que o jovem deve ter para com a Igreja e para com os sacerdotes, bem como o dever de se dedicar à leitura da Sagrada Escritura. Assim, se assegura a felicidade do jovem e a certeza de que está trilhando o verdadeiro caminho de sua salvação.

Mais adiante, enumera os meios de perseverança, o que os jovens devem fazer e o que eles devem evitar. Sobre o que devem fazer, enumera como meios eficazes de perseverança: saber se comportar nas tentações, saber se comportar ante as ciladas do demônio para enganar os jovens, conservar a virtude da pureza (a bela virtude), ser devoto de Nossa Senhora, saber se comportar no Oratório. E atitudes muito concretas:

Evitai as brigas, dar apelidos aos companheiros, mostrar-vos mal-satisfeitos com os brinquedos... evitai toda mentira... tenhais confiança no vosso diretor... a todos os demais superiores, encontrando-os, tirai logo o chapéu... respondei às suas perguntas com humildade e sinceridade.⁶⁸

Depois, enumera quatro artigos e escreve sobre cada um. “O que especialmente devem os jovens evitar”: fugir do ócio, fugir dos maus compa-

⁶⁷ João Bosco, *O jovem instruído*, p. 8-9.

⁶⁸ João Bosco, *O jovem instruído*, p. 28-29.

nheiros, evitar as más conversas e evitar o escândalo. Se um jovem seguir esses conselhos, estará caminhando para uma autoconstrução eficaz, que fará dele um “honesto cidadão e um bom cristão”.

Logicamente, esses conselhos estão muito direcionados para a dimensão sobrenatural da educação, porém não se deve esquecer da praticidade de Dom Bosco. Ele queria que seus jovens tivessem sucesso como profissionais e como pessoas muito bem integradas na sociedade e na cultura daquele tempo. Uma dimensão da pedagogia de Dom Bosco não pode prescindir das outras, todas são complementares.

Atualmente, essa dimensão poderia ser denominada construção ou desenvolvimento da espiritualidade juvenil. Se para Dom Bosco aqueles conselhos ou itens de um itinerário seguro de construção de uma espiritualidade juvenil eram essenciais, hoje, com algumas acentuações condizentes com a cultura e a realidade pluricultural e plurirreligiosa, são necessários como orientação ou como sugestão simples, para que os jovens possam se orientar quanto à própria espiritualidade.

A cultura atual pede com a mesma veemência que se cultive uma espiritualidade consistente, se se quiser que os jovens perseverem na virtude e na atuação social com responsabilidade e dentro dos parâmetros de uma ética cristã.

Se Dom Bosco procurou suprir a presença da família com uma pedagogia que propõe relações propiciadoras de um espírito de família, muito mais hoje se torna importante que os jovens sejam amparados por padrões familiares e que a escola, por meio da sua pedagogia, possa colaborar com os jovens na aquisição de parâmetros seguros, quer para o exercício da cidadania, quer para o exercício diário de uma espiritualidade enriquecedora e portadora de um sentido amplo para a vida em todas as dimensões.

A religião sempre ocupou papel preponderante na pedagogia salesiana enquanto suporte da vida e fonte de sentido, como lugar de descoberta do sentido e de experiências profundamente humanas e transcendentais. A religião proporciona, na pedagogia salesiana, um sustentáculo para a interioridade e para o desenvolvimento da pessoa como presença agradável da vida como dom de Deus.

Assim, as virtudes propostas por Dom Bosco encontram na alegria, na satisfação da convivência, na honestidade das relações e nas expressões

das pessoas que as praticam, a concretização do ideal proposto por São Francisco de Sales, quer seja, o bom humor e a afabilidade. Em outras palavras, Dom Bosco, através de sua pedagogia, tem certeza de que os jovens que seguirem sua orientação serão pessoas de êxito social, perseverantes, muito ricas afetivamente, seguras espiritualmente, pois serão pessoas de têmpera, de caráter e de profunda riqueza interior.

2.3 Ativação do desejo: festas, alegrias intensas, sonhos

Ao lado da interioridade alimentada por uma espiritualidade ágil e alegre, a pedagogia salesiana contempla a plenitude da vida a ser conquistada e expressa em ações e posturas reveladoras da grandeza que Deus conferiu aos homens.

Em particular, se pretende que a dimensão da profundidade psicológica e emocional esteja presente em todas as atividades e expressões vitais, nas relações de cada um com o mundo, com a cultura e com as pessoas. A pedagogia salesiana propõe, assim, que a riqueza mais íntima seja traduzida em relações e expressões de afeto e compromisso, em que toda a gama de variedade das pessoas se manifesta como novidade de uma agradabilidade ainda não revelada, mas possível.

Dessa forma, a alegria e a felicidade estarão presentes cotidianamente, através das atuações dessas pessoas que buscam a profundidade como dom a si mesmas e aos outros. Pessoas altamente comprometidas e com capacidade de reinventar as relações, porque são como as crianças que tornam tudo muito fantástico e alegre, muito condizente e muito intenso, muito generoso e gratificante. Porque têm, na intimidade de si, a fonte do dom da riqueza interior.

A pedagogia salesiana quer partir do mais profundo sentido de potência e dom da intimidade de cada um, para que as relações educativas possam ter oportunidade de, a cada momento, revelar as potencialidades e as possibilidades de cada jovem. Sem a alegria da vida não se concebe essa possibilidade pedagógica. Como a Igreja aprofundou o sentido da alegria, pode-se dizer o mesmo como ideal da pedagogia salesiana.

Ela (a Igreja) realiza uma espécie de “exercício do desejo”, no qual saboreia antecipadamente a alegria dos novos céus e da nova terra, quando a cidade santa, a nova Jerusalém, descer do céu, de

junto de Deus, “bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo” (Ap 21,2).⁶⁹

Pode-se dizer que esse aspecto da vida humana traduz com simplicidade a dimensão antropológica da pedagogia salesiana, pois a pessoa na profundidade de seu desejo mais recôndito descortina as possibilidades de uma vida alegre, saudável e altamente agregadora para si e para todos os que se aproximam: exercitar o desejo e se deixar animar pela sua força como fonte jorrante de dinamismo interior que transborda para todos que com ela convivem.

Essa convivialidade, para Dom Bosco, sempre teve algumas características que unem as duas dimensões numa só: o aprofundamento humano com o sobrenatural. Além disso, a dimensão humana para Dom Bosco deve trazer a experiência profunda da alegria humana, histórica, mas com a profundidade e serenidade, com o entusiasmo e a força do sobrenatural. Quanto mais os jovens se entregavam ao exercício de bem viver, mais Dom Bosco lhes suscitava as fantasias para um desejo sempre maior que o do horizonte deles.

Na casa de Dom Bosco, ao seu redor, não havia lugar para desejos pequenos; se transformaram sempre em realizações ou campos a serem conquistados mediante a dedicação e à própria construção como pessoa. Tamanha era a preocupação de Dom Bosco em oferecer possibilidades aos jovens, que isso o absorvia o tempo todo, inclusive durante o sono através dos sonhos. Sonhos que se transformavam em linguagem pedagógica, estimulavam a fantasia a uma abertura para o caminho indicado, a ponto de grande parte dos jovens se dedicar com perseverança ao grande desejo de uma autêntica autoconstrução, e para alguns, ou para muitos, quererem se santificar verdadeiramente por uma vida alegre no cumprimento do dever e do amor a Deus e aos irmãos.

Acontece na pedagogia salesiana, através da pessoa de Dom Bosco, uma expressividade da vida naquilo que ela tem de mais significativo e profundo, a *dínamis* vital é acionada como “desejo, anélito, contínua procura e aprofundamento... Tudo é vitalidade, alegria e movimento”.⁷⁰

A pessoa em todas as suas dimensões é chamada a progredir e a se assumir para uma possibilidade de felicidade, desde agora, pela satisfação

⁶⁹ João Paulo II, Carta apostólica *Dies Domini*. São Paulo, Loyola, 1998, n. 37.

⁷⁰ Cf. F. Faros, *A natureza do Eros*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 40-41.

de ter suscitado todas as possibilidades para um crescer e entender contínuo do mundo, a que dá um bom sentido, de si mesmo, em toda a dignidade de quem se preza, e para com os outros, mediante a generosidade que flui das mais profundas forças da pessoa, de seu desejo e de sua vitalidade apelante. Não há lugar para egoísmo, para consumismo e nem para um fechamento cultural.

Ao final da *Carta de Roma*, Dom Bosco afirma:

(Desejo que retornem) os dias dos corações abertos com toda a simplicidade, os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos... Quero que esta grande festa se celebre com toda a solenidade, e o padre Lazzero e o padre Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que devemos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Os grandes traços das dimensões da pedagogia salesiana estão todos muito bem claros nessas poucas afirmações: verdadeira alegria para todos como expressão de uma vida em profundidade; a grande festa, para que a alegria tenha as dimensões divina e humana, como campo de expansão da personalidade e do “exercício do desejo”; “para que todos estejamos alegres no refeitório”, também a dimensão do sabor da comida consumida em estado de felicidade na convivialidade em família (estejamos), inclui o próprio Dom Bosco que simboliza segurança, paternidade, horizontes novos e muito afeto. Nesse sentido os jovens se encontravam em um clima de muita estimulação para a autoconstrução e para o aflorar de muitos sonhos, pois o maior sonhador era o próprio Dom Bosco.

O primeiro e grande sonho de Dom Bosco se realizou a duras penas: era sua decidida vontade de ser sacerdote para acompanhar os jovens. Para isso teve de passar por muitas experiências trabalhosas quanto ao estudo, mas superou tudo graças à sua força de vontade e ao auxílio de algumas pessoas. Após a ordenação sacerdotal, focalizou a outra parte do sonho, estar ao lado dos jovens. Com determinação e paciência conseguiu estar ao lado dos jovens mais desamparados.

Ao lado desse ideal, aos 9 anos um sonho lhe mostrou o caminho e a metodologia para atingir a sua meta de ser sacerdote para os jovens. Na tradição salesiana, o “Sonho dos 9 anos” é o arquétipo ou a fonte da pedagogia salesiana. Originária de um sonho, ganhou a força da fé pela presença

de Nossa Senhora que o orientava para esse horizonte desejado, mas desconhecido. Ela foi a Mestra, lhe disse algumas normas e apontou o caminho: “Torna-te, forte, humilde e robusto”, “Não com pancadas...”.

Essa foi a fonte de todos os horizontes antevistos por Dom Bosco. Como educador, ele sempre transmitiu essa força do desejo de poder visualizar o futuro com muita confiança, pois “Deus está conosco (a Providência Divina) e temos uma Mãe carinhosa”, que olha por nós. A partir dos sonhos de Dom Bosco, muitos jovens sonharam os seus sonhos alimentados pelo desejo de levar a felicidade que eles viviam com Dom Bosco aos jovens de todas as partes da terra. Muitos deles dilataram e concretizaram os sonhos de Dom Bosco sendo missionários do espírito e da pedagogia salesiana.

O elo afetivo, a convivência, as certezas e a confiança entusiasmavam os jovens a serem generosos e a se dedicarem com dignidade no projeto de autoconstrução. Esse clima de felicidade e de contentamento estimulava a fantasia dos jovens para que pudessem projetar o seu futuro. Ao lado de Dom Bosco, o presente estava muito prenhe de um futuro sempre visto como grande possibilidade e grandiosidade. O alto tom de dedicação, de entusiasmo, de grandiosidade que se vivia ao lado de Dom Bosco possibilitou a tantos jovens sem perspectiva fora do Oratório, que pudessem sonhar com o futuro, ter certezas e confiança quanto a seus desejos e projetos.

Assim nasceu a vitalidade da pedagogia de Dom Bosco, da raiz do desejo para a raiz de um futuro possível, dinamizado por sonhos generosos e engrandecedores. Assim foi a vida de Dom Bosco:

Viver se traduz na incansável tensão dos desejos, num peregrinar sempre insatisfeito da fantasia, em que cada um segue o seu percurso pessoal, que no fim da vida aparecerá que se desenrolou conforme um destino individual. Somente aí poderá encontrar razão e sentido.⁷¹

Assim aconteceu com Dom Bosco, e não somente ele, mas todos os salesianos ainda encontram racionalidade e sentido em sua pedagogia ao verificar que ela pode muito bem oferecer caminhos de auto-realização e autoconstrução para qualquer pessoa, mesmo em sentido transcendental.

⁷¹ A. Carotenuto, *Attraversare la vita*. Milão, Bompiani, 1999, p. 4.

3. Prazer: vitalidade manifesta em educação

Existem tantas maneiras de abordar o tema do prazer. Aqui, esse tema estará correlacionado com a pessoa em suas manifestações vitais, originárias de sua profundidade como expressão da personalidade e da coerência de uma práxis confrontada com algumas afirmações conceituais básicas. A expressividade dos conceitos encontra nas atitudes, comportamentos e posturas seu poder de coerência e convencimento de sua possibilidade ou veracidade.

Um educador convincente oferece, através de suas posturas e atitudes, coerência entre teoria e prática, entre conceitos pedagógicos e práxis, entre a possibilidade conceptual anunciada e a correlata obtenção dos resultados.

Para que tudo isso aconteça com qualidade ou com agradabilidade é que se aborda o tema do prazer dentro do horizonte pedagógico. Ser educador se correlaciona a algum grau de satisfação ou de plenitude.

Por isso, se questiona: se a proposta pedagógica realiza seu intento de possibilitar o desenvolvimento e auto-realização de um jovem, ela é fonte de satisfação ou de prazer? É possível exercer o ministério de educador com um nível alto de satisfação, que provoque um prazer especial? Ou ainda se poderia questionar de outra forma: é possível ser um educador competente sem sentir o prazer dinamizador dessa profissionalidade?!!

Para que essa proposta aconteça, se requer que a pessoa tenha uma personalidade harmônica, prevalecendo as dimensões da interioridade e da intimidade em profundidade, pois,

a coerência interior se manifesta como uma espécie de ancoradouro para uma dimensão profunda, que permite estruturar, verificar e individualizar semelhanças aparentemente distantes daquelas que estamos habituados a levar em consideração.⁷²

É fundamental que se considere a possibilidade de ser um autêntico educador em relação à respectiva capacidade pessoal de assumi-la e representá-la ou socializá-la. Não haveria qualquer possibilidade para uma pessoa que não tenha interesse em se colocar a questão de ser educador,

⁷² Carotenuto, *Attraversare la vita*, p. 46.

quando todo o seu interior está solicitado e ligado a outros horizontes em demasia utilitários. A profundidade e a harmonia da pessoa contribuem para que a ação pedagógica seja portadora de uma coerência especial, ou plenitude rica de prazer ou alegria.

As pessoas que se manifestam muito dinâmicas e perseguem seus objetivos a todo custo são consideradas, por alguns autores, como pessoas dinamizadas interiormente pela força vital, pela força de Eros. Esse é um princípio que impele as pessoas a ultrapassar o comum de suas vidas e a alargar os horizontes.

A. Carotenuto diz que em todo grande projeto acontece a iluminação de uma força interior capaz de conduzir a pessoa a superar os obstáculos, “qualquer grande obra, da obra de arte ao profissional de grande fama, nasce do Eros, da paixão do coração, de uma motivação pessoal que anima uma página escrita, que de outra forma permaneceria inerte e igual a tantas outras mil”⁷³

Esse impulso interior, a força “erótica” e vital do homem capacita o seu sujeito a realizar os seus sonhos e a encontrar grande satisfação naquilo que sonha e realiza. Normalmente, a própria pessoa se surpreende com tanta força que o impele a agir de acordo com suas intuições em direção a um grande gesto, trabalho ou obra que repercutirá em benefício de outros.

Aquele que atinge esse nível de comunicação com a própria força interior se torna notável pela ousadia, pelo desempenho e pela originalidade da perspectiva ou do horizonte descortinado.

A pessoa carismática é sustentada pelo próprio sonho que não satisfaz a outros mais que a si mesmo. Qualquer que seja a busca impelida por uma autêntica paixão, esta possui a capacidade de levar o indivíduo a aprofundar e a integrar um aspecto de si mesmo. Isso não significa colocar um fim egoístico como fundamento de todo grande projeto. Significa sobretudo que o exterior somente nos entusiasma quando aquilo que sucede no exterior é portador de uma imagem da própria interioridade.⁷⁴

Parece até que essa afirmação partiu da contemplação do projeto educativo de Dom Bosco em favor dos jovens. Além de se constatar o perfil carismático de Dom Bosco, se nota que foi de seu coração, de seu profundo

⁷³ Carotenuto, *Attraversare la vita*, p. 149.

⁷⁴ Carotenuto, *Attraversare la vita*, p. 149.

desejo de fazer algo significativo para os jovens que surgiu todo um conjunto de atitudes e propostas relacionais para com os jovens, tendo sempre em vista o bem deles (que era o sonho de Dom Bosco), ao mesmo tempo que revelou toda a interioridade, a intimidade da personalidade, a grandeza do coração amoroso de Dom Bosco.

Ao direcionar o fruto de suas ações ao bem dos jovens, seu perfil carismático se revelou nas tantas ações significativas que propôs em favor desses jovens. A personalidade carismática de Dom Bosco era o reflexo de seu estado interior de dedicação, de doação de si e de profunda realização, de prazer e de alegria enquanto se mantinha completamente entregue a seu sonho/projeto educativo.

Mais ainda, a força vital de Dom Bosco expressa mediante um objetivo claro, ao revelar sua força interior e seu empenho para torná-la clara para todos, transparecia em unidade de vida e de seu projeto de forma irresistível. Tanto o santo educador se tornou ponto de referência e de admiração como o fruto de seu empenho, seu método educativo e seu amor aos jovens passaram a compor a unidade educativa na pessoa dele. Falar de seu modo de educar era expressar suas idéias pedagógicas e expressar a força educativa de sua postura, de seu perfil, de sua pessoa como revelação de um grande amor...

O indivíduo que está em conexão com o próprio centro (com a própria interioridade) exerce uma indubitável atração. É um homem que pode partilhar com generosidade as próprias riquezas. Ao contrário, o pobre de espírito está obcecado em ver quem vai lhe roubar o pouco que tem: bens efêmeros de uma consistência etérea.⁷⁵

Comprova-se que a pessoa que revela seu interior pela dedicação a seu sonho, deixa transparecer a riqueza de que é possuído e dinamizado, uma vida que vale ser considerada e estimada. Uma vida impelida pela força vital que transparece contentamento e satisfação, alegria e prazer.

3.1 Conceituação de prazer hoje

A noção de prazer hoje está praticamente unida ao prazer oriundo do sexo, mas o sexo por sua vez está atrelado ao máximo de liberdade e

⁷⁵ Carotenuto, *Attraversare la vita*, p. 150.

coexiste com muitas manifestações econômico-culturais, como expressão do mais alto grau de autonomia que a pessoa pode mostrar. A vida sexual está a serviço de tantas maneiras de comercialização que induzem à falácia da permissividade, a ponto de chegar como sugestão imperativa a todas as pessoas pelos meios de comunicação.

Uma das atividades mais intensas dos meios de comunicação, hoje, está muito unida à conceituação de sexo = prazer = liberdade. O apelo ao mundo das fantasias atinge a todos subliminarmente e dessa forma constrói um mundo fantástico/idealizado muito difícil de ser atingido e muito difícil de ser questionado. A quantidade de insinuações é tanta e se apresentam sob as mais variadas formas, a ponto de confundir a noção de satisfação e gratificação com prazer sexual.

Assim se expressa Octávio Paz sobre a circunstância cultural de hoje:

Em Sade o sexo filosofa e seus silogismos são uma lava: a lógica da erupção e da destruição. Agora o sexo se fez pregador público e seu discurso é um chamamento à luta: faz do prazer um dever. Um puritanismo às avessas. A indústria transforma o erotismo num negócio; a política, numa opinião.⁷⁶

Essa cultura tem a força de criar um imaginário perfeito e uma realidade sofrível. As neuroses e as posturas altamente frustrantes dos adultos que não preenchem os ditames desse mundo idealizado de prazer máximo correlacionado ao sexo são as constantes que povoam de fato a realidade das pessoas mais adultas.

Os jovens batalham por esse prazer e estacionam na banalização de sua dignidade. Alguns jovens se esvaem na busca do ideal fantástico proposto pela mídia, atravessam todas as possibilidades sem se contentarem, fato contínuo, em nome de maior performance de prazer, partem para as drogas... Afinal, estímulos e propostas de prazer e de liberdade estão continuamente bombardeando as fantasias e produzem idealizações difíceis de serem superadas ou combatidas.

Perante esse quadro cultural e comportamental, a descoberta do prazer fora desse horizonte também tem atraído as pessoas e, apesar de obedecer às matrizes ou estruturas de comunicação vigentes, chega até as

⁷⁶ Octávio Paz, *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p. 82.

peças como alternativas de alegria e gozo sob variadas formas. Uma das mais simples é a valorização do afeto familiar que leva os jovens a se sustentarem por esse afeto como fonte de segurança. Nesse sentido, também existem relações prazerosas que levam as pessoas a se comprometerem umas com as outras, a se entregarem de corpo e alma, em especial nas relações de amizades autênticas.

O prazer da amizade, tão raro, tem a força de um comprometimento forte e prazeroso, e como tal, proporciona posturas ou situações de muito gozo, se bem conduzidas, e de extrema frustração ou sofrimento, quando perdidas.

Essa cultura ansiosa e preocupada em se “fartar” pela abundância de tudo, mostrou que a vida dinamizada pela sensação de prazer se torna mais bela, mais atraente, mais iluminada e mais intensa. Mostrou também que é possível viver em estado de satisfação, de prazer, sem perder a dignidade ou sem se banalizar. Existe a perspectiva de viver níveis de satisfação com intensidade na simplicidade de posturas que podem atingir mais profundamente a intimidade e que revelam grandezas ainda não sonhadas.

Interações livres e portadoras de engrandecimentos são capazes de mostrar níveis de possibilidades não detectados ou percebidos anteriormente. Relações autênticas e simples suscitam prazeres de descobertas e de vivências intensas quase misteriosas, pois não fazem parte do horizonte impositivo da mídia. Essas interações ou descobertas têm a qualidade de provocar o prazer insubstituível das surpresas e das descobertas, por exemplo.

A mídia decreta uma certeza ao propor o prazer como ideal fantástico a todas as pessoas, ao passo que o prazer denota a condição das pessoas como portadoras de possibilidades, e não de certezas, de possibilidades concretas embora nem sempre mercantilizáveis, mesmo que a mídia o faça com tudo.

A condição humana não se expressa ou age em condições de relação de mercado, isto é, quando o poder aquisitivo determina a posse ou não de um bem. A obtenção de níveis de prazer é a concretização de uma possibilidade inerente à pessoa, mas essa posse independe de uma relação mercantil, ao contrário, exige outras posturas que fogem da relação de comércio.

Quem se dispuser perante o prazer, mediante relação mercantil, pode até se entupir de bens, jamais de prazer realizante que contribua para a abertura da pessoa estruturada para uma finalidade. Existem possibilidades de prazer que preenchem voracidades originárias de distúrbios psicoló-

gicos, assim o poder aquisitivo poderá até satisfazer essa voracidade psicótica em relação ao poder em si, de ter poder decisório sobre as pessoas. Essa possibilidade, historicamente, causou um prazer perverso e continua a criar relações típicas de uma necessidade desordenada de pessoas que se organizam a partir desses horizontes pequenos e circunstanciais.

Aqui se considera a pessoa em um horizonte abrangente e capaz de significados que se enraízem também em valores transcendentais que têm o poder de conferir sentido ao todo da vida. Diversamente, a vida seria tomada somente em níveis instintivos ou de estratos mais elementares que qualificam as relações de sobrevivência dos répteis ou dos mamíferos. De uma forma ou de outra, ao se falar da natureza do prazer em si, se obtém uma noção de satisfação e de gozo em relação ao sujeito como um todo, cuja natureza e capacidades se especificam no agir e na percepção humana.

O prazer indica e mostra a maneira de como o homem sente a repercussão das atitudes ou dos objetos na interação consigo mesmo. A provisoriedade do sentir leva o homem ao desejo intenso de um prazer maior e mais intenso que dure mais do que já experimentou. Essa luta mostra a condição em que se encontra o homem, pode sentir e viver um estado intenso de prazer, mas este lhe revela a provisoriedade e suscita uma sensação de frustração e, ao mesmo tempo, o desejo de um prazer mais intenso e mais perene. A provisoriedade também pode mostrar a ambigüidade desses estados e dessas percepções.

Porém, nesse estado de precariedade, mesmo quando o que se deseja seja muito bom em si, se constata que ser capaz disso e daquilo pode tornar a neutralidade de um objeto em estado de profundo gozo ou de profunda frustração. Essa é a ambivalência do poder que a pessoa possui de conferir sentido a tudo. O homem vai se construindo nesse percurso que lhe mostra a história de seu instante quer seja intenso e prazeroso, quer seja fugaz e doloroso. Tudo pode ser ou não ser pela situação do homem na fugacidade do instante, mas da ambigüidade podem surgir momentos inesquecíveis e intensos.

Dessa condição se vale toda a cultura ou mídia que promete ao homem tornar intenso o que seja indiferente, eterno o que por si navega nas ondas do efêmero, e denuncia constantemente a provisoriedade do instante.

A condição existencial é marcada pela ambigüidade de poder ser num ainda não sido, de ser bom porque pode ser mau, constitui um ato

de vontade, de amor ao outro, que expressa a força de um desejo e que dá sentido à virtude da intenção maior de superar as contingências existenciais, realizando-se no ato de Ser.⁷⁷

Essencial esclarecer que a situação de ajuste e de satisfação será sempre uma possibilidade concretizada por um dado positivo de uma escolha, que pode ir além de um simples ato volitivo e que abrange a esfera de todo o ser.

A conceituação de prazer não pode estar determinada de forma absoluta, mas circunstanciada à pessoa humana, enquanto ser a caminho que se constrói na história. Pelo termo “prazer” não se entende, aqui, uma satisfação de nível epidérmico ou genital, como é compreendido popularmente. O prazer em sentido psíquico, é, ao contrário, aquele que resulta do funcionamento harmônico e equilibrado do ser humano em seus vários aspectos, também naquele do corpo, mas em especial no aspecto psíquico.

O prazer, então, nasce da ausência de inibições profundas e ânsias injustificadas. É a sensação global de bem-estar que proporciona uma vida instintiva e racional saudável, vivida na liberdade e na serenidade interior. É, no fundo, a capacidade sempre nova de saber se adaptar às situações cambiantes da nossa existência, sem se precipitar na angústia ou na agonia. Quem aprendeu a se comportar assim conhece o autêntico “prazer de viver”.⁷⁸

Essa conceituação permite uma aplicabilidade no campo educativo especificamente, mais ainda quando verifica que tal conceito sempre esteve presente na vida de Dom Bosco. Seus biógrafos testemunharam sua capacidade de imersão de corpo e alma em tudo o que empreendia, sua percepção da dinamicidade da vida e da possibilidade lúdica das crianças, bem como por sua característica fundamental de encantamento e de imaginação dos jovens.

Em primeiro lugar, o próprio Dom Bosco vivia de seu grande sonho desde os 9 anos. Matriz de suas certezas e convicções, a força desse sonho se desdobrou em tantas atividades e empreendimentos que surpreendeu ao próprio Dom Bosco. Dessa experiência surgiu a fonte de todas as suas expectativas educativas e de todos os caminhos pedagógicos a serem percorri-

⁷⁷ J. Rojas e P. R. H. Bastos, “A força do símbolo, a virtude da metáfora: uma expressão do ser”, in: Ivani Fazenda (org.), *A virtude da força nas práticas interdisciplinares*. Campinas, Papirus, 1999, p. 47.

⁷⁸ G. Dacquino, *Vivere il piacere*. Turim, SEI, 1984, p. 8.

dos por ele e por seus educadores que sempre visaram o bem dos jovens. Entretanto, concomitantemente, sempre estiveram alegres, prazerosos ao lado daquele que tinha a força de comunicar a força e o ímpeto de sua projetualidade a todos os seus auxiliares e mesmo aos jovens. Alegria, dedicação e entusiasmo são expressões da vida prazerosa do educador – Dom Bosco – e de seus auxiliares, seus seguidores.

A tarefa educativa, para ele, precisava de muita dedicação, imaginação, alegria, entrega e vibração, em uma palavra, intensa vitalidade rica de muita satisfação e prazer. Não se restringia ao campo do dever, mas disseminava esse entusiasmo educacional prazeroso por todos os campos possíveis de atuação pedagógica.

Queria a alegria oriunda de uma consciência em paz consigo mesmo, com o cumprimento dos deveres, consciência de estar de bem com todos os colegas e superiores, de se sentir bem na igreja e nas orações, em qualquer parte da casa, de estar muito alegre e dedicado nos recreios, de se dedicar com muita imaginação aos cantos e às representações teatrais, de estar de bem com o próprio corpo, tê-lo sempre muito saudável, alimentado, desperto e ágil como possibilidade de empenho nos jogos, danças e nos outros deveres. Estar em paz com a própria imaginação, tendo-a ocupada para as questões de seus deveres ou outras inventividades como teatro, música ou apostolado. Estar em paz com a própria alma, como expressão de sua pessoa e de seu amor e gratidão a Deus pela vida e pelos companheiros ou pelo estudo/ofício.

Em especial, a vida alegre ocasiona um caminho de auto-realização prazerosa, pois descortina horizontes possíveis para os próprios talentos. Nesse particular, o educador – Dom Bosco – sempre soube suscitar horizontes de profissionalização para seus alunos, pois conhecia a todos e sabia dos dons e possibilidades de cada um.

Dom Bosco sempre foi um exímio suporte para que os jovens pudessem sonhar a respeito de suas possibilidades, lhes exaltava os dons e os impelia para horizontes vastos de auto-realização. Ao fim, pode-se julgar que os jovens se encontravam quase num paraíso, tamanha era a facilidade para eles se encaminharem na vida. Sem exagero, são essas as impressões deixadas pelos testemunhos dos biógrafos. Havia uma intensidade de vida prazerosa, alegre e portadora de tamanha alegria, que a auto-realização se encaminhava mais facilmente. Esse era um ambiente em que a alegria era a expressão do prazer de se viver ali e de se conviver com um educador fantástico como foi Dom Bosco.

A harmonia da vida em suas mais variadas expressões proporciona, segundo o Sistema Preventivo, um espírito de satisfação-prazer e de alegria que preenche os desejos e entusiasma os jovens para horizontes sempre maiores e mais desafiadores. A chancela de tudo isso, de sua pedagogia, foram as casas salesianas que o próprio Dom Bosco viu em boa parte da Europa e da América Latina.

Nesses países, os salesianos repetiam o sucesso pedagógico de Dom Bosco com a maior simplicidade. Tinham uma vida esplendorosa de dedicação, de certezas, de amparo divino, e de muita satisfação, alegria e entusiasmo... levavam uma vida rica de intensidades pedagógicas, uma vida rica de prazer muito verdadeiro. Tinham as certezas no coração e um destino para muita realização e entusiasmo, experimentaram todas essas possibilidades ao lado do próprio Dom Bosco e agora eram os portadores desses caminhos prazerosos para uma vida muito digna e rica.

O prazer da espiritualidade salesiana tem expressões tradicionais enquanto pedagogia geradora de posturas e atitudes: presença amiga (simpatia-empatia), capacidade de acolhida, propriedade relacional para a liberdade e desenvolvimento pessoal, alegria contagiante pela capacidade de empenho, certeza de estar sempre com Deus e de saber que Ele quer o bem dos jovens, orientação para Deus como nosso Pai e proximidade de uma Mãe dedicada e protetora, Maria Auxiliadora.

O estar com eles, com as crianças, com os jovens, tem como decorrência uma postura relacional identificadora e postuladora de autodesenvolvimento. Estar com eles para os encorajar a percorrer os caminhos necessários para uma boa formação ou desenvolvimento de seus talentos e suscitar a capacidade de compromisso social.

Nesse sentido, a pedagogia salesiana considera e necessita muito de vivências geradoras de prazer para que possa auxiliar os jovens a se encontrarem com segurança e descobrirem o próprio caminho.

Como é notório, a cultura atual tem suas posturas perante o prazer e sua disseminação como produto indispensável ao consumismo e ao mercado. Segundo Amparo Caridade,

A lógica é gerar necessidades nas pessoas, de modo que sejam escoados os produtos inventados para atendê-las... se apresentam embalados em roupagens de felicidade. (...) Há uma concepção difundida de que o bem-estar, a alegria, a felicidade, o prazer dependem da satisfa-

ção de todos os desejos, o que sabemos ser impossível. Essa concepção é o ideal da sociedade de consumo que se atribui a missão de providenciar todos os bens, conseqüentemente todos os prazeres.⁷⁹

A mesma autora, mais adiante, coloca as condições para que uma pessoa possa crescer com dignidade e não se deixar dominar pelos imperativos consumistas vigentes: “Postulo que o bem-estar, a alegria genuína devem passar pela condição do indivíduo enquanto artífice de seu próprio prazer, e não mero consumidor de coisas ditas prazerosas. É a negação do sujeito do prazer que faz mal”.⁸⁰

Essa afirmação corrobora o ideal da pedagogia salesiana que propõe o prazer e a alegria como expressões máximas da vitalidade estrutural da personalidade saudável. Para isso, Dom Bosco e os salesianos sempre lutaram em nome da inspiração inicial do próprio Dom Bosco e do querer de Deus a respeito das pessoas. Ao terminar seu artigo, Caridade parece copiar o objetivo da pedagogia salesiana ao propor para a educação ou para ser pessoa portadora de dignidade hoje:

Quem sabe aprendamos a permitir que a música, a arte, a natureza, o outro penetrem em nossa sensibilidade, atinjam nossa pele, alcancem nossa intimidade – e lá, enfim, descubramos que o prazer ali encontrado pode ser de ordem do “infinito enquanto dura”, mas que, decerto, ele dura na proporção do sentido que possibilita... Não se pode aguardar que o outro promova o nosso bem-estar, nosso prazer, nossa felicidade. Cada um é responsável pela construção da felicidade em seu existir. Sendo feliz, podemos, então, partilhar isso com o outro.⁸¹

Essas afirmações corroboram a proposta da pedagogia salesiana, principalmente ao considerar a indignidade da entrega das pessoas à cegueira da sociedade de consumo. A fuga da responsabilidade de autoconstrução não poderá jamais ser uma base possível para uma vida alegre e rica de satisfação e de prazer. A espiritualidade se torna componente muito importante para que a pessoa possa se construir na alegria, na satisfação para uma vida expressiva em situações de prazer.

⁷⁹ Amparo Caridade, “(Des)Caminhos do prazer na contemporaneidade”, *Symposium*, ano 4, dez. 2000, p. 5.

⁸⁰ Caridade, “(Des)Caminhos do prazer na contemporaneidade”, *Symposium*, p. 7.

⁸¹ Caridade, “(Des)Caminhos do prazer na contemporaneidade”, *Symposium*, p. 8.

Dom Bosco conseguiu unir a espiritualidade ao gosto de viver, ao sabor das coisas boas e agradáveis que o cotidiano pode oferecer aos adultos e aos jovens. Sabe-se que sua inspiração encontrou eco e alicerces na espiritualidade exemplar de São Francisco de Sales.

3.2 Vida movida por impulsos que geram prazer

Ao final do item anterior, se constata que não se pode falar de uma pessoa educada para se sentir feliz, prazerosa, se não se considerar as motivações que a sustentam e quais são os horizontes que a preenchem. A vida tomada como fonte de grandes oportunidades ou de grandes alegrias não viceja em personalidades com grandes desvios ou traumas psicológicos. De outra forma, se pressupõe que a alegria, o sucesso e o prazer medram em personalidades bem estruturadas com maior facilidade.

Em especial, esses valores ou maneiras de se posicionar perante a história ou diante dos acontecimentos cotidianos refletem uma feliz postura daquele que soube descobrir as possibilidades de se deixar dinamizar de forma a se perceber preenchido, realizado ou reconciliado consigo mesmo, para surpreender os acontecimentos pelo viés da alegria e da satisfação, gerando uma onda de prazer de viver em seu íntimo e ao redor de si.

Segundo Dacquino, somente com um apurado sentido psicológico o homem pode compreender e avaliar o significado de uma situação e agir com segurança:

Embora o fenômeno psíquico seja o resultado da integração entre as estruturas biológicas e influências ambientais, a vocação natural do homem é o prazer, a satisfação e o gozo em todos os níveis de seu ser... (embora) O prazer provoca medo porque representa algo que não se conhece claramente, mesmo sob o ponto de vista cultural. O pensamento que até agora dominou o Ocidente sempre deixou de lado o problema do prazer, enquanto é uma vivência fundamental da experiência humana. Por isso, o homem moderno ocidental teme o amor, o sacrifício e também o prazer.⁸²

A distinção entre o prazer de uma pessoa e de outra passa pela sua historicidade e estrutura pessoais. Assim, se explica com que facilidade

⁸² Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 12-13.

a cultura consumística predomina sobre personalidades superficiais. Estas podem até ser muito simpáticas, mas não se importam ou não perceberam o aspecto de profundidade que uma personalidade mais consistente pode atingir.

Uma personalidade saudável é fruto de uma conquista e expressa essa conquista através de suas atitudes e de suas satisfações. Ao contrário,

a ausência de uma identidade pessoal diminui a possibilidade de autoafirmação da parte de seu “eu”, e está sempre em estado de confusão, de incerteza e de fragilidade angustiante... quem não conhece a si mesmo está continuamente exposto ao risco de cair em depressão, na insegurança, na insignificância... vive uma sensação de incapacidade, de inadequação, de inferioridade, de desestima e de autodesvalorização. Esses sentimentos levam para a autodestruição e para a perda do sentido da vida... Uma identidade ótima permite o respeito a si e para com os outros.⁸³

As conseqüências de uma personalidade descurada e insegura são sofrimentos sem fim. Para que o êxito de um processo educativo seja alto e corresponda ao esperado, é necessário que a base da personalidade esteja muito fortalecida e saudável.

A identidade é um valor precioso que não pode ser sacrificado a ninguém, nem à violência nem à afetividade. Todo indivíduo afetivamente maduro deve manter a fidelidade ao próprio ser, lutando para não perder aquilo que o caracteriza como pessoa... Para permanecer assim, é necessário morrer, pois não há crescimento psicológico e espiritual que não passe pela lei da morte de uma parte de nós... As pessoas mais ricas são aquelas que mais sabem o que seja a morte, que morreram várias vezes, em sentido psíquico.⁸⁴

Esse autor expõe a trajetória para o sucesso prazeroso de uma pessoa consciente de si e que tem a vontade de se propor um crescimento segundo suas possibilidades. A necessidade de morrer para que algo de novo nasça no interior da pessoa é fundamental, fato que exige um espírito de desprendimento que à primeira vista parece ser um horroroso sofrimento. Porém, uma pessoa consciente de si, da própria possibilidade, sempre sabe que de-

⁸³ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 23-24.

⁸⁴ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 28-31.

verá deixar aspectos de seu ponto de vista ir embora, para que o horizonte se aclare e a novidade esperada possa trazer a alegria e o prazer, pois soube esperar e deixar a nova possibilidade se fazer presente. E o autor conclui:

Viver significa esquecer a dor mesmo quando ainda não se aprendeu; significa sobretudo buscar o prazer, a alegria, a serenidade, olhando com equilíbrio os próprios sofrimentos... (E também é) através da descoberta do corpo e de seu uso, que o homem se abre para sua dimensão humana; através do prazer corpóreo, o homem se integra consigo mesmo e com os outros.⁸⁵

A conquista de si passa pela experiência da morte e do sofrimento, implica uma espécie de ascese que leva a um benefício saudável desde agora.

Semelhantemente, na pedagogia salesiana, para que haja uma relação prazerosa dentro de um processo educativo, se exigem todas essas passagens profundamente humanas da perda/morte ou da frustração para uma leitura da novidade como expressão de algo engrandecedor, que surge da honestidade da relação e denota todo um sentido profundamente humano e prazeroso. Afinal, um educador salesiano tem de percorrer seu caminho de amadurecimento para que a relação educativa possa ser portadora de uma expressão vital que suscite outras buscas nos educandos, para descobertas em sua intimidade ou vitalidade.

A serenidade de quem adquiriu a segurança de êxito educativo, mesmo na dor ou em situações menos claras momentaneamente, constitui a expressão da postura honesta de um verdadeiro educador. A alegria e o prazer são gozos que a intimidade de cada um proporciona a si e a todos que são de seu convívio, lhe derogando a aura de relações educativas desejadas de muita confiabilidade.

O enriquecimento interior se torna importante para o educador, se ele quiser ter uma visão mais abrangente da vida, das possibilidades das pessoas que estão continuamente conectadas com a fonte da própria personalidade, a sua intimidade.

Dacquino cita o testemunho do padre Foucauld ao deparar com um venerando ancião que vivia de esmolas que os *tuaregh* lhe deixavam, e que lhe transmitiu a grandeza de sua intimidade, de sua alma:

⁸⁵ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 50-52.

Tocou-me a serenidade que emanava de seus olhos azuis e sobretudo o tom de sua voz. Tudo exprimia o seu equilíbrio, a sua harmonia interior. Não era possível estar na sua presença sem receber uma tensão emotiva de sua força espiritual: a sua alma tocava o coração.⁸⁶

Talvez fosse esse o ideal da interioridade ou espiritualidade de um educador. O mesmo pode-se falar de Dom Bosco. Como personalidade muito rica, sempre manifestou sinceramente suas apreensões e alegrias perante os jovens, a ponto de vibrarem com seu entusiasmo, com o idealismo de seus sonhos, arrastava atrás de si os jovens que se deixavam entusiasmar pela vida, pelas descobertas e pelos grandes sonhos.

A riqueza interior deve sempre fazer parte do perfil de um educador que se propõe interagir dentro de um processo relacional em que os educandos possam perceber claramente pelas atitudes que a seriedade, a alegria, a compreensão, a força e o ímpeto estão presentes naquela pessoa. Considerar a personalidade do educador é reforçar a afirmação de que se educa mais pelo que se é do que pelo que se diz.

Compõe o quadro de perspectivas da alma de um educador sua capacidade de criar, de estimular a imaginação, de suscitar idéias ou possibilidades, cuja consecução produz satisfação, contentamento, confiança em si, estimula a capacidade de inventar, de associar, de descobrir, de sentir o gozo do êxito do comprometimento do educando. Nesse sentido, desde muito criança, Dom Bosco se deixava estimular por suas fantasias para poder atrair seus colegas para as práticas religiosas. A tradição salesiana aponta vários fatos em que Dom Bosco desafiava saltimbancos ou vencida corridas para depois poder levar seus colegas a frequentar as celebrações religiosas.

Nos primórdios do Oratório tudo era pura inventividade, bastava um espaço amplo e muita alegria para que tudo se concretizasse em um processo amplamente criativo em relação aos jogos e passatempos alegres. A necessidade impelia Dom Bosco para uma tarefa onde a inventividade acontecia diariamente. Como educador, Dom Bosco vivia um verdadeiro estado de criatividade:

A criatividade está correlacionada ao estrato mais profundo do ser humano. Fundamenta-se de fato na atividade do inconsciente com a participação do consciente... De fato o Eros não é somente uma pulsão

⁸⁶ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 61.

humanizante enquanto portador de um amplo leque afetivo, mas é também um impulso interior que estimula a fugir dos estereótipos e dos convencionalismos do consciente, inventando novos esquemas fantásticos e permitindo a expressão, sob forma de símbolos, de autênticos conteúdos do inconsciente. O Eros tem valor criativo porque é a matriz da criatividade.⁸⁷

Pode-se afirmar que esse foi o substrato da personalidade de Dom Bosco educador, assim foram os grandes educadores que seguiram seus ditames pedagógicos, e assim serão os que se deixarem conduzir pela trilha educativa inaugurada por Dom Bosco e que se mostra de uma eficácia condescendente para os dias de hoje.

3.3 Prazer mais alto: convivência da alma com Deus, fonte de todo e indizível prazer

Se o prazer pode levar a pessoa a uma constatação de plenitude, momentânea completude ou a uma sensação de nada mais desejar ou sonhar, pode-se afirmar que o prazer atinge a pessoa em suas dimensões todas, desde a física à psíquica, desde a emocional à espiritual. Conforme a antropologia que se enseja como parâmetro será o horizonte que se propõe como referencial para se falar de um prazer capaz de levar a pessoa ao mais alto grau de satisfação possível.

Existem culturas que propõem caminhos para a aquisição desse prazer mediante técnicas variadas. Ao correlacionar o prazer à educação salesiana, com aspectos variados para as percepções de alegria e satisfação, de estados relacionais, figura um dos maiores anseios dos processos relacionais como êxito ou postura básica: a atitude amorosa, o amor em sentido significativo ou construtivo. A motivação primeira dessa relação amorosa, qualificando a finalidade ou o objetivo do afeto, mostra a auto-realização prazerosa possível.

A relação educador/educando determina alto grau de amor, por conseguinte, também de prazer, festa e alegria. Para Dacquino,

a afetividade acionada na relação amorosa é o dinamismo fundamental da existência humana, pois o amor auxilia a se encontrar mais

⁸⁷ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 71.

consigo mesmo, à auto-realização e a satisfazer as próprias aspirações... torna amável a existência, porque quando se ama, tudo se torna fácil e amável. Somente o amor gratifica a essência do homem e dá significado à sua vida... o amor intensifica a percepção das coisas e sobretudo aumenta a percepção do belo. Amar é penetrar na vida, é orientar a vida, é programação, é projeto; é viver a vida a plenos pulmões, com todas as faculdades. O amor é a força que nos faz sentir distantes da morte... o amor é o único auxílio que permite suportar o peso da vida. Enquanto um homem ama, não estará jamais perdido, quando se lhe tirar a possibilidade de amar, é como se o matasse... A vida é um caminho de amor, porque dar e receber amor é a finalidade da vida... sem amor acontece a tristeza, a depressão...⁸⁸

Todos passam por alguma experiência de amor que implica saber receber e doar afeto, é também sentir prazer em acolher o outro como ele é. Assim, na pedagogia salesiana, o amor dado e concedido é a base fundamental para um processo educativo exitoso.

Para que se ative adequadamente esse potencial de amar e ser amado, o qual tem o poder de levar a pessoa a ultrapassar o tempo e o cotidiano, com poder de dar sentido e abrir as dimensões do espírito, é necessário compreender a própria situação, se conhecer e ter a sensibilidade capaz de empatia, de acolhida e de partilha. Um educador que negue essas condições e perdue em se posicionar como tal, se arrisca a um insucesso.

A exemplo de Dom Bosco, a capacidade de amar, para os educadores salesianos, sempre foi estimulada. Ele não mediu esforços ou sacrifícios para demonstrar concretamente sua dedicação amorosa. Fazia questão que os jovens soubessem que eram amados: “Não basta amar, é necessário que os jovens saibam que são amados” é um mote constante da pedagogia salesiana.

Assim, a necessidade de aprender a amar para aquele que se dispôs às relações educativas deve fazer parte de uma decisão ratificada com um pacto interior, ou a perspectiva do amor oblato em prol dos jovens deve encontrar a abertura e a consolidação no mais íntimo da pessoa. Essa postura, em Dom Bosco, se tornou central e força motriz de todas as suas ações. A vocação salesiana, de educador/pastor, exige uma organização da vida interior solidificada com essa escolha e alimentada pela imagem que o próprio Dom Bosco deixou a todos: a figura do Bom Pastor.

⁸⁸ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 189-190.

Transfere-se a postura e a atitude do Bom Pastor para cada salesiano. Sem esse alicerce, a pedagogia salesiana pode claudicar. Por outro lado, a satisfação e a certeza sobrenatural de que essa vocação contribui para a formação da porção mais querida por Deus de seu pequeno rebanho, os jovens, dinamiza e alimenta qualquer disposição de um educador que se dispõe a servir a Deus na pessoa dos jovens e crianças.

Para o educador salesiano,

o amor não pode exaurir em si mesmo porque até a relação de amor entre um homem e uma mulher faz parte do grande amor entre o homem e a natureza, entre o homem e o universo, entre o homem e Deus. O ser humano, de fato, somente através do amor pode transcender a sua individualidade para se aproximar dos outros, do universo e do próprio Deus... E posto que na essência do homem estejam as raízes do amor, o Eros poderia ser considerado como uma instância que nos impele para o infinito... Dessa forma pode-se afirmar que mediante o amor, a eternidade inicia já aqui, nesta terra.⁸⁹

Para o pedagogo, é fundamental contemplar a plenitude de seu amor ao educando na dimensão do infinito, pois, de alguma forma, o amor ao educando compartilha do amor infinito com que Deus nos ama. Seria uma maneira de amar o educando como o próprio Deus o ama e quer amá-lo, não em sentido da origem do afeto, o do educador sempre será um amor participativo, o amor de Deus para com os jovens será um amor individualizado e único. Desse amor individualizado, o educador pode conhecer algumas características se tiver feito a experiência de se deixar amar como o próprio Deus o quis. Em outras palavras, o educador deve ter sentido a presença forte do amor de Deus para poder falar ou agir de conformidade com essas características. É verdade que as atitudes de Cristo serão exemplares ao menos em sentido racional, o que é muito interessante. Porém, nada substitui a sensação ou o toque pessoal do amor de Deus. O ideal de educador/pastor passa por essa exigência.

É mister fazer a experiência do amor de Deus, para que esse ideal de educador salesiano esteja completo, constatar na própria vida a ação do verdadeiro Pastor, que é Jesus Cristo. A plenitude da pedagogia salesiana depende dessa experiência para que ela seja percebida em todas

⁸⁹ Dacquino, *Vivere il piacere*, p. 196.

as dimensões. O apelo ao transcendente, como complementação do sentido e como coroamento das diversas ações ou atividades de um processo pedagógico, deve encontrar algum educador, norma ou tradição que permita sua concretização.

O processo pedagógico, ao atingir todas as áreas ou as diversas dimensões dos educandos, jamais deve se furtar ante a necessidade de atividades, ações ou mesmo atitudes transversais que tragam ou traduzam a presença do sentido sobrenatural, a presença de Deus em todas as atividades do cotidiano da instituição.

A presença da religião como prática e como exercício de autoconhecimento em relação ao sobrenatural não pode ser negada aos educandos, aliás, a escola deve primar por dar valor e importância para as celebrações religiosas ou para as atitudes transversais que reportam qualquer atividade ao sobrenatural. Essa prática é portadora de sentido para o tempo de educando e para toda a vida.

A integração da presença e intimidade com Deus em qualquer parte ou em qualquer atividade em que se está imerso permite ressignificar o sentido da vida, de si mesmo e dos valores que a pedagogia salesiana propõe como caminho de auto-realização. Essa integração traz um alicerce maior e mais amplo para a vivência de valores, como reciprocidade, responsabilidade, alegria, piedade, empenho no cumprimento do dever, e uma descontraída certeza de que Deus sempre traz a sua proteção, torna as pessoas mais leves e vibrantes, mais capazes de se entusiasmar, de sentir prazer em estar bem, alegres...

Não será demasiado insistir sobre o gozo da alegria proveniente de uma vida ressignificada, quer interiormente quer em outras atividades, pela entrega realizada na intimidade de cada um à graça de Deus. Por isso, Dom Bosco não admitia um grupo de alunos, de jovens sem a vibração por todas as atividades e pela simplicidade alegre e cheia de satisfação proveniente de um bom relacionamento com Deus. Essa é a fonte de uma alegria prazerosa de todos aqueles que se deixam conduzir pela graça de Deus. Gozam de um prazer intenso e leve, de certezas e de situações alegres que passam a integrar seu *modus vivendi* como segunda natureza.

A dimensão sobrenatural impregna toda a postura da pedagogia salesiana, pois promove e espera que a força do Eros atue nos jovens e educadores para expressões vibrantes da vida plena. Correlativamente, o sobre-

natural é integrado a partir do natural. Um empenho honesto dinamizado pelas forças e pelas vibrações humanas mais intensas e genuínas é assumido como expressão da presença de Deus pelo sentido conferido.

Na pedagogia salesiana, uma alegria muito humana sempre está correlacionada ao sobrenatural, intercambiando o profundamente humano com o profundamente sobrenatural e divino. Acontece a divinização do humano pela intrínseca coerência e honestidade da pessoa para com a vida, e a graça de Deus leva para maiores aprofundamentos da vida reportada ao amor sempre presente de Deus, para maior entendimento e aprofundamento do plano de Deus para com seus filhos.

Esse caminho complementa a prática pedagógica salesiana, mas a qualidade dessa complementação depende muito da dedicação, da fé e da experiência do educador. Quando carente de uma experiência maior da presença da graça de Deus em sua vida, o educador dificilmente saberá mostrar com competência o caminho verdadeiro aos jovens.

Para ser um educador completo, dentro da pedagogia salesiana, a necessidade de aprendizado do amor de Deus vai ter um outro correlato na ação pedagógica diária: a presença como expressão de amor e de orientação para os jovens. Para que a presença salesiana esteja de acordo com o ideal de Dom Bosco, é necessário que tenha adquirido a melhor qualidade do Sistema Preventivo: a *amorevolezza*.

A relação de presença dentro da pedagogia salesiana tem de partir desse pressuposto, o aprendizado do amor. A alma do Sistema Preventivo se chama presença amorosa, dinâmica, amiga, orientadora, capaz de diálogo, de compromisso e de busca conjunta de um ideal, capaz de abrir horizontes, jamais uma presença de posse ou, o pior, com intenções manipuladoras.

Braido assim se expressa sobre a *amorevolezza*:

O Sistema Preventivo é, definitivamente, fundado sobre a razão, sobre a religião e sobre a *amorevolezza* do educador – indivíduo e comunidade – e, através dele, de todos os elementos pedagógicos dos quais é cooperador ou mediador. Não se constroem sujeitos maduros – nos valores de razão, religião e afetividade – se o educador não for, ele mesmo, fim-valor e método segundo a razão, a religião e a afetividade. O educador é chamado a se apresentar operativamente como modelo vivente e ativo de tudo aquilo que, segundo a razão, a religião e a *amorevolezza*, seja válido em si e ao mesmo tempo é por

ele tornado amável e “atraente”, motivante, envolvente para o aluno. O educador precisa apresentar, em forma dinâmica, com relação a todos os possíveis fins educativos, aquilo que Dom Bosco afirma dele como “modelo de moralidade”.⁹⁰

Prossegue, ainda, a respeito desse conceito máximo da pedagogia salesiana:

A *amorevolezza* é “amor demonstrado”, por isso amor afetivo e efetivo, testado pelos fatos, perceptível e “percebido”. Na carta aos salesianos de Valdocco, de 10 de maio de 1884, padre Lemoyne interpretava felizmente as idéias de Dom Bosco. O amor é o fundamento. “Mas isso não basta”, falta alguma coisa educativamente decisiva: “que os jovens não só sejam amados, mas que eles mesmos saibam que são amados”. Não é ainda suficiente. Esse conhecimento será finalmente persuasivo, se se sentirem “amados naquelas coisas que lhes agradam, participando das suas inclinações”: estarão então disponíveis a dividir com amor aquilo que o educador propõe, a disciplina, o estudo, em uma palavra “os deveres”.

E conclui:

Amorevolezza indica em Dom Bosco “um complexo código de símbolos, sinais, comportamentos”. É o traço mediante o qual se manifesta a própria simpatia, o próprio afeto, a compreensão e compaixão, a participação na vida dos outros.⁹¹

O ponto mais alto da proposta pedagógica de Dom Bosco é, sem dúvida amar por amor. Deixar-se amar por Deus, como expressão da gratuidade do Criador para poder amar os outros com os olhos dele.

Assim, o educador que fez a experiência de se deixar amar, reconhecer que Deus o ama e que continua a desejar que ele, educador, faça parte de seu plano de conduzir a todos os jovens num caminho profundo de auto-realização em todas as dimensões, somente poderá cumprir com esse mandato através de uma profunda atitude de *amorevolezza* para com os jovens, amá-los profundamente, como o Pai ama individualmente a qualquer jovem presente na vida dos educadores salesianos.

⁹⁰ Pietro Braidó, *Prevenire, non reprimere: il sistema educativo di don Bosco*. Roma, LAS, 1999.

⁹¹ Braidó, *Prevenire, non reprimere*.

Sem essa disponibilidade e aprendizagem, a ação pedagógica pode até ter uma dose excelente de técnicas, mas não exercerá o fascínio de poder levar o jovem para o caminho da transcendência, para o sobrenatural, para a experiência da filiação divina. Segundo a pedagogia de Dom Bosco, tudo estará incompleto, faltou o principal, não se ensinou a conclusão para a felicidade, o caminho do amor de Deus.

O prazer mais refinado sempre vai exigir posturas e disposições apropriadas para que se possa atingir esse nível de felicidade. A pedagogia salesiana oferece essa possibilidade quando o educador segue todo o caminho do mestre. Assim, ao final da vida, Dom Bosco, ao inaugurar a Igreja do Sacro Cuore, de Roma, um tanto alquebrado, mas em pleno estado de percepção do que acontecia ao seu redor, não se conteve ao ver o grau de felicidade e de satisfação de alma ao contemplar os benefícios que Deus fizera através de sua pessoa.

As lágrimas testemunharam a felicidade e o prazer da alma de Dom Bosco perante a realidade de sua vida que sempre contemplara com humildade, muita dedicação e perseverança no trabalho educativo para os jovens de qualquer parte. Uma alegria inefável lhe invadiu a alma por longo tempo, fez com que saísse do tempo para poder considerar a grandeza da ação que se completava através de sua pessoa.

Um educador/pastor salesiano que se dispuser a seguir o modelo Dom Bosco pode esperar que de alguma maneira esse gozo lhe advirá na alma. Um estado de plenitude indizível habitará o seu ser e o impelirá a estar mais e mais disponível para que os jovens possam seguir um caminho de autoconstrução condizente com o desejo de Deus, que quer amá-los e lhes manifestar o seu caminho de amor.

Qual não será o prazer de um educador que ao conseguir mostrar aos jovens esse sentido de suas vidas, não vai gozar de uma beatitude inebriante. Pois saberá que cumpriu com o esperado por Dom Bosco, por Maria Auxiliadora, por Jesus: lhes mostrar que alguém os ama e sempre estará esperando por eles. Esse educador cumpre ao lado de Dom Bosco o mandato do sonho dos 9 anos: mostrar aos jovens o caminho do amor de Deus.

Eugênio Ceria resumiu a maneira de Dom Bosco ver os jovens:

O modo como ele concebia a educação era revelado logo que os jovens chegavam: recebia-os como vindos das mãos de Deus. (...)

– O Senhor manda-os para nós para que pensemos nas almas deles e aqui encontrem o caminho da eterna salvação... o nosso fim supremo é fazê-los bons e salvá-los.⁹²

Para que essa finalidade suprema da pedagogia salesiana acontecesse, o ambiente que se construía ao redor de Dom Bosco era muito saudável e entusiasmante, marcado por manifestações de plenitude de vida, de alegria e de um profundo sentimento de satisfação e prazer:

A vida no Oratório era toda feita de piedade, estudo e trabalho, mas tudo temperado com santa alegria. “Quem não a conheceu, dificilmente pode fazer uma idéia”, escreve um historiador que a viu. Os sobreviventes daqueles tempos pareciam rejuvenescer, quando recordavam a alegria que tinham gozado na casa de Dom Bosco.⁹³

Essa alegria proveniente de uma intensidade e de gozo da vida rica em aberturas e relações construtivas se torna o ideal para os salesianos, desde que a plenitude seja atingida pela finalidade última, o sentido maior, a “salvação da alma”, na expressão daquele tempo. A presença de Deus preenche de beatitude e de alegria, de prazer de viver, quando se sente na liberdade de amar e de ser amado. Esse prazer de alma acompanhou a Dom Bosco e deve acompanhar a qualquer educador salesiano.

Ao falar de Dom Bosco, Ceria diz que seu estado de alegria interior era muito intenso. Mesmo nos momentos difíceis ou em situações em que necessitasse de um férreo autodomínio, não perdia a compostura, que era dominada por algo que emanava do íntimo de sua pessoa:

Poder-se-á dizer uma fusão do coração por causa do ardentíssimo fogo da caridade, fogo de caridade ou, sem metáfora, um dulcíssimo sentimento de amor divino, que enche a alma de alegria inexprimível até produzir no corpo um místico langor, que por vezes faz até desmaiar.⁹⁴

Ceria passa a demonstrar como essas afirmações aconteciam em Dom Bosco. Traz fatos, testemunhos de outros salesianos que comprovaram a experiência do amor de Deus, em especial pela sua dedicação aos jovens.

⁹² Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 186.

⁹³ Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 200.

⁹⁴ Ceria, *Dom Bosco com Deus*, p. 281.

Esse é o caminho do ideal da pedagogia salesiana. Fique bem claro que uma postura de Dom Bosco sempre estava acompanhada de traços culturais de sua época e da mentalidade pedagógica de seu tempo, segundo autores, como Pietro Braido, explicam muito bem. Porém, a experiência do amor aos jovens jamais deixará de ter a profundidade humana com que se revelou em Dom Bosco e nas gerações posteriores de educadores salesianos. Plenitude humana que recebe o coroamento ressignificado pelo sobrenatural.

Em outras palavras, a alegria concedida aos educadores e educandos que se dispuserem a se abrir para a presença de Deus, sempre terão uma alegria inefável produzida pela beleza eterna proveniente do amor que Deus tem para com os jovens. Chegar até aí, se abrir ante as solicitações de uma alma de completa doação, é desvendar o segredo ou o caminho que Dom Bosco percorreu e sentir ou experienciar a inexprimível presença do amor de Deus como plenitude e alegria, como satisfação intensa e prazer da alma em estado de beatitude, pois Deus se manifesta na alegria, na completa expansão do nosso horizonte nem sempre tão generoso como Deus se mostra.

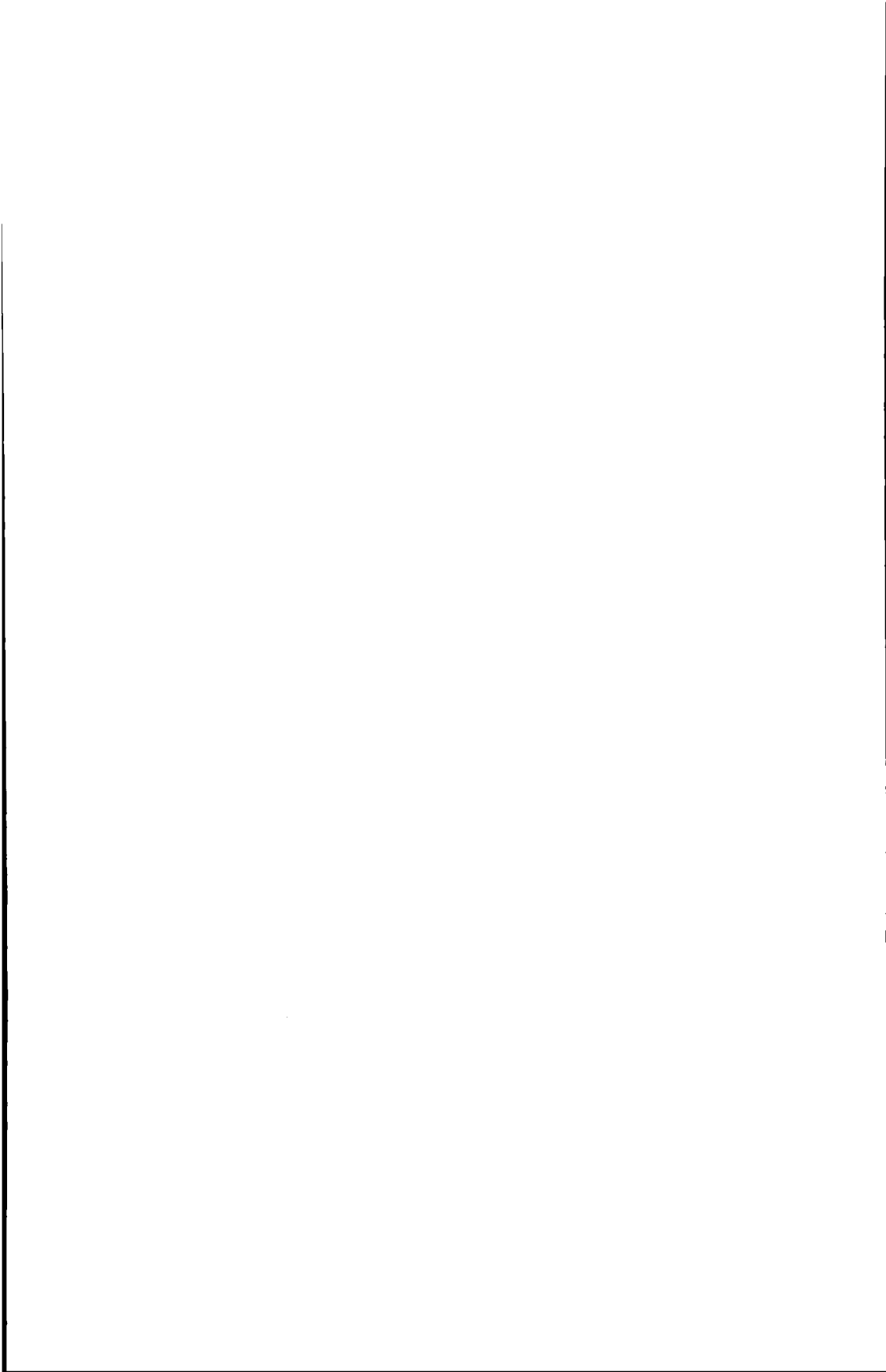
Essa experiência de profunda revelação de si, de alegria e de gozo, faz parte da tradição da literatura patrística. Santo Agostinho em diversos escritos falou dela. Numa de suas afirmações ele se exprimiu assim perante o enlevo da presença amorosa de Deus:

Seguravam-me longe de ti as coisas que não existiriam se não existissem em ti. Chamaste, clamaste, e rompeste a minha surdez, brilhaste, resplandeceste e afugentaste a minha cegueira. Exalaste perfume e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz!⁹⁵

Como em Dom Bosco, já muito tempo antes, a presença alegre e prazerosa de Deus deixou a alma inebriada, assim foi e será sempre uma grande experiência da alma que se abriu para o amor de Deus e que se deixou amar! Resta aos educadores/pastores de hoje se abrirem ao amor que Deus quer comunicar através do trabalho pedagógico, através da espiritualidade salesiana tão rica de afeto e afabilidade.

Que a coragem não falte. Da parte de Deus, sua fidelidade sempre estará presente.

⁹⁵ Santo Agostinho, "Confissões", in: *Liturgia das Horas*, volume IV. Petrópolis/São Paulo, Vozes/ Paulinas/Paulus/Ave Maria, p. 1235.



IV Carisma salesiano e pós-modernidade



Introdução

A Família Salesiana é chamada a dar sua contribuição para a evangelização do mundo de hoje, em especial aos jovens. Mais que isso, é convidada a reavivar sua espiritualidade como expressão de uma presença significativa na Igreja para a santificação de seus membros e, através dela, serem portadores da mensagem de salvação vivenciada e proclamada por todos os filhos de São João Bosco.

Trata-se de interagir com o mundo de hoje. Segundo a carta pontifícia *Novo Millennio Ineunte* e o espírito salesiano, o chamado à santidade passa pela leitura dos traços culturais que determinam a maneira e a sensibilidade com que as pessoas expressam a vida.

Ao conjunto de características da cultura que informa suas expressões e veicula os valores que dão a tonalidade da interpretação da vida nesses tempos, globalmente, se denominou pós-modernidade.

Jesus Cristo teve pela frente a cultura do templo e os valores defendidos pelos doutores da Lei, pelos fariseus e saduceus. A essa cultura Jesus Cristo deu um sentido e proclamou os valores que a ultrapassavam. Abriu para sempre o caminho do sentido que o Pai sempre quis, para que o homem, em todas as épocas, pudesse se construir na liberdade. Assim, os membros da Família Salesiana são chamados a conhecer em profundidade os valores da pós-modernidade, para iluminá-los com a vivência cristã sob o estilo do espírito salesiano.

As principais características que informam a cultura em que todos estamos imersos podem e devem iluminar as nossas ações e devem ser incorporadas ao nosso agir para que a vivência do espírito salesiano, inculturada, seja uma expressão adequada e de fácil leitura para os jovens ou para as pessoas de hoje.

Traços dos tempos pós-modernos que informam a visão de mundo e a cultura dos nossos dias:

1. Globalização

Para o Ocidente, a organização do mundo em nações independentes passou a ser coisa do século passado. Redes de comunicação, grandes corporações, regiões de aglomerados de países (União Européia, Nafta – Acordo Norte-americano de Livre Comércio) e o mundo financeiro dão lastro para outras redes (internet, grifes, produtos, bens de consumo). Constituem o suporte real de uma globalização que produz uma cultura e, conseqüentemente, uma visão de mundo.

O desenvolvimento tecnológico, científico e comunicacional permitiu que essa conexão real de um mundo *on-line* fosse o suporte de uma nova cultura e possibilitasse tantas vivências que caracterizam a vida de hoje. Trata-se da *simultaneidade*.

A instância decorrente da globalização é o mercado. Tudo é planejado e realizado a partir do mercado. Até mesmo o homem é visto como componente necessário do mercado.

2. Princípios e paradigmas novos

- Aprimoramento dos processos. Todos os processos em que a tecnologia interfere surpreendem. Processos produtivos geram abundância, processos sociais provocam exclusão com aparência de inclusão, processos naturais se tornam objeto de estudo para serem aperfeiçoados. Prolongam-se os anos de vida e a qualidade da produção.
- Novas linguagens são necessárias para expressar a originalidade das novas relações e visão do homem e do mundo.
- Avanços das novas fronteiras: estética, prazer e indústria do consumo.
- Projetualidade: o futuro como sustentação do presente; o futuro impede os grandes feitos do presente; o futuro está disseminado no presente. A dialética da projetualidade exige que o futuro já esteja presente no planejamento.
- Substituição da racionalidade e da ciência positivista (bases newtonianas da física) pela fenomenologia, pela hermenêutica ou pela visão do fragmentário (visão totalizante e subjetividade; o sujeito influi no conhecimento).
- Ascensão da subjetividade: historicidade do sujeito.
- Fronteiras da ciência: física quântica, espiritualidade.
- Imaginação e intuição: novas maneiras de conhecer.
- Ascensão da mulher e questões de gênero. As funções sociais de homem e mulher hoje, culturalmente, estão diferenciadas, o que é muito diferente de ser somente homem e mulher a partir do sexo. Hoje acontece uma reestruturação cultural do papel masculino. O feminino e as necessidades das grandes empresas hoje (criatividade, flexibilidade, persistência, intuição, bom relacionamento).
- A superação constante dos paradigmas decreta uma abertura e uma sensibilidade de que tudo é possível, quer virtualmente quer concretamente. Instaure-se o paradigma para ser superado a partir do processo (exemplo: a potência dos *chips*).
- Há perda e busca constantes de sentido, a partir do que a sociedade da abundância oferece. As instâncias leitoras da realidade e propiciadoras do sentido mantêm as massas em constante superficialidade, sempre renovada pelas quebras de todas as barreiras. Conseqüente vivência da teatralização, da estetização ou espetacularização

de tudo. A constante exposição do privado em público (exemplo: programas de televisão como “No limite”, “Ratinho”, “Casa dos artistas”).

- A indústria de bens culturais transforma todas as atividades artísticas em potencial econômico.
- A superação de velhos paradigmas políticos decorrentes de doutrinas filosóficas utópicas trouxe uma ausência de propostas políticas por incapacidade de leituras filosóficas convincentes. De uma hora para outra, os filósofos não encontraram na realidade suporte para o que estavam acostumados a expressar. Platão volta a ser significativo enquanto propõe a capacidade de constante renovação dos arquétipos.
- O mercado está exigindo cada vez mais pessoas capacitadas em conhecimentos, com habilidades gerenciais, com riqueza pessoal de liderança, com poder intuitivo alto, capazes de ousadias em relação ao futuro, com relativo compromisso social e com espiritualidade desenvolvida.
- O mundo se apresenta monádico perante o mercado e plural como cultura, valores e capacidade de acesso aos bens da sociedade da abundância. Verdadeiro paradoxo.
- Acontece a interferência de todas essas instâncias de visão e de valores no seio das famílias.
- A sociedade comunicacional e o mundo *on-line* está presente em toda a parte.
- Na Igreja, se apresentam novas instâncias: mundo da ética e da moral perante novas descobertas da biologia; grandes projetos evangelizadores; ascensão dos leigos e da mulher; estetização litúrgica ou comunicação de massa; redes católicas de comunicação social; experiências religiosas e atendimento do povo; vocações e novos candidatos com experiências próprias; proposta de um itinerário para a formação dos jovens. A linguagem teológica e litúrgica esperam por renovação.

3. Proposta da Família Salesiana

Perante o mundo atual e essa cultura, o espírito salesiano continua a ser expressão do carisma comum para todos os membros da Família Salesiana, como expressão do amor de Deus aos jovens e como caminho de autoconstrução e de santificação.

Centraliza-se na figura de Jesus, o Bom Pastor, que vai atrás de suas ovelhas e toma-as em seus braços, maneira tão simpática de nosso relacionamento com Deus e com as pessoas. E a presença materna de Maria é o auxílio contínuo, o exemplo de seguimento de Jesus, no discipulado a que todos somos chamados. Nossa santificação passa pelo seguimento de Jesus, como seus fiéis discípulos, conforme o estilo salesiano.

A espiritualidade dos salesianos e de todos os membros da Família Salesiana é alimentada pelo espírito de oração comunitária e pessoal, pela contemplação amorosa de Cristo, criando uma intimidade profunda, onde Ele quer se comunicar com cada um pessoalmente. Assim aconteceu com Dom Bosco, com Madre Mazzarello e com todos os santos salesianos.

A mística da oração em profundidade e da experiência de Deus no cotidiano está bastante explicitada na vida de Dom Bosco⁹⁶ e, mais recentemente, por uma carta do então Reitor-mor, padre Vecchi, a todos os salesianos, proclamando a urgência da experiência viva de Deus pela oração, como um imperativo do Jubileu dos Jovens, comemorado em agosto de 2000.

O que aconteceu de especial com os 2 milhões de jovens foi a experiência de cada um ao se sentir tocado por Deus em seu interior. Espalhou como um fogo que a todos incendiou como em Pentecostes. Esse entusiasmo juvenil pela experiência de Deus na oração se torna a nova linguagem que vem exigir de todos os membros da Família Salesiana disponibilidade para buscar o caminho que o espírito está indicando a todos.

Tudo pode acontecer em termos de contemplação e de experiência de Deus, desde que haja uma oração pessoal em profundidade. Talvez esse seja o caminho que se manifesta pelas mãos de Deus para a renovação do carisma, que em Dom Bosco esteve sempre presente e que nem sempre foi entendido ou aceito pelas gerações de salesianos.

Através dos jovens das celebrações do Jubileu, o Reitor-mor propôs o caminho da renovação do espírito salesiano, que passa pela experiência de Deus e pelo exercício de uma espiritualidade em profundidade, marcada por uma oração do coração. Os jovens aguardam de cada um de nós a narrativa da nossa experiência de Deus. O que temos para relatar de pessoal, capaz de encantar os jovens para o caminho da prática religiosa?

⁹⁶ Cf. Ceria, *Dom Bosco com Deus*.

Nesse sentido, o passo seguinte é entender a competência máxima salesiana, a modalidade paradigmática diferencial de todos os salesianos, como educadores e como religiosos, como ponto essencial do qual todas as atitudes e posturas devem proceder e emanar: olhar o mundo, os jovens e a si com *amorevolezza*, isto é, com caridade pastoral, com um desejo de capacitação especial para o amor e para a alegria. Tal atitude deve se enraizar na experiência de Deus cotidianamente vivenciada na oração e na abertura para os outros.

Enraizados no coração do Bom Pastor, estabeleceremos uma linguagem que atinja as pessoas em seu íntimo, no coração, para que sejam elas mesmas e tenham também a ventura de serem tocadas por Ele. Esse é o dever máximo de nossa pedagogia. Capacitar-se para esse dever é imperioso, pois os jovens de hoje não desejam superficialidades. Desse campo imenso de trabalho apostólico, brota a necessidade de uma nova linguagem, ou melhor, uma atualização de nosso carisma a partir da *amorevolezza* que brota da intimidade com Deus.

A espiritualidade salesiana, nesses tempos, deve se capacitar para expressar em profundidade o carisma salesiano pela capacidade de amar. Enquanto a sociedade propõe uma estetização de tudo, o gozo e o prazer como expressão de uma antropologia ampliada, a espiritualidade salesiana propõe, a partir de uma fundamentação em São Francisco de Sales, o aprendizado do amor.

Todos da Família Salesiana carecem de um tirocínio de amor. As experiências propostas pelos meios de comunicação social (mídia) quase esgotam as pessoas em sua capacidade de auto-satisfação pela possibilidade de consumir, pelo prazer de ter em abundância coisas boas. Em contrapartida, a experiência do amor em profundidade em Deus deve ser o contraponto como caminho de certezas, de alegrias e de gozo intenso. O prazer fácil deve encontrar no otimismo salesiano pela vida a força para uma ascética de vida de oração em profundidade.

As alegrias interiores vindas de experiências da presença de Deus devem ser o lastro da proposta da espiritualidade salesiana de profunda alegria da vida. Como nunca, a aprendizagem do amor precisa ser apreendida como alicerce da fé, da caridade pastoral e do compromisso com a promoção social.

Para que essa vivência aconteça, é necessário que cada um adquira as certezas pela experiência pessoal de oração e de abertura ao amor de Deus.

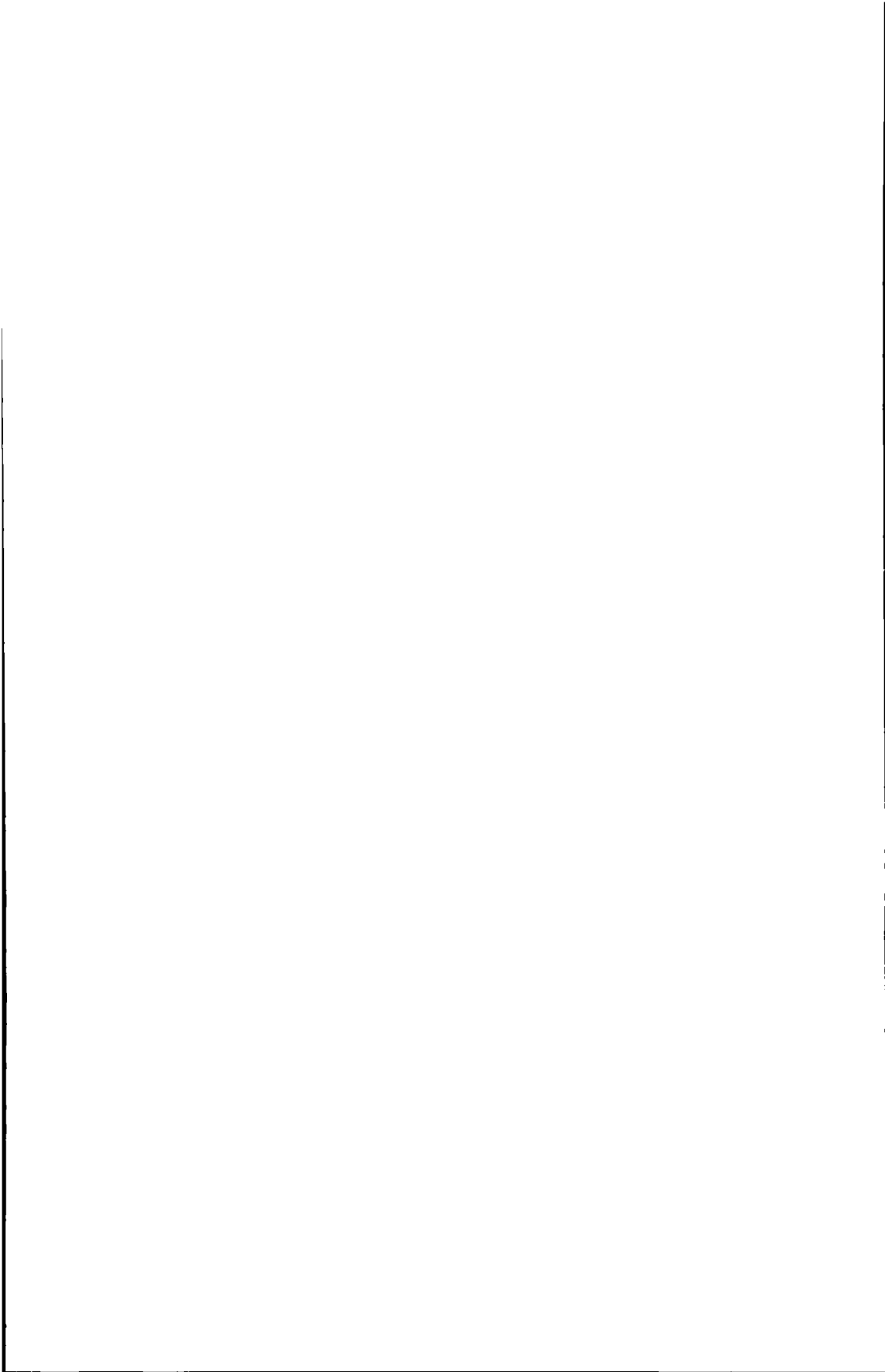
É muito importante se interrogar: “Como é que Deus quer me amar?”. Esse exercício deve levar todos a considerarem a vida como gratuidade, e, como tal, deixar o coração transbordar de otimismo como reconhecimento e confiança da presença de Deus no cotidiano, na convivência em comunidade ou com os jovens. Carecemos de ritualizações ou de liturgias que transmitam as experiências de amor.

Conclusão

O carisma salesiano é continuamente oferecido como dádiva de Deus à congregação e à Família Salesiana. Cabe a essa geração criar expressões da força de santificação que Dom Bosco imprimiu e ofereceu aos salesianos e aos jovens que estavam em suas casas no seu tempo. As tentativas de expressar a riqueza da espiritualidade salesiana devem respeitar a cultura e as instâncias de comunicação dos tempos de hoje. Mais do que nunca, os jovens e as pessoas esperam que os salesianos lhes ofereçam um caminho de santificação e de aprendizado do amor de Deus através do espírito salesiano.

A santidade salesiana reconhecida pela Igreja é testemunha fiel do poder e da riqueza da espiritualidade e do carisma salesiano como um estilo de se santificar, de aceitar a vida com alegria e otimismo, de testemunhar a gratuidade do amor de Deus para cada um, em especial para com as crianças e os jovens. Ao nos conferir a vocação salesiana, Deus nos incumbiu de testemunharmos seu amor às pessoas sob o estilo salesiano.

A presença de Maria Auxiliadora em nossa vida nos traz a certeza de que receberemos todas as graças necessárias para que a santidade salesiana resplandeça gloriosamente em nosso meio, em nossas presenças.



V Espírito salesiano na pós-modernidade



Introdução

Os atentados terroristas ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center, Nova York, e a uma ala da Casa Branca, em Washington-Estados Unidos, mostraram uma outra faceta da pós-modernidade: uma guerra de inimigos sem face e sem território. Não existe guerra pelo simples impulso de eleger alguém como inimigo, para ter um alvo sobre o qual descarregar todo o ímpeto de luta ou necessidade de vencer obstáculos. Não há necessidade de se criar inimigos para combatê-los.

Desde o término da guerra fria, não se vivia a globalização das ideologias que dividiam o mundo entre “os maus e os bons”. A sucessão de décadas de hegemonia do capital individualizado na cultura norte-americana redesenhou politicamente a atuação do “império”, como expressão hegemônica da presença e disseminação do capi-

tal norte-americano, europeu e japonês por todas as regiões que esse capital julgou necessário.

Justamente do desprezo gerado pelo tratamento de insignificância em relação a alguns povos e países, da vivência do *status* de periferia do domínio do império, surgiram as reações belicosas vindas de uma cultura forte porque paupérrima, se comparada aos padrões do capital.

As terminologias do império denominam essas manifestações de fundamentalismos religiosos, fanatismos, revoltas, mas não podem deixar de afirmar que existem e que são fortes porque “não têm nada a perder”. Em outras palavras, os fundamentalistas se tornam fortes porque, se valendo dos meios oferecidos pelo capital, subsistem em seus valores pela negação da ostentação de poder. Arriscam tudo, e sobretudo a vida é colocada em jogo perante o objetivo de incomodar e revelar ao capital a sua prepotência, atacando-o em sua ostentação vulnerável.

O império se encontra em estado de guerra, com forte ostentação de poder de destruição, mas enfraquecido na alma, esgotado de forças para consumir, para poder dar sentido ao acontecido. A força e a ostentação do poder não se tornam capazes de mostrar sua eficiência, mas vão mostrar sempre maior força de destruição quanto maior for o medo e a fraqueza manifestada. Não têm a força da vida que sobeja aos pobres e fundamentalistas.

Nesse sentido, um inimigo frágil e sem rosto, disseminado em toda a parte, veio quebrar um ritmo de relações, inaugurando um novo cenário, uma nova perspectiva reveladora do fracasso e da impotência de um sentido construído na força do poder e sem sustentação mínima de cultura, de consideração pelo homem e pela dignidade de todos os homens, indistintamente.

Há uma batalha cultural pelos sentidos assumidos e padronizados como força de organização e estruturação da sociedade e da forma de se viver. De um lado, o consumismo ostensivo norte-americano e europeu, cheio de poder e de violência, mas carente de sentido e de valores mais profundos. Do outro, a violência é assumida como meio de se relacionar nessa luta sem face, em que o sentido em excesso originado de ideologia ou de uma crença religiosa conduz as pessoas a se entregarem totalmente a uma causa, até com o sacrifício da própria vida.

Assim também foram os mártires que a Igreja venera. Porém, a fraqueza dos mártires perante o “império” denunciou a falácia do senti-

do pela otimização do sentido supremo da vida radicalizado na “ressurreição de Cristo”!

Todas as conquistas da pós-modernidade estão a favor desse embate. Cada lado as utiliza como lhe convém. A técnica, o poder de comunicação, a internet, a liberdade, as facilidades e os bens conquistados para a humanidade pela ciência, aglutinados ao redor de ideais escusos, tornam as pessoas poderosas, tendo à mão esse vasto poder de destruição.

Em outras palavras, apesar de tanta oferta de bem-estar, se constata a facilidade em usar de tudo para que a cultura da violência seja um caminho de conquista para tantos desejos suscitados e insuflados pelo consumismo, pelo mercado, mas profundamente frustrados socialmente. Essa é a face de uma sociedade polarizada do mundo ocidental urbano.

1. Violência e subjetividade

A violência desse ataque terrorista em Nova York veio mostrar o que todos já sabiam. Acabou-se o sonho americano de um país sem violência. A maior expressão desse ataque foi mostrar ao povo norte-americano o que os outros já vivem e convivem diariamente: uma violência institucionalizada com o grau de urbanismo e de exclusão que a sociedade hoje oferece. Se todos os meios de comunicação oferecem um paraíso como horizonte de consumo ao alcance de todos, as pessoas, os jovens são subliminarmente impulsionados para o consumismo como parâmetro de felicidade, como sentido da vida e como expressão dessa felicidade. Como nem todos chegam a uma renda que permita participar da proposta consumista, a violência, como meio de vida, se iguala ao mundo do crime como meio de satisfação de uma pessoa sem um sentido mais amplo.

Seqüestros, assaltos, violência em toda a parte são componentes do horizonte de convivência de todos. Acontece que a sociedade americana, exportadora da sua cultura impoluta, acima da violência, iludindo a todos com seus filmes violentíssimos, “caiu na real”. Teve de admitir que a violência e o medo chegaram de modo pior do que o medo e a violência que eles ensinaram e exportaram para o mundo inteiro.

De agora em diante, estaremos vendo o espetáculo do Golias contra o Davi disperso e invisível do terror. Quanto mais invisível mais temido o inimigo, e mais forte será o medo de todos. Também os americanos apren-

derão a conviver com o medo e nós estaremos consumindo o medo americano do terror. Eles farão muito dinheiro com esse medo. Até o nacionalismo está em alta num mundo globalizado, esse nacionalismo que esteve sempre em baixa quando convinha à globalização.

E nós teremos um medo filho do medo dos americanos. Quantos brasileiros estariam com medo de uma guerra porque os americanos estão em estado de guerra? Aqui, essa guerra já está acontecendo faz tempo. Bastante visível em qualquer cidade: favelas, o mundo dos excluídos, bairros inteiros sob o jugo do crime organizado... Como o “império” manda no mundo todo os americanos terão um terror globalizado, na medida de seu poder de “império”.

Acabou-se a ilusão de uma sociedade sem terror. Os filhos de tantas posturas diplomáticas prepotentes estão por toda a parte e sabem onde atacar, sabem muito bem quais são os pontos vulneráveis da sociedade americana. São uma presença invisível que pode causar uma destruição tremenda em pouco tempo, assim como os filmes americanos, que lhes renderam muitos dólares, sempre ensinaram...

Nesse horizonte sem outros parâmetros éticos que não sejam os do lucro e da ganância, sobressai a individualidade como perspectiva de uma expressão histórica de cada pessoa. É nessa cultura que a vida dos jovens é construída.

A cultura atual oferece os valores e os parâmetros para que cada um construa a própria subjetividade. Ninguém está isento de influir e contribuir para que cada jovem tenha um exemplo ou um horizonte do que seja um caminho, uma luz para que possam se orientar nesta autoconstrução. Para tanto, incluímos a presença salesiana, a presença e os valores das relações pautadas pelo Sistema Preventivo como caminho e perspectiva de uma possibilidade real e equilibrada para que um jovem possa ter um caminho para a própria formação.

A novidade da cultura globalizada, hoje, é a constatação de seu poder de violência, juntamente com a fragilidade da prepotência de uma postura política do “império” que se auto-regula como parâmetro para o mundo. Nesse cenário, nossa cultura já foi destroçada pela cultura americana, pelo consumismo e pela idealização do lucro como valor extremo para a conquista da felicidade.

Nossa sociedade não tem parâmetro de valores necessários para a felicidade, perdeu a possibilidade de dar sentido, de humanizar a vida. Cami-

nha para um “salve-se quem puder”. As famílias estão desorientadas, as escolas não conseguem oferecer, com convicção, valores, os meios de comunicação adotaram uma “ética de neutralidade” que nada mais é que o máximo de irresponsabilidade.

Os jovens se tornaram presas fáceis de leituras “fundamentais, ou fundamentalistas” (para não dizer radicalismos propostos), do prazer e da droga. Ou ainda podem ser presas fáceis de leituras fundamentalistas que prometem sucesso imediato, segurança, afeto ou heroísmo como causas que podem arrastar os incautos.

Quem poderá auxiliar os jovens a fazer uma leitura mais correta e mais profunda de sua vida em busca de um parâmetro de valores e felicidade a partir de um mundo plural e sem ética, altamente tecnicizado?

Se o atentado de Nova York, além de destruir as duas torres imensas, ícone do poder e da prepotência de todas as conquistas da técnica a serviço do império, destruiu a ilusão de um mundo globalizado e próspero alicerçado no consumismo, no mercado, na exacerbação do desejo e do egoísmo, o que se poderá oferecer como caminho possível aos jovens para uma cultura de outros valores?

É possível rever a vida diária a partir desses pressupostos e, criticamente, oferecer alternativas de solidariedade, de um outro sentido da vida, cujo alicerce seja o amor, a amizade, a ética, a limpidez de caráter, a coerência?

2. Modelos que determinam a vivência dos jovens

A juventude está perplexa. Também os pais, que pensam no sentido ou nos valores que deveriam ser oferecidos modelarmente aos filhos, estão perplexos em face dos desafios e atitudes que a televisão, as revistas, as novelas e os filmes apontam como padrões de comportamento. Todos os meios de comunicação, incluindo a internet, apontam para outro imperativo como caminho da autoconstrução em direção à felicidade imaginada: a ditadura da liberdade.

Propala-se um estado de liberdade que paira acima de qualquer valor, como se a liberdade em forma pura e absoluta tivesse o poder de salvar a pessoa. Seduz-se em nome da liberdade. A ilusão de poder ter tudo, de poder gozar de tudo, de poder exacerbar os instintos sem um sentido unificador das atitudes, leva à saciedade e à busca vertiginosa de tudo como

uma ilusão indefinida e perene a ser satisfeita. A pessoa terá de lutar com esse novo minotauro enlacrado dentro de si em busca da felicidade. Não se questiona se esse minotauro insaciável tem o privilégio da felicidade ou da fugacidade das buscas inúteis.

Há uma falta de instrução sobre esse paradoxo “suprema liberdade, suprema escravidão”, pois o resultado será uma atitude de superficialidade e de insatisfação interior. Esse caminho só conduz a uma expressividade da falta do sentido de tudo, do mundo, das relações, das pessoas, da interioridade e de si mesmo. Há um estado de frustração afogado em saciedades instintivas.

De todas as experiências mais saudáveis, se constata a vivência banalizante do amor. A feminilidade perde seus encantos ou poeticidade (poder de estetizar a vida) em busca de uma liberdade que lhe rouba o sentido. Nem sequer o olhar sobre si mesma deixa vislumbrar um anseio de que outras atitudes possam conduzir a expressões mais dignas de ser adolescente, jovem ou mulher em estado de admiração pelo sentido alcançado.

O jovem se sente acuado pelo desregramento dos colegas ou pela espartezza, à moda antiga, em aproveitar a vida se prevalecendo da oferta feminina. A confusão surge da necessidade de se colocar perante os outros e perante a si mesmo como capacidade masculina bem situada. Perde-se a oportunidade de construir relações de amizade que “re-situem” a vida ou proporcionem o equilíbrio interior e a segurança de poder contar com os outros a partir da simplicidade da fidelidade no afeto, na honra, na perseverança. A traição no afeto desagra o poder de estabilidade interior.

Como resultado desse mundo desgarrado, perde-se a capacidade de confiar, de alargar os horizontes, de estabelecer amizades que impulsionem a vida. Como nunca, os jovens estão dependentes e terrivelmente atrelados à família. O amor dos pais se tornou a única certeza afetiva que o jovem vivencia. Sem a certeza das amizades, sem o padrão de construção de uma relação amorosa, o medo da traição ronda a todos: o afeto dos pais constitui a única certeza com que podem contar, inquestionavelmente.

Esse fato aumenta a dificuldade de tantos jovens de deixar a família para se profissionalizar. Contribui muito a anuência dos pais para que os filhos permaneçam com eles por mais tempo. Tal costume, em si, nada tem de ruim, porém acentua a falta de coragem dos jovens para enfrentarem a dureza da guerra diária da vida.

3. Rituais da família

As expressões culturais próprias dos jovens deixaram de exercer as funções necessárias para um crescimento harmônico em geral. Os rituais de passagem foram abolidos em nome de uma intensidade insuflada pelos meios de comunicação para comportamentos aberrantes que pretendem levar ao gozo em estado-limite. Compreende-se, assim, a disseminação da droga e do uso precoce do álcool.

Em nome de uma intensidade totalizante se perderam os costumes sociais de passagem que indicavam os passos do crescimento dos jovens. Em nome da intensidade se partiu para a “terra devastada do tudo ou nada!”. E a maioria dos jovens perdeu tudo, perdeu as esperanças e partiu para atitudes ou comportamentos completamente alienantes.

A cultura do corpo nem sempre representou um substitutivo para uma pálida manifestação da felicidade, ao contrário, esse foco determinou a insatisfação geral dos adolescentes em relação ao próprio corpo, pois os modelos são inatingíveis. Talvez o ritual do consumismo tenha sido o único a se impor, em todos os sentidos. Desde a moda às necessidades interiores, padronizando os adolescentes globalmente.

Os rituais individuais marcados pelo isolamento ou pela intensa comunicação “zapeante” forçou mais ainda a solidão. Muitos jovens não sabem se curtir, apesar de estar isolados em seus “*bunkers*”, que podem ser os próprios quartos ou mesas de lanchonetes ou danceterias. Cada um desses lugares, mesmo os mais movimentados, acentuam significativamente a solidão, impelindo-os para o “ficar constante e efêmero”. Cada vez que mergulham nas entregas do “ficar”, se aprofundam no isolamento.

Nos casos de namoro, a intensidade das relações apressam todas as etapas e queimam as oportunidades de aprendizado no amor e no autoconhecimento. É verdade que o mundo *on-line* é veloz, induz a esses momentos de intensidades que amargam as ausências, pautando um caminho de recíproca dependência, de ciúmes e de traições necessárias para a sobrevivência aos sufocos das declarações de amores eternos muito rapidamente trágicos. O ritmo *on-line* e a velocidade queimam as etapas, incineram as oportunidades de uma relativa poeticidade nas relações amorosas ou de amizade. As conseqüências são cobranças e posturas de dependências destrutivas.

Ritos coletivos, como bailes, danceterias e outras festas em casas, têm o estrito objetivo de levar à empolgação máxima, à superação do estado de

isolamento e de solidão. Todos os meios são lícitos, tornando os ritos coletivos de passagem caminhos de passagem para a frustração e para relacionamentos que provocam dúvidas e descrença sobre si mesmo e sobre a vida. A sofreguidão exige momentos ápices em todas as oportunidades... produzem máscaras andantes.

Desaprende-se a perceber, a captar a alegria e a simplicidade no equilíbrio das relações, nos momentos de desconcentração de uma longa conversa tranqüila, na serenidade que leva a um caminho de alegria. As festas se tornam momentos de performances de um êxito duvidoso ou de uma chaticice porque não se atingiu o ápice de um processo meio louco. Desaprendeu-se a apreciar a alegria que brota de uma simplicidade de encontros em que o oferecimento da própria presença é o único ingrediente para se festejar.

Da religião, não se fala. Embora se tenha saudade da proximidade de Deus, não se aprendeu a rezar. Sempre se achou enfadonha a religião... e agora as pessoas se assustam com os terroristas que se matam por uma "guerra santa". Os terroristas são fanáticos, mas esse mesmo fanatismo inunda a intimidade de tantos jovens, não por um ideal religioso, mas por um ideal de prazer e felicidade que, jamais atingido, se transforma em ilusão frustrante.

O jovem se arrasta, se mata, se sacrifica no altar do prazer em nome da felicidade. Oferece a própria vida em holocausto ao consumismo. Torna-se mártir, cede cada dia um pedaço de sua vida ao deus inebriante do prazer que jamais encontrará. Viver alegre, feliz, até às bordas, mergulhado no prazer, se torna o imperativo que os adultos vêem acontecer, mas não sabem analisar. Sonegam, então, posturas orientadoras.

Falar de amor para esses jovens se torna uma piada de mau gosto. Têm em casa o modelo de famílias destroçadas, cujo clima relacional é o desentendimento aberto e a negação de valores. Quantas famílias solo, de um só pai/mãe, esses jovens presenciaram e não sabem de outras experiências positivas!

4. Sistema Preventivo e educação hoje

A partir desse panorama globalizante, ousa-se afirmar que existe possibilidade de um outro horizonte para que as pessoas possam, ao menos, conhecer as possibilidades de um caminho para se construir em dire-

ção à felicidade, mas em direção à felicidade a partir de um sentido pessoal e comunitário da vida.

O patrimônio educativo salesiano, ou a maneira salesiana de educar, pressupõe um horizonte e um sentido da vida em direção à felicidade, já no momento atual. Dom Bosco jamais duvidou que não seriam possíveis a alegria e a felicidade como expressão de uma relação construtiva pedagógica, uma relação cordial entre educador/educando. O tesouro da experiência e do carisma de Dom Bosco é oferecido hoje com a mesma confiabilidade para o êxito educativo da juventude dos dias de hoje, juventude zapeante na internet e no mundo *on-line*.

Hoje, especialmente, o conjunto de modalidades e vivências, de crenças e de posturas brotadas do coração do salesiano deve oferecer a tradução do desígnio do amor de Deus para com os jovens, nas atuais circunstâncias. A certeza de que a juventude é uma parte diletta do coração de Deus, deve ser a fonte da confiança, do amor cordial e pastoral que se torna educativo pela coerência e pela inspiração amorosa do Pai para com todos os seus pequeninos que estão suportando tantos fardos pesados: os fardos da desorientação, da superficialidade e da falácia de uma liberdade para o prazer.

O coração amoroso de qualquer educador salesiano deve ser o do pastor que vai em busca dessa ovelha. Ele tem o coração aberto para acolher e orientar, para conviver e entender, para mostrar o caminho da interioridade pessoal e da alegria possível quando se conquista um sentido para a própria vida.

Deve estar, principalmente, em estado de disponibilidade, se tornar simpático para poder gerar confiança. Para poder mostrar *o seu caminho* a partir da vida em estado de singularidade para cada jovem. Enfim, o educador deve ser capaz de vivenciar junto com o jovem alguma faceta de um ideal visível e de um estado de liberdade como caminho para se valorizar, para se ressignificar.

4.1 Família: fonte de referência de valores

A família hoje reflete a situação cultural de um mundo fragmentado, não mais capaz de mostrar vivências sustentadoras ou geradoras de valores. A cultura geral tem como objetivo a superficialidade e o consumismo. Necessário se faz que cada família tome conhecimento da situação e se proponha um caminho para individualização como especificidade ou como

distinção. De ora em diante, a família é o reduto que tem a possibilidade de ser referência de valores.

Uma vez admitidos os valores constitutivos, as relações entre os membros de uma família deveriam expressar esses valores como patrimônio de todos da casa. Não se intimidar pela dificuldade de uma individualização por valores.

Nas relações familiares, uma vez conhecidos e aceitos esses valores distintivos e construtivos, não haveria lugar para máscaras. As relações deveriam ser enriquecidas pela contínua vontade comum de testemunhar e intensificar a vivência na reciprocidade da doação mútua de exemplos, de testemunhos que cristalizem a fé comum da família em seus valores.

É necessário explicitar, falar, catalogar, corrigir, inventar expressões que mostrem aos filhos os valores que sustentam e dinamizam as relações que dão segurança e alegria, para que todos se amem, em paz. A proclamação recíproca dessa escolha tem de se solidificar na recordação dos encontros ou dos rituais celebrativos dos valores que engrandecem e simbolizam a vitalidade das relações na casa.

A recuperação de uma sensibilidade para perceber os valores da simplicidade geradora de alegria nas relações cotidianas é essencial para uma nova capacitação da família para esses valores. A pressa e a sofreguidão que os meios de comunicação oferecem diariamente são obstáculos para os valores de uma convivência portadora de forças e de possibilidades de outras leituras para o tempo, para o empenho pessoal nos estudos, para uma outra postura nas conversas, para a instauração de uma cultura em cujo centro estejam a simplicidade e a coerência da vida ressignificada. Assim, fugirão os medos e a tentação de adequações aos modelos estereotipados pela busca de um sucesso vazio, portador de verdadeiro desespero.

4.2 Posturas urgentes da família

A família deverá fazer uma leitura em comum dos acontecimentos e afirmar que os seus valores são diferentes dos valores do consumismo. A comunidade familiar deverá lutar para vivenciar e preservar esses valores. Assim, algumas conseqüências devem ser discutidas em comum, tais como a escolha e convivência com amigos.

Deve haver uma honestidade aberta e bem clara sobre os valores adotados na família como fator de identidade e de autoconstrução. Sem discriminação, as relações de amizade se pautarão pelo respeito, mas haverá verdadeira relação amistosa somente com quem aceitar os valores adotados pela família. Nesse rol, estarão incluídos diversos itens que fazem parte da vida dos filhos: diversão, trabalhos escolares em equipe, viagens, visitas, possíveis lugares de diversão freqüentados pelos colegas.

Sobretudo, um dos valores de sustentação da honestidade de um propósito comum será a abertura para um diálogo sobre todos os acontecimentos dentro e fora de casa. A capacidade de colocar em comum será recebida pelos pais com muita naturalidade e respeito, para que a orientação brote de um diálogo honesto e abrangente ancorado na confiança recíproca.

4.3 Sistema Preventivo como modelo

Alguns valores propostos pelo Sistema Preventivo e pela espiritualidade salesiana podem fazer parte do ambiente relacional de qualquer família.

- A partir da *amorevolezza*, o clima de afeto, de alegria, de segurança e de confiança constitui a parte invisível do alicerce relacional que qualifica o todo da família. Sendo um dos elementos de fundamentação, a *amorevolezza* rege a intensidade das relações e transcende para o sobrenatural, reportando para Deus a fonte do realizável, do afeto circulante na família como segurança de que todo o afeto dado e recebido está impregnado por um afeto maior, que é a presença de Deus como inspiração e sustentação. Se houver uma intensificação dessa vivência, é quase impossível que o clima relacional familiar não se expanda e contamine outras pessoas pela sua capacidade exemplar. Vale dizer, uma família que souber construir essa vida de afeto na profundidade de toda a expressividade do humano enraizado no sobrenatural será criativa e fecunda, pois seu testemunho tenderá a ser modelo ou suscitará em outras famílias o desejo de encontrar esse caminho para crescer também no afeto, no carinho.
- Da racionalidade das relações se espera que uma laboriosidade esteja presente, conforme a individualidade de cada um. Essa virtude leva a uma certeza de que todos batalham para obter a leveza das relações que as pessoas comunicam, pois vivem a realidade

daqueles que estão em consonância com seu interior, com a consciência em estado de autocomplacência pela verificação ou *feedback* que o “dever cumprido” lhe proporciona interiormente. As obrigações podem ser mínimas, o que vale é a aquisição da prática interiorizada de uma laboriosidade desenvolvida como expressão de um compromisso com a vida, com a família. Esse espírito de laboriosidade deve comunicar uma dinamicidade de engrandecimento e de vitalidade para todos. Relativa inventividade deve reforçar o caráter formativo. Perspectiva de confiança para enfrentar o mundo em sua complexidade e exigências mais refinadas para a profissionalidade.

- Da religião, a família deve expressar a capacidade de se deixar motivar pela presença de Deus nas ações cotidianas, bem a exemplo de Dom Bosco. Uma sobrenaturalidade no natural, uma certeza da presença de Deus em cada um para que possa se expressar como criatura que é grata a Deus por tudo. A gratidão a Deus por tudo, ao permear as ações e atitudes, constrói o aspecto agradável da presença de Deus no cotidiano. Nos pormenores das ações, a expressão de gratidão deve passar como um odor de suave encantamento e amor sem fim por tudo o que se possui, o que se pode conseguir pela potencialidade presente em cada uma das pessoas que constituem o núcleo familiar. Faz parte do conjunto de valores familiares a capacidade de engajamento na paróquia para determinadas ações ou para colaborações esporádicas. A frequência aos sacramentos deve fazer parte de um caminho comum, sem ser um peso, mas expressão do ser pessoa que se relaciona com Deus, também através da comunidade que lhe legitima a fé.
- A vida da família se alimenta da oração. O espírito de oração está presente na casa e nas relações. Exige-se que todos se reportem a Deus, continuamente, como expressão de gratidão e de união com Ele. Ao mesmo tempo, paire na casa uma aura de sobrenaturalidade, como que um enfeite invisível, que a distingue e lhe dá originalidade individualizante. Faz parte desse espírito o estar em estado de recolhimento e de silêncio. Uma casa completamente agitada entrega sua alma ao barulho e às sugestões dos locutores de rádio ou de televisão, perdendo o que tem de mais sensível e de estado de aprofundamento ou interioridade. O silêncio ativo está impregnado de reflexão, de vi-

talidade e de comunicação com o próprio interior, se torna a base da criatividade e da alegria que surgem de uma interioridade e capacidade de reflexão sempre alimentada. O silêncio é condição para a autoconquista da própria intimidade, para o trabalho pessoal, para a reflexão produtiva, para o enriquecimento do saber e para a aprendizagem da oração. Trata-se aqui da oração do coração, da expressão orante da vida em estado de abertura para a presença de Deus e para a capacidade de acolhimento dos outros.

- Algumas práticas comuns de oração, reunindo todos da família, servem como laços de união e de vivência comum da presença de Deus no lar. Nas casas de Dom Bosco, sempre estiveram presentes as imagens de Nossa Senhora e dos santos a indicarem a convivência com as pessoas e com os amigos de Deus. Em especial, uma casa não pode deixar de ter um sinal sensível da presença materna de Maria, nossa Mãe.
- Faz parte da laboriosidade a preocupação pelo estudo, o aprendizado da leitura como fonte da aquisição do saber sobre o mundo e sobre a vida. Para isso, são necessários hábitos de concentração e dedicação, de iniciação ao pensar, ao refletir, e na aquisição de uma metodologia lógica para olhar criticamente o mundo. Uma educação empreendedora estimula a imaginação, cria o gosto pela inventividade e encoraja a propostas desafiadoras. Nesse sentido, a postura educativa deve suscitar a resistência ao sofrimento e às frustrações, incentivar a superação das perdas e ultrapassar as decepções dos possíveis fracassos. Vale incentivar a pedagogia da aprendizagem a partir dos erros ou dos fracassos.
- Os pais devem procurar e apresentar outras crianças ou adolescentes que conseguem se mostrar com simplicidade e que transmitem confiabilidade, pois o seu interior está impregnado de bondade e honestidade. São adolescentes simples e saudáveis que conseguem vivenciar uma vasta gama de valores, tornando-os significativos e agradáveis pela riqueza que irradiam com muita simplicidade. Devem verdadeiros exemplos de uma vida em que transparece a graça de Deus com muita naturalidade. Conversar com os filhos para que eles mesmos saibam buscar a amizade desses jovens e, ao mesmo tempo, saibam evitar a presença daqueles que nada vão acrescentar à sua vida.

5. Resumindo

Uma família deveria se preocupar em suscitar em seu seio que as pessoas se desenvolvessem, que tivessem atitudes de simplicidade, de assertividade e empatia, que as pessoas ou os filhos procurassem se conhecer a fundo para poderem assumir as próprias habilidades e se tornarem competentes nelas, com critérios de uma simplicidade muito hábil em se situar perante qualquer circunstância.

O jovem que descobre o seu lugar e o vivencia com entusiasmo, se torna uma pessoa simpática, atraente e desejável por todos como companhia. Faz parte desse conjunto de valores o exercício do reconhecimento sábio da autoridade. Saber evitar os confrontos inúteis já demonstra muita esperteza e santa sabedoria.

As virtudes salesianas devem ser propostas pelas famílias a seus filhos como caminho de auto-realização, como conquista que permite uma situação coerente perante qualquer pessoa e perante o mundo. Piedade, busca da santidade, gosto pelo trabalho, simplicidade, alegria contagiante diante de tudo, pureza de alma para olhar o mundo com reta intenção, vivacidade juvenil como expressão da vida a ser entusiasticamente conquistada, afabilidade com os outros, tudo isso deve conduzir a uma postura de equilíbrio como expressão da presença de Deus, da profunda gratidão a Ele por tudo e como beleza do dom da vida.

Um jovem deve adquirir uma postura de perseverança para poder cultivar a autoconfiabilidade e as certezas de que ele precisa para se desenvolver com alegria e entusiasmo. A presença materna de Maria Auxiliadora sempre foi a proteção diária dos filhos de Dom Bosco. A devoção a ela deve ser proposta como presença materna de Deus, que nos quer a todos com muito carinho. Essa presença, além de ser confiante, gera uma tranquilidade e entusiasmante alegria diante de qualquer circunstância da vida.

Vale a pena oferecer esse caminho de autoconstrução a partir do espírito e dos valores do carisma salesiano, haja vista São Domingos Sávio e outros jovens que se tornaram célebres a partir dos valores da espiritualidade salesiana.

VI

Presença educativa: competência salesiana para os dias de hoje *(Amorevolezza educativa)*



Introdução

A ação educativa salesiana, que acontece em nossas casas ou nas atividades em que os salesianos se empenham, tem certamente sua raiz na experiência pessoal de Dom Bosco e nas reflexões e vivências das diversas gerações de salesianos que souberam estar presentes significativamente entre os jovens de seu tempo.

Nossa sabedoria educativa tem se valido de um espírito de praticidade, também herdado do próprio Dom Bosco, para se situar com relativa maestria perante todos os nós ou desafios que a cultura de cada época tem oferecido, como referência de uma linguagem capaz de se deixar expressar com a mesma força e originalidade da vida e da experiência educativa de Dom Bosco.

As primeiras gerações, ao acompanharem os valores do sistema educativo adotado por Dom

Bosco, se valeram da tradição devido à proximidade de tempo após a morte de Dom Bosco. Seguir o método educativo salesiano era antes de tudo “fazer como Dom Bosco fez”. Foram tempos de consolidação da tradição marcada pelas modalidades de identidade dos procedimentos nas abordagens educativas em obras salesianas. Sentiam-se na obrigação de estudar, aprofundar os procedimentos pedagógicos e fazer de tudo para que perpetuassem.

Se por um lado essa tendência teve grande aceitação, por outro, não se podia esperar outro processo, pois a Congregação Salesiana era muito jovem e necessitava garantir o patrimônio pedagógico instituído pelo fundador. Contribuíram para o sucesso desse processo a cultura do final do século 19 e início do século 20, e a aparente homogeneidade das diversas sociedades em seus aspectos socioculturais, como suporte de valores familiares e nacionais.

Esse processo de promoção e sustentação da tradição educativa salesiana teve seu curso muito forte até o governo de padre Ricaldone e de padre Ziggotti. A partir do governo do Reitor-mor padre Ricceri (1965-1977), com a realização do Capítulo Geral Especial, os salesianos deixaram de lado, juntamente com a Igreja pós Concílio Vaticano II, as expressões culturais do passado e assumiram posturas mais livres em relação à tradição.

Apresenta-se, então, o valor do Sistema Preventivo desligado das modalidades de ação do tempo de Dom Bosco e das gerações subseqüentes. Depurado dos indicadores culturais que expressaram uma cultura e uma modalidade educativa de um todo sociocultural portador de costumes e tradições dos diversos povos, o Sistema Preventivo se mostrou como essência de um conjunto de valores educativos que alimentam as diversas posturas dos salesianos nas diferentes épocas, se mantendo em seu verdadeiro potencial de inspiração educativa.

Passou a ser a fonte, o espírito portador dos valores em estado de inculturação. Ao se desprender de uma tradição modelar e paradigmática, se mostrou como parte essencial do carisma salesiano em todos os sentidos, mais precisamente como inspiração educativa, como espiritualidade, como expressão de um caminho de construção de uma identidade e como itinerário de educação para a fé e de santidade.

Para isso valeram também os institutos de estudos superiores que a congregação fundou. Deles surgiram pensadores e pesquisadores que ofereceram seus estudos críticos sobre as fontes salesianas, para que essa passa-

gem necessária se efetuasse sem muitos traumas ou desvios desnecessários. Esses estudiosos prestaram um grande serviço ao mostrar a essência da metodologia educativa de Dom Bosco. Souberam separar o essencial, o aspecto e os valores carismáticos dos comportamentos e posturas culturais de uma época.

Nessa trajetória, o Sistema Preventivo ou o método educativo salesiano legado por Dom Bosco soube sempre suscitar modalidades educacionais para as mais variadas presenças de comunidades salesianas nos diversos ambientes e culturas, nas mais diferentes necessidades de presenças diferenciadas: missões indígenas, inserção no meio popular e excludente, nas obras sociais com meninos de rua, nos movimentos juvenis, nas paróquias, nos hospitais, nos lixões. Em todos esses ambientes, cuja presença salesiana se fez sentir, impossível não se identificar pela modalidade de abordagem tipicamente familiar e salesiana proveniente do carisma assumido e vivenciado. Não somente um ímpeto passageiro, mas uma espiritualidade brotada do cotidiano, da leitura da presença de Deus nas mais simples manifestações dos jovens, bem como a certeza de que ali estava a vontade dele a respeito de todos os pequeninos que confiara à sabedoria salesiana no caminho da salvação.

Os salesianos hoje compartilham sua metodologia educativa com várias outras famílias religiosas que foram surgindo do carisma salesiano. São inúmeros os leigos que dividem o trabalho educativo com os salesianos e que participam desse “vasto movimento”, dessa modalidade especial de se relacionar educativamente com os jovens.

O Sistema Preventivo é assumido como caminho pedagógico por todos aqueles que constituem, em cada presença salesiana, a comunidade educativa depositária da responsabilidade de se fazer ativamente presente em meio aos jovens que Deus confia aos cuidados de salesianos e leigos.

Esta reflexão tem a motivação inicial de se fazer presente, a quantos se valerem dela, de apresentar um processo para se entender, aprofundar e atualizar o método educativo de Dom Bosco para os jovens de hoje. A peregrinação dos valores do Sistema Preventivo exige, em cada época, uma postura condigna do linguajar juvenil. Ou seja, os salesianos e leigos têm a incumbência de expressar os valores educativos salesianos em modalidades e linguagens que sejam entendidos, compreendidos e incorporados por leigos e por jovens que se distinguirão pelo caminho metodológico e pela espiritualidade na construção de suas identidades de pessoas e de cristãos.

Ao apresentar os valores do Sistema Preventivo no tempo de Dom Bosco ou no tempo das primeiras gerações de salesianos, tem-se o objetivo de oferecer um parâmetro de confronto com a nossa cultura, com a nossa linguagem e com as exigências da juventude e da Igreja nos dias de hoje, sempre visando a indicar um caminho rico e claro educativamente e de construção de uma espiritualidade juvenil salesiana.

Nesta reflexão serão incorporados procedimentos hodiernos pedagógicos devidamente alinhados com os valores educativos salesianos. Em especial, o centro de tudo passará pela competência em ser salesiano educador. A relação entre o desenvolvimento das competências necessárias para a vida de hoje e valores do Sistema Preventivo deve governar o sentido dessa junção pedagógica: a competência da presença educativa salesiana hoje.

1. Presença educativa salesiana a partir da experiência e vivência de Dom Bosco

A preocupação de estar ao lado dos amigos e das crianças surgiu em Dom Bosco desde os tempos de sua infância na convivência com seus conterrâneos. Com eles participou de todas as atividades recreativas e laborativas. Sempre se preocupou em conduzi-los à igreja para participarem das celebrações festivas ou dominicais. Estar presente nos divertimentos foi a primeira estratégia para exercer sobre eles uma liderança para o bem. Preocupava-se com eles, de modo especial para que frequentassem as pregações, as aulas de catequese, e mais que tudo, os queria alegres.

Ordenado padre, ao visitar os jovens presos, se horrorizava ao saber que uma vida jovem se frustrava, como se frustrava o plano de Deus, ao saber que alguns seriam executados. Não foi uma experiência agradável. Tão forte e de tal poder de significado foram essas visitas aos jovens presos, que resolveu fazer algo para que outros jovens não fossem parar nas prisões.

Posteriormente, iniciou uma outra atividade com os órfãos, com os jovens trabalhadores. Por fim, se fixando em Valdocco, conseguiu reunir ao redor de si uma verdadeira multidão de jovens a quem educava na alegria e no trabalho.

Fruto dessa convivência, o seu sistema educativo foi compartilhado pelos jovens que o auxiliavam. Procurou orientá-los quanto à maneira cor-

reta de se abordar pedagogicamente os jovens e com eles vivenciou uma experiência educativa muito rica.

Uma das convicções de Dom Bosco era: “educar se aprende educando”. Ele queria que seus filhos não buscassem muitas teorias, mas lhes seguissem os exemplos. Em 1886, dois anos antes de sua morte, no auge de sua experiência educativa, ante uma solicitação de falar sobre seu método educativo, respondeu ao capítulo superior da congregação: “O meu método, se queirais que eu o exponha..., mas nem eu o sei exatamente! Sempre fui para a frente como o Senhor me inspirava e as exigências pediam!”⁹⁷

Aos seus educadores pedia que agissem como ele agia educativamente. Afirmava que preferia que seus educadores aprendessem na prática a pedagogia salesiana, “coloco-os na água para que aprendam a nadar”.⁹⁸ Porém, advertiu sempre que para a prática do Sistema Preventivo era necessária uma disponibilidade natural (gosto, aptidão) sustentada pelo sobrenatural: “A prática desse sistema está toda apoiada nas palavras de São Paulo: ‘a caridade é benigna, é paciente... sofre tudo, suporta qualquer tribulação’”. Nesse sentido, a base de sustentação de seu método é, antes de tudo, a caridade.

Ao falar e vivenciar a presença em relação aos educandos, Dom Bosco passou por várias fases ou modalidades de presenças educativas. Desde criança estava junto com os seus colegas. Quando tinha somente o Oratório, durante a semana ele ia visitar os jovens nos diversos locais de trabalho. Fazia isso para os encorajar, lhes comunicar afeto e solidificar, estreitar as relações de amizade para conduzi-los ao Oratório aos domingos.

Mais tarde, em Valdocco, quando tinha escolas profissionais para aprendizes e escola regular para os estudantes internos, e seus educadores já eram religiosos espalhados por muitos países da Europa e da América, elaborou uma modalidade de presença, cujas características estão no *Tratado sobre o Sistema Preventivo* e nos *Regulamentos para as casas salesianas*. Nesses documentos e na linguagem tradicional dos salesianos, a presença educativa possuía um nome bastante característico e individualizador: a *assistência*.

Segundo Vicente Cimatti, uma das características mais importantes que se nota nas pessoas que trabalham nas casas salesianas é a assistência:

⁹⁷ D. B. Fascie, *Del metodo educativo di Don Bosco*, citado em P. Scotti, *La dottrina spirituale di Don Bosco*. Turim, SEI, 1938, p. 63.

⁹⁸ Scotti, *La dottrina spirituale di Don Bosco*, p. 63.

Embora alguns sejam diretamente responsáveis pela vigilância dos alunos, todos são assistentes, a começar do chefe da casa até o último da hierarquia dos superiores: o diretor. Todos têm o encargo de dar avisos e conselhos aos alunos da casa, quando houver motivos para isso, especialmente quando se trata de impedir a ofensa de Deus. É desta forma que se pratica o espírito de família e os alunos são assim colocados na impossibilidade de cometer faltas... O assistente não é um vigilante estranho à vida da família religiosa com a qual convive..., mas é um irmão que tem autoridade como qualquer superior da casa, na parte que lhe diz respeito; que faz vida de família e que, como irmão maior no meio dos alunos, é respeitado, obedecido e estimado e, pela caridosa solidariedade de todos os outros, é auxiliado e sustentado no cumprimento dos seus deveres.⁹⁹

No desenvolvimento do conceito de “assistente” aparecem com precisão e exatidão o conjunto relacional educativo de toda a comunidade. Dom Bosco transmitiu com particularidades até a modalidade relacional de todos os educadores, para que tudo se espelhasse nas relações familiares onde o diretor representa a paternidade natural e sobrenatural.

Além disso, reforça sua concepção de presença/assistência ao falar da figura do diretor na Aplicação do Sistema Preventivo, nos Regulamentos dos salesianos: “Deve, pois, o diretor consagrar-se todo aos próprios educandos. Jamais tomar cargos que o afastem do próprio ofício, antes, deve se achar sempre com os alunos todas as vezes que o não impeça obrigatoriamente outra ocupação...”

A literatura salesiana que trata da assistência é muito vasta e variada. Pietro Braido sintetiza esse conceito ao afirmar que “a presença fraterna, ativa, incessantemente construtiva do educador, deverá formar o jovem de modo que o prepare para enfrentar, com uma energia viril, as dificuldades interiores e os influxos negativos do ambiente atual e futuro”.¹⁰⁰

Também ao falar dos castigos, o próprio Dom Bosco afirma: “O educador entre os alunos procure fazer-se amar, se quiser que o temam...”. Coroando a formação e a vivência desse conceito de presença/assistência, não se pode prescindir de um aviso de Dom Bosco que pervade toda a atividade ou ação educativa, de modo especial ao se tratar da qualidade e transparência das relações pedagógicas: “Fazer-se amar para fazer amar o Senhor”.¹⁰¹

⁹⁹ Vicente Cimatti, *Dom Bosco educador*. São Paulo, Editora Salesiana, 1939, p. 55-56.

¹⁰⁰ Pietro Braido, *Il sistema preventivo di Don Bosco*. Turim, PAS, 1955, p. 234.

¹⁰¹ Scotti, *La dottrina spirituale di Don Bosco*, p. 181.

A qualidade maior que enseja a presença educativa para Dom Bosco é o afeto sentido e simples para com os educandos, os amando com a dignidade de filhos de Deus para que eles se construam como filhos do mesmo Pai. Para Dom Bosco essa é a finalidade última de todo o seu afeto dedicado a tantos jovens, para que todos eles se formassem como pessoas e como filhos do mesmo Pai.

As relações educativas propaladas pela metodologia de Dom Bosco são modeladas e impregnadas de forte teor de presença/assistência, como auxílio à construção da liberdade dos jovens, e não o contrário, o exercício de um controle meramente estéril que não produziria mais que uma paz aparente e uma apatia maior. Não foi essa a tradição que Dom Bosco passou aos seus salesianos.

Não se pode deixar de lembrar a questão de que todas as afirmações de Dom Bosco e todo o acervo de atitudes e comportamentos cristalizados pela tradição salesiana traz em seu bojo a contextualização cultural e sociotaxionômica. Representam propostas educativas que espelham sempre o contexto sociofamiliar e o contexto das leituras teológicas da época do século passado e da primeira metade do século 20.

A certeza de uma presença profundamente educativa da pessoa de Dom Bosco e, posteriormente, de seus filhos salesianos é incontestável. A história da pedagogia salesiana o demonstra sobejamente. A competência exercida pelos educadores salesianos, o estar presente significativamente junto aos jovens, é o sucedâneo para os tempos de hoje, pedagogicamente falando.

Trata-se de despir desse conceito os aspectos culturais e históricos, enquanto retrataram uma época, e fortalecer o carisma da pedagogia salesiana. Este deve se atualizar e potencializar os valores e as modalidades culturais de cada época. Tarefa mais que exigente, porém, como nos tempos de Dom Bosco, tudo deve ser temperado pelo profundo e gratuito afeto educativo.

2. Competência pedagógica salesiana

A aplicabilidade do Sistema Preventivo para a época atual deve se valer de todos os auxílios pedagógicos que estão na base de tantas atitudes que estruturam as propostas pedagógicas dos estabelecimentos de ensino. Os salesianos têm o dever de tornar legível pedagogicamente o conjunto

educativo de todos os valores que compõem o carisma salesiano, pois é um legado que permite não somente à Congregação Salesiana, mas a todos que o adotam percorrer um caminho exitoso no campo educativo.

Nesse sentido, a conceituação de *competência* unida e contextualizada a partir do Sistema Preventivo ou do carisma salesiano deve iluminar o trajeto de uma leitura ou de uma contextualização da educação proposta por Dom Bosco para os dias de hoje. O termo competência tomado em seu sentido genérico, inapropriadamente, sem a devida especificação de seu termo genitivo, ou de sua especificação, não se viabilizaria como tal. Por isso a intenção é especificar o seu complemento ou especificação pela competência mestra do Sistema Preventivo: a *amorevolezza*.

Vários autores afirmam que essa competência tem a força de se aliar e qualificar todas as outras competências educativas salesianas. Bem entendido, não que ela substitua ou se sobreponha à qualquer outra. O que se afirma é seu grande poder de associação, de fortalecimento e potenciação de quase todos os gestos educativos sob o ponto de vista do carisma salesiano.

Segundo Philippe Perrenoud, “não existe uma definição clara e partilhada das competências. A palavra tem vários significados, e ninguém pode pretender dar a definição”.¹⁰² Afirma também que não se deve depender de uma definição, porém, aponta algumas versões que reduzem o conceito de competência. Segundo o autor,

não se deve falar de competência para expressar os objetivos de um ensino em termos de condutas ou práticas observáveis... Pode-se ensinar e avaliar por objetivos sem preocupar-se com a transferência dos conhecimentos e, menos ainda, com a sua mobilização diante de situações complexas. Outro significado comum é a oposição existente entre a noção de competência e de desempenho: o desempenho observado seria um indicador mais ou menos confiável de uma competência, supostamente mais estável, que é medido indiretamente...

Ninguém se arriscaria a defender uma escola que visasse a desempenhos sem futuro... É verdade que se poderia descrever um conjunto de ações que remetesse a uma competência subjacente, sem perguntar como ela funciona, porém não seria suficiente quando se quer formar em tais competências subnotadas. A terceira concepção clás-

¹⁰² Philippe Perrenoud, *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999, p. 19.

sica considera a competência uma faculdade genérica, uma potencialidade de qualquer mente humana... Contudo, não se nasce com competências, mas com potencialidades que se tornam competências. As potencialidades do sujeito só se transformam em competências efetivas por meio de aprendizados que não intervêm espontaneamente, por exemplo, cada indivíduo deve aprender a falar... As competências no sentido que será aqui utilizado, são aquisições, aprendizados construídos, e não virtualidades da espécie.¹⁰³

Sob o ponto de vista da capacidade de mobilização de recursos para determinados campos contextuais, o autor afirma:

A noção de competência designará aqui uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação. Essa definição insiste em quatro aspectos: 1) as competências não são elas mesmas saberes, *savoir-faire* ou atitudes, mas mobilizam, integram e orquestram tais recursos; 2) essa mobilização só é pertinente em situação, sendo cada situação singular; 3) o exercício da competência passa por operações complexas, subentendidas por esquemas de pensamento, que permitem determinar e realizar uma ação relativamente adaptada à situação; 4) as competências profissionais constroem-se em formação, mas também ao sabor da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho a outra.¹⁰⁴

Assim, ele apresenta uma visão bem clara da noção de competência que se pretende aplicável à capacidade de os educadores se habilitarem devidamente para o exercício educativo, e educativo sob o ponto de vista salesiano.

Outras observações importantes de Perrenoud indicam caminhos de aplicação educativa desse conceito: “As competências são importantes metas de formação. Elas podem responder a uma demanda social dirigida para a adaptação ao mercado e às mudanças e também podem fornecer os meios para aprender a realidade e não ficar indefeso nas relações sociais”.¹⁰⁵

Adverte, ainda, que o enfrentamento da vida não depende de conhecimentos acumulados, a cada problema a pessoa não se confronta com o enunciado do que aprendeu de cor, mas deve se confrontar com aquela si-

¹⁰³ Perrenoud, *Construir as competências desde a escola*, p. 21.

¹⁰⁴ Philippe Perrenoud, *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000, p. 15.

¹⁰⁵ Perrenoud, *Construir as competências desde a escola*, p. 32.

tuação. Chega o momento em que os conhecimentos acumulados não são mais suficientes, em que não se pode dominar uma situação nova graças a simples conhecimentos aplicados.

Comentando a adoção ou não de programas que estabelecem a aquisição de competências, ao se referir aos temas transversais que implicam valores, alerta para o problema que suscitará devido às ambigüidades provenientes da diversidade de ideologias ou de julgamentos.

Uma vez que as competências serão formadas pela prática, isso deve ocorrer em situações concretas, com conteúdos, contextos e riscos identificados. Quando o programa não propõe contexto, a quem caberá a responsabilidade de correr o risco de determiná-lo? Essa postura vai exigir que a escola se pergunte: “que tipos de seres humanos a escola quer formar, com vistas a que práticas familiares, sexuais, políticas, artísticas, esportivas, associativas... Disso depende a escolha das competências transversais a serem desenvolvidas!”¹⁰⁶

Dessas afirmações emerge a linha orientadora para que os educadores salesianos se posicionem perante as solicitações que os diversos contextos podem oferecer. No caso, estamos relacionando a competência-base do Sistema Preventivo com a vastidão de sua aplicabilidade. Para que isso possa ocorrer, será necessário verificar a questão do contexto sociocultural de nossa juventude.

Aos educadores que se propõem um trabalho de formação contínua, Perrenoud aconselha e propõe:

Trabalhar, individual ou coletivamente, com referenciais de competências é dar-se os meios de um balanço pessoal e de um projeto de formação realista... A autoformação resulta, idealmente, de uma prática reflexiva que se deve muito mais a um projeto pessoal (pessoal ou coletivo) do que a uma expectativa explícita da instituição.¹⁰⁷

Essa é a proposta que se apresenta em relação ao Sistema Preventivo. Tanto mais que a contextualização das situações podem, mais ou menos, ser conhecidas. Espera-se que sejam conhecidas essas situações, ou que de ora em diante merecerão maior focalização das atenções de todos os educadores.

¹⁰⁶ Perrenoud, *Construir as competências desde a escola*, p. 39.

¹⁰⁷ Perrenoud, *Novas competências para ensinar*, p. 179.

O desenvolvimento de uma sensibilização para as mais variadas situações contextuais da escola pode oferecer uma vasta gama de variedade situacional ou mesmo causar surpresas pelas contextualizações inesperadas. A sensibilização se constitui em uma perspectiva de fundo para que muitas competências sejam construídas, em especial, se aguarda que a competência educativa maior do Sistema Preventivo seja individualizada e, ao menos, desejada como caminho da autoformação contínua.

Valendo-se de uma exortação de Perrenoud, se oferece a todos os educadores como incentivo para se esmerar na aquisição de algumas competências, em particular, a de uma verdadeira sabedoria:

“O que se concebe bem, se enuncia claramente, e as palavras para dizê-lo afloram com facilidade”, dizia Boileau. Atualmente, estamos bem além desse preceito. A competência requerida hoje em dia é o domínio dos conteúdos com suficiente fluência e distância para construí-los em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando acontecimentos, em suma, favorecendo a apropriação ativa e a transferência dos saberes, sem passar necessariamente por sua exposição metódica, na ordem prescrita por um sumário.

Essa facilidade na administração das situações e dos conteúdos exige um domínio pessoal não apenas dos saberes, mas também daquilo que Develay chama de matriz disciplinar, ou seja, os conceitos, as questões e os paradigmas que estruturam os saberes no seio de uma disciplina. Por isso, a importância de saber identificar noções-núcleo ou competências-chave em torno das quais organizar as aprendizagens e em função das quais orientar o trabalho em aula e estabelecer prioridades.¹⁰⁸

A partir desses conceitos de Perrenoud, se estabelece a ponte para que a competência maior do Sistema Preventivo seja assumida como “matriz disciplinar ou noção-núcleo ou mesmo como competência-chave” para todos os educadores que aderem à prática educativa salesiana. A competência maior legada a todas as gerações de salesianos, para que ao se apropriarem dela pudessem ser eficazes como educadores, surge como referência de conteúdo a ser possuído, a ser construído na práxis situacional do cotidiano no trabalho e nos encontros com os jovens de todos os contextos sociais.

¹⁰⁸ Perrenoud, *Novas competências para ensinar*, p. 27.

A fundamentação teórica de Perrenoud sobre as competências em si e sobre sua aquisição veio trazer o suporte teórico necessário para que essa reflexão tenha maior consistência que o desejo de um elã entusiasmante pela metodologia pedagógica salesiana. A eleição da competência matriz, a *amorevolezza*, já tem o assentimento de muitos teóricos salesianos. Resta a apresentação dos caminhos de uma construção situacional da *amorevolezza* nas diversas contextualizações das presenças dos salesianos.

Alguns traços característicos da juventude atual, bem como do contexto do mundo concreto em que eles vivem e que os espera para a profissionalização, são apresentados para realçar a excelência de possibilidades que a pedagogia salesiana tem para oferecer em prol da construção de tantas e tantas personalidades de sucesso dos jovens de hoje.

3. Contextualização dos jovens e dos educadores hoje

Sem dúvida, é culturalmente que se definem os contextos em que são revitalizadas as tendências ou acontecem as perspectivas que indicam as modalidades da vida ou do trabalho. Não se pode falar de contextualização sem falar dos fatores que produzem e dinamizam as circunstâncias vivenciais em seu mais particular poder de estar presente e influenciar.

Impossível não acenar para o mundo da mídia comunicacional, para o mundo das invenções científicas, para o mundo *on-line*, para os bens de consumo em sua abundância tão grande que provoca vasta gama de possibilidades de escolhas e consumo. Perante todas essas tendências e fatores, surgem algumas afirmações que caracterizam melhor o contexto dos jovens e dos educadores para os quais se dirige o foco da reflexão. De acordo com a visão que se obtiver, pode-se até estabelecer certos paralelos e confrontos com as circunstâncias que concretamente serviram de suporte para a construção de todo o legado educativo que Dom Bosco nos deixou através da riqueza de seu carisma.

Pode-se observar como aconteceram as intervenções de Dom Bosco em seu tempo, quais soluções e posturas verdadeiramente criativas surgiram de suas intuições pedagógicas em prol dos jovens. De fato, dessas intuições que carregaram consigo as expressões contextuais do século 19 pode-se constatar a força criadora de Dom Bosco, mediante as ações concretas e o conjunto de posturas e reflexões em prol dos jovens, culminando em um conjunto aglutinador de sua práxis que é oferecido aos educadores e jovens

de hoje, como expressão carismática com forte vocação e apelo à inculturação e à contextualização.

A seguir, se relacionam algumas afirmações que caracterizam a época atual cultural, política, moral, econômica ou espiritualmente e que vão influir nas estruturas vivenciais da sociedade. Essas afirmações ora são de especificações, ora indicam tendências, ora decretarão as modalidades do futuro.

- Vive-se hoje uma *superabundância* em todas as áreas da produção, se se comparar com o que as diversas épocas experimentaram em questão de produção e oferta. Ao lado da superabundância, aparece a busca do prazer como objetivo muito claro. Conseqüentemente, tudo é estetizado, tudo está a serviço do consumo. Assim, o mundo passa a ser um espetáculo contínuo de exposições. O particular é teatralizado para que o consumo tenha mais opções. O limite ou as esferas entre o público e o privado não mais se distinguem com precisão, a inversão desses campos é consumida amplamente.
- A *violência* faz parte da rotina da vida. Com a urbanização total – o campo hoje é urbanizado – se incorporou a violência como componente essencial da vida diária. Consome-se a violência em todos os estados, no real e no virtual, ela é uma droga que se oferece a cada momento da vida de qualquer cidadão ou de qualquer jovem. A introjeção da violência provoca indiferença e insensibilidade, principalmente porque está sendo consumida em doses cada vez maiores.
- Em relação ao mundo dos jovens, se constata o *envelhecimento* da população, não só brasileira ou européia, mas de todo o mundo ocidental.
- Cada vez mais a *ciência* está desvendando a natureza e oferecendo possibilidades maiores de qualidade de vida, de possibilidades de vivências inimagináveis. Em todos os setores da cultura, a ciência avança, possibilitando a consolidação do poder das grandes corporações.
- A *religião* deixou de ser uma fonte de sustentação da ética e da moral para se tornar também um bem de consumo. Segundo A. F. Pierucci, está acontecendo uma “des-moralização” religiosa, para se buscar resultados sob a forma de experiências religiosas imediatamente satisfatórias – o êxtase, o transe, o júbilo, o choro, o alívio, enfim, a emoção – ou terapeuticamente eficazes, no máximo sob a forma de prosperidade econômica real. Para as empresas religiosas, os resultados visados se põem em termos de crescimento e faturamento da or-

ganização, expansão da clientela, fixação mercadológica de suas marcas diferenciais e popularidade das lideranças-ícones. A religiosidade hoje é experiencial. Acontece também uma “remagificação” do campo religioso.¹⁰⁹

- Quanto à *sexualidade*, para Maria Rita Kehl o sexo continua sendo um poderoso alavancador de vendas para qualquer produto. Num cenário otimista, podemos imaginar os jovens tentando reinventar uma certa delicadeza nos encontros, algum saber erótico que recupere o poder da palavra, sem precisar, para isso, apelar para formas conservadoras de repressão, tentando garantir, pelo menos, o afrodisíaco da clandestinidade.¹¹⁰
- No *amor*, segundo J. F. Costa, estão acontecendo algumas mudanças: saber o que é o amor e poder reconhecer, em si ou nos outros, sensações físicas ou mentais de um tipo específico; atitudes ou disposições para com o objeto amado chamados de sentimentos; convicções sobre a natureza do objeto amado e do amante e, por fim, julgamentos sobre o valor do amor, isto é, sobre sua bondade, sua beleza ou sua necessária participação na fidelidade e no equilíbrio psicológico do indivíduo. Atualmente, o amor vem sendo “desidealizado” e, em consequência, a realidade emocional parece privada daquilo que a empurrava para a auto-superação. No momento, pouco a pouco, estamos aceitando que a experiência amorosa é fugaz e seu destino é a provisoriedade. Resta saber para onde vai migrar a vontade de ir além do bom senso, o desafio de realizar o impossível, ou o ímpeto de vencer a brevidade, em matéria de felicidade emocional.¹¹¹
- Sobre a *fantasia* de superar obstáculos e vencer o desconhecido, permanece a aventura dos esportes radicais e a massificação do turismo. O fascínio do desconhecido se transportou para o mundo da subjetividade. Os lugares sagrados, as rotas de peregrinação, a exemplo das gerações anteriores, exercem uma perspectiva de deslumbramento e de encantamento. Quanto mais contíguo e *on-line* o mundo, mais superficial a vivência individual de si e de sua interioridade. Porém, permanece certo desejo de se aprofundar interiormente e de se estabelecer uma vivência mais coerente com o próprio interior. Resta a

¹⁰⁹ Cf. A. F. Pierucci, “Religião”, *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno Mais!

¹¹⁰ Cf. Maria Rita Kehl, “Sexualidade”, *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno Mais!

¹¹¹ Cf. J. F. Costa, “Amor”, *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno Mais!

aventura da persistência do aprofundamento de si, da liberação do inconsciente de possíveis distúrbios para uma vida de maior abertura interior e para com os necessitados. Assim, crescem as tiragens de livros de auto-ajuda, de meditação e de possíveis trabalhos de aprofundamento e de conquista da parte mais recôndita do ser.

- Sobre a *juventude* pouco se pode falar além da temática tradicional: estudo e profissionalização, vivência e luta contra as drogas. A novidade: o apego à família. Está ficando muito difícil para os jovens, em todos os sentidos, sair da influência da família. Numa família normal, os pais são muito estimados, não viveriam sem eles. A mãe, cada vez mais, se torna importante na vida dos jovens. Profissionalmente, em empresas em que a juventude representa intuição e “estar ligado ao fluxo”, os jovens se tornam executivos mais rapidamente ou montam o próprio negócio. Um número da revista *IstoÉ* trouxe como reportagem de capa os jovens do Brasil. O trabalho foi de tal forma organizado, que não se pôde afirmar nada sobre os jovens do Brasil, a não ser que o que existe em comum entre eles, além da moda de vestir, é o fato de serem absolutamente individualistas e conservadores.
- Sobre os grandes *desafios deste século*, N. Sevcenko aponta a tendência à concentração das riquezas, a maximização das desigualdades e a conseqüente deterioração ambiental.¹¹²
- Sobre *política*, A. Tourraine notifica a fragilidade do pensamento e da ação política; ao lado disso, se aglutina a fraqueza das igrejas e das grandes instituições, fato que nos entrega à lentidão da formação de novos atores verdadeiramente sociais, de movimentos culturais, de termos propostas para o debate público. Confirma-se a hegemonia militar, cultural e econômica dos Estados Unidos da América sobre o mundo. Fato notável na Europa, segundo o jornalista, é a mediocridade da França, Alemanha, Itália e do Reino Unido. Para Tourraine, numa perspectiva animadora para o mundo inteiro, é que se tornou impossível olhar para trás. Quem tem vontade de defender o sistema soviético ou a ideologia maoísta?¹¹³
- Sobre a situação do *mercado de trabalho para os jovens*, a revista *Agitação* traz algumas afirmações interessantes, indicando os valo-

¹¹² Cf. N. Sevcenko, *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno A, p. 12.

¹¹³ Cf. A. Tourraine, “Começo do novo século devolve a capacidade e vontade de agir”, *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno A, p. 11.

res que os jovens devem possuir e manifestar para poder obter sucesso no trabalho. Segundo a revista, vale hoje ser ético, o que corresponde a ter respeito pelo outro, ser idôneo e confiável, se comportar como um pessoa digna e “de bem”. Nesse sentido, o mercado de trabalho preza e valoriza os profissionais que têm ética, isto é, que demonstram ter responsabilidade e zelo pelos interesses da empresa e da coletividade. São pessoas que se tornam colaboradoras indispensáveis para que as empresas consigam construir relações duradouras com os seus clientes.

O comportamento ético confere credibilidade às empresas e aos profissionais. É o que se chama de “patrimônio intangível”. Com o avanço tecnológico, o preparo técnico deixou de ser o referencial maior entre as pessoas que querem desempenhar um trabalho profissional. O perfil da personalidade do profissional, sua conduta ética e sua maturidade passaram a ser vantagem competitiva nos processos de seleção de empresas, de pequeno, médio e grande porte. Dificuldades técnicas podem ser superadas com treinamento, ao passo que caráter não se modifica com cursos ou estudo. Nesse sentido valores fundamentais são: 1) ser honesto em qualquer situação; 2) ter coragem para assumir decisões; 3) ser tolerante e flexível; 4) ser íntegro; 5) ser humilde.¹¹⁴

- Hoje as *empresas* não são mais as mesmas, segundo J. C. Figueiredo. Esse articulista acredita que, no futuro, as empresas serão cada vez menos burocratizadas, menos hierarquizadas e serão formadas por poucos, mas bons profissionais. O trabalho tende a, cada vez mais, ser orientado para leitura, análise, criação e planejamento. Em plena era da informação, o mundo precisa é de pessoas mentalmente livres para criar. As empresas dependem somente da criatividade do ser humano para continuarem existindo. A era da informação rompe com todos os paradigmas impostos pela era industrial, ela exige pessoas empreendedoras, livres e corajosas para enfrentar o desconhecido. Exige criatividade das pessoas, pede que as idéias sejam colocadas em prática. São as idéias que moldam as ações práticas.¹¹⁵
- A *participação feminina* em cargos executivos das empresas tem aumentado de maneira considerável, a ponto de surgirem afirmações

¹¹⁴ Cf. Revista *Agitação*, ano VI, n. 36, nov./dez. 2000, p. 22-23.

¹¹⁵ Cf. J. C. Figueiredo, “O emprego é outro, na era globalizada”, jornal *O Valor*, [s.d.].

surpreendentes sobre a ascensão da mulher em postos de alta direção das empresas. “As mulheres vão dominar o mercado de trabalho no futuro”, afirma o guru empresarial americano Tom Peters. “Elas são craques em fazer um monte de coisas ao mesmo tempo. Garotos adoram regras, e as regras valem cada vez menos!”. Estudiosos e consultores são praticamente unânimes em dizer que o mundo corporativo aponta para valores tidos como mais femininos: importância do relacionamento, trabalho em equipe, uso de motivação e persuasão, em vez de ordem e controle, cooperação no lugar de controle.¹¹⁶

- Sobre *empreendedorismo*, o jornal *O Valor* estampa o seguinte título na primeira página: “País lidera em empreendedores”. Afirma a reportagem que o país onde as pessoas estão criando suas próprias oportunidades não são os Estados Unidos, mas o Brasil. Aqui, um em cada oito adultos está tentando começar um negócio. O estudo da London Business School, do Reino Unido, e do Babson College, dos Estados Unidos, ao analisar o nível de atividade empreendedora entre 21 países, concluiu que o Brasil lidera o *ranking*. Nos Estados Unidos, uma em cada 12 pessoas está tentando iniciar o próprio negócio. Ficou em segundo lugar. É uma boa notícia para todos os brasileiros.¹¹⁷

A apresentação desses itens tem por objetivo construir um referencial de contextualização para os jovens e, conseqüentemente, para os educadores que necessitam saber qual o rumo educativo a assumir, para que o aluno esteja preparado para se inserir no mundo como profissional e como pessoa. As distinções se fazem por ordem lógica, pois a prática profissional está pressupondo integridade pessoal e capacidade de colocar em ação os próprios talentos.

A partir da contextualização, pode-se confrontar a competência matriz e nuclear do Sistema Preventivo, para que os educadores se norteiem por ela e os jovens possam se valer dessa postura para melhor viver o seu período de educação escolar. Assim, a *amorevolezza* tem muito a dizer a educadores e a educandos, para que se construam na reciprocidade da convivência do cotidiano, como possibilidade de se sentirem pessoas felizes e fiéis ao um bom projeto educativo.

¹¹⁶ Cf. Revista *Exame*, ano 35, n. 2, jan. 2001.

¹¹⁷ Cf. M. L. Abbot, “País lidera em empreendedores”, jornal *O Valor*, 18/1/2001.

4. Presença educativa salesiana: competência máxima do Sistema Preventivo

A fidelidade ao carisma salesiano passa pela capacidade de tornar evidente a eficácia do Sistema Preventivo modelarmente, como ocorreu no tempo de Dom Bosco. Esse imperativo vem indicar aos salesianos e a todos os educadores leigos que trabalham em obras salesianas que não se pode fugir desse dilema: ser salesiano implica atuar como exige essa identidade, nela está presente a capacidade de atualização da pedagogia de Dom Bosco.

Portanto, ser salesiano autêntico implica adquirir sabedoria pedagógica através do exercício da aplicabilidade do Sistema Preventivo para essa geração de jovens que convive conosco em nossas presenças.

Duas constatações óbvias: a juventude de hoje possui características próprias que a identifica e a certeza de que o Sistema Preventivo de Dom Bosco oferece um caminho de excelência pedagógica plenamente apto aos educadores salesianos, ao lhes proporcionar os meios e as habilidades necessários para atingi-la com êxito.

A experiência pedagógica de Dom Bosco e das gerações sucessivas de educadores salesianos atestam a eficácia do Sistema Preventivo na educação e orientação dos jovens. Quanto maior o conhecimento da prática de Dom Bosco e dos estudos de alguns pedagogos salesianos, mais simples se torna essa questão. O próprio Dom Bosco não queria que seu sistema educativo fosse objeto de muito estudo. Sempre quis, e a tradição salesiana assumiu esse estilo próprio dele, que o Sistema Preventivo fosse aprendido mais pela convivência que pelo estudo metódico.

Nesse sentido, a pedagogia de Dom Bosco se iguala a outra expressão, ao “espírito salesiano”. Por espírito salesiano se entende um conjunto de procedimentos, de vivências de valores, de modalidades relacionais especiais, de reconhecimento tácito de funções e papéis dentro de uma comunidade educativa, de maneiras de agir e de atribuições específicas, todas mais pressupostas do que teorizadas, que vão tecendo a malha capilar de um conjunto pedagógico com mais intensidade de vida que de descrição dos papéis e funções, que tem mais cooperação nas tarefas sempre executadas em conjunto que atribuições independentes.

O universo pedagógico animado pelo espírito salesiano depende mais da integração de todos os educadores do que de especificações. Todas as atividades nesse universo estão correlacionadas.

Coordenado por seu responsável maior, que é o diretor, o universo pedagógico salesiano se estrutura como um todo. Uma de suas prerrogativas é estabelecer o sentido de individualidade e de pertença, de identidade e de conjunto, de atividade particular e de pertença à grande família que abranje a obra toda. Seu papel fundamental é dinamizar os processos, revitalizar a confiabilidade para que as etapas educativas aconteçam e ofereçam aos jovens uma luz segura que oriente os jovens em suas vidas e em seus anseios profissionais. É inerente à função de diretor a capacidade relevante de entender os seus auxiliares e, particularmente, as expressões da vida juvenil e as contextualizações do mundo de hoje.

Para sua animação, é vital a presença muito forte de uma sinergia educativa ou de valores que são aceitos e vivenciados por todos. O espírito comum, que une as áreas ou partes e torna o universo pedagógico consistente, é a força pedagógica do Sistema Preventivo. A partir da experiência de Dom Bosco, seu carisma tem sido a fonte para que a sinergia espiritual e pedagógica se faça presente como caminho processual, em que os jovens encontrem modalidades de se autoconstruírem com segurança, de se confrontarem com as perspectivas da cultura atual e com o mundo que os aguarda.

Tanto o diretor como todos os educadores salesianos ou leigos, ao se disporem para o engajamento pedagógico em uma presença salesiana, tacitamente estarão se unindo, como em um pacto, ao redor do Sistema Preventivo, para uma jornada educativa com especificações e procedimentos bem delimitados ou implícitos. Terão a finalidade de construir um ambiente educativo aberto aos jovens com a finalidade última proposta por Dom Bosco: a salvação dos jovens – traduzido por ele no mote: “*da mihi animas coetera tolle!*”.

Esta reflexão quer enfatizar que uma comunidade salesiana, devidamente organizada para uma atuação pedagógica de acordo com o Sistema Preventivo, deve ter um princípio norteador que seja a base da dinamização do processo educativo. Caso contrário, poderia ficar dispersa e se desorientar mediante a presença de outros princípios que não incidiriam em sua identidade primordial. Reiterando a necessidade de uma identidade vivenciada por todos em seus aspectos particulares e por todos referenciada como princípio dinamizador, a pedagogia salesiana tem a oferecer essa competência a partir das reflexões de vários autores e das afirmações do próprio Dom Bosco: *o amor educativo*.

A sugestão é abordar o Sistema Preventivo a partir de uma expressão que tem a força e a dinamicidade de animar e fortalecer a ação educativa em todos os setores e no seu conjunto: a *amorevolezza*.

5. *Amorevolezza*

Amorevolezza, na tradição salesiana, foi sempre um conceito intraduzível para o português. Usaram-se termos como bondade, carinho, afeto, amor, para denominar a abrangência de seu significado. Sempre os italianos afirmaram que é um termo típico, por isso passou a ser utilizado em italiano mesmo.

A *amorevolezza* tem grande atualidade, resume muito bem as vivências e as experiências educativas de Dom Bosco e dos primeiros salesianos. É proposta como elemento imprescindível da pedagogia salesiana. Tem o poder de significar por si e de aglutinar as vivências educativas significativas, reportando-as a um todo que expressa a finalidade última da educação salesiana, que é a salvação da pessoa, ou em palavras da teologia antiga, “a salvação da alma de todos os jovens”.

Para que o jovem possa se desenvolver sadiamente em todas as suas potencialidades, no seu processo de identificação e crescimento, a relação educativa amorosa atinge a profundidade do ser, possibilitando a vida em estado de exemplaridade: ao se ver amado, aprenderá a amar e a se relacionar com sentido de alteridade, de desprendimento e de felicidade, superará o narcisismo com muito maior naturalidade.

O educador salesiano é convidado a adquirir essa competência para se sentir um verdadeiro salesiano educador. A competência do Sistema Preventivo é a aquisição da *amorevolezza* como presença pedagógica, ou estar presente pedagogicamente em estado de *amorevolezza* junto aos jovens.

A seguir, são citados vários autores na conceituação desse elemento-chave da pedagogia salesiana.

Segundo Jaime Rodríguez:

Se cabe destacar algum ponto, podemos afirmar que este (*amorevolezza*) é o elemento-chave do Sistema Preventivo. Por isso mesmo, é indispensável entendê-lo bem, compreender todo o seu alcance. Nele desembocam e se concretizam os outros elementos,

“razão e religião” (da tríade do Sistema Preventivo: razão, religião e carinho ou *amorevolezza*). Trata-se, sem dúvida, de uma trílogia inseparável, a tripla expressão de uma atitude de amor. *Amorevolezza* é espírito, prática, forma e relação. Por isso mesmo, o Sistema Preventivo se identifica real e praticamente com o espírito salesiano.¹¹⁸

A esse respeito, todos os autores são concordes em afirmar que a *amorevolezza* resume todo o espírito da pedagogia salesiana. É a qualidade essencial de qualquer presença educativa em estilo salesiano. Estar presente junto aos jovens não pode ser um estado de indiferença perante o processo educativo, não é assim que o pai ou a mãe estão presentes na vida dos filhos. A presença educativa salesiana tem seu qualificativo, a *amorevolezza*.

Pietro Braido afirma que ela é o fundamento metodológico do Sistema Preventivo:

A prática deste sistema se apóia nas palavras de São Paulo: a caridade é paciente... tudo sofre, tudo espera e tudo suporta... É este o fundamento também cronológico de sua obra e se reporta à recordação mais viva de sua meninice, ao sonho dos 9 anos, em que sobressai a admoestação: “Não com tapas, mas com a mansidão e com a caridade deverás ganhar estes teus amigos”. É a lei suprema de seu código educativo: o educador é uma pessoa consagrada ao bem de seus alunos, por isso deve estar pronta a suportar todo e qualquer inconveniente, todo cansaço para conseguir o seu fim, que é a educação civil, moral, científica de seus alunos...

Por sua vez, os regulamentos das casas salesianas reafirmam o argumento do amor educativo: “Cada um procure fazer-se amar se quiser ser respeitado”. O gênio da caridade era em Dom Bosco, pois, um gênio criativo e motivação de sua doação amorosa, tornava-se uma solícita e inteligente atuação preventiva em relação ao mal, e agenciadora das condições mais propícias para nascer, perseverar e desenvolver o bem moral e intelectual.¹¹⁹

Sem dúvida, a presença e as afirmações de Dom Bosco dão um aval muito forte aos educadores salesianos.

¹¹⁸ Jaime Rodríguez, *O projeto educativo de Dom Bosco: a expressão da santidade salesiana*. São Paulo, Unisal/Editora Salesiana, 2000, p. 106.

¹¹⁹ Pietro Braido, *Il sistema preventivo di Don Bosco*. Turim, PAS, 1955, p. 176-177.

Para Pietro Stella, a *amorevolezza* é “um amor demonstrado”. Pedro Brocardo diz que é “querer o bem de alguém ou é uma benevolência”. Na carta apostólica *Iuvenum Patris*, o papa João Paulo II se refere à *amorevolezza* do ponto de vista pedagógico, e afirma que se trata de “uma atitude cotidiana, que não é simples amor humano, nem só caridade sobrenatural”.

São afirmações que tentam codificar algumas atitudes práticas ou não do educador para se qualificar como presença relacional no processo educativo. Enriquecem a tradição salesiana ao mesmo tempo que se cristalizam como expressões apropriadas educativamente para determinar a qualidade da presença educativa salesiana.

Luciano Cian fala da *amorevolezza* como autoridade e como presença educativa:

Para Dom Bosco, a educação é verdadeiramente coisa do coração, e educar não é um problema, mas um ato de amor. Caviglia afirma: “Dom Bosco procurou fazer bons e santos os seus inúmeros juvenzinhos; alguns fê-los santos autênticos; mas o ponto de partida de todo o seu trabalho de construção espiritual foi sempre um só: o coração”.¹²⁰

Ao falar da presença salesiana, Cian afirma:

Para Dom Bosco, o amor educativo implica benevolência (estima e valorização do outro como pessoa), promoção (reconhecimento do outro em sua alteridade e em suas exigências profundas) e reciprocidade (que se manifesta especialmente como amizade e amparo nas escolhas importantes).¹²¹

Em outra parte de seu livro, citada a seguir, Cian apresenta a *amorevolezza* como princípio supremo da metodologia educativa de Dom Bosco. Considera uma personalidade completa como expressão do desenvolvimento dos aspectos físico, espiritual e psíquico. Para ele, “uma personalidade completa é sólida, amante, autêntica, eficaz, capaz de irradiar força e serenidade fascinantes...”.

Isso quer dizer que todos podem atingir um determinado nível de harmonia na vida comum e em qualquer ambiente social, uma vez que “o eixo

¹²⁰ Alberto Caviglia, *Don Bosco: profilo storico*, citado em Luciano Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco e i lineamenti caratteristici del suo stile*. Turim, Elle Di Ci, 1985.

¹²¹ Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 31.

central da construção de uma personalidade sólida e harmônica é o afetivo”. Todos têm um coração capaz de amar, e desenvolvendo suas características podem se tornar pessoas harmoniosas... O que faz atingir esse nível de maturidade afetiva é a experiência de ser amados no momento justo (na família, na escola e em qualquer relação interpessoal) com amor-ternura...

Dom Bosco escolheu a *amorevolezza* como núcleo central de seu sistema pedagógico porque teve essas experiências afetivas na família, nos vários lugares que freqüentou e em alguns acontecimentos especiais de sua vida (as amizades, a fundação da Sociedade da Alegria). Essas vivências tornaram fácil e sempre fascinante o seu traço terno-doce-amoroso com todos, especialmente com os jovens... Como “Homem de Deus” sublimava os traços humanos da *amorevolezza* aproximando-os ao ideal do amor de Deus (levava os jovens para o amor a Deus).

Para esse autor, a Carta de Roma, escrita por Dom Bosco em 1884, expressa um verdadeiro tratado do Sistema Preventivo. Conclui, pois, que para o santo dos jovens “a educação é coisa do coração”. Esse amor se torna expressão vivida e manifestada de confiança e de franqueza também. Os termos mais freqüentes que expressam a beleza da mensagem de Dom Bosco são: confiança, afetuosa compreensão, jogo, alegria, pátio e familiaridade. Toda a atuação de Dom Bosco e de seus salesianos deveria criar um clima de *amorevolezza* como espírito de família. Dizia Dom Bosco numa “boa noite”: “Entre mim e vocês devem reinar a verdadeira amizade e a confiança”.

Ainda segundo Cian, para concluir, “não pode existir Sistema Preventivo sem *amorevolezza*, e não existe *amorevolezza* senão em um ambiente de família, inimigo de toda formalidade burocrática e diplomática!”. Sobre a *amorevolezza* aponta suas características: 1) *amorevolezza* é familiaridade; 2) é cordialidade e profundidade de afeto; 3) é afeto demonstrado e expresso; 4) é afeto concreto e sobrenatural; 5) é afeto incondicionado; 6) é afeto casto e puro.¹²²

Assim caracterizada, a *amorevolezza* se impõe como expressão genuína do grande amor que Dom Bosco teve e nos deixou como caminho pedagógico a ser trilhado.

Como reiteração de tudo o que se autor mostrou em sua reflexão sobre o Sistema Preventivo a partir da *amorevolezza*, indicando o amor de

¹²² Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 161-171.

ternura como percurso para relações educativas saudáveis e construtivas, se reforça sua reflexão com uma citação apresentada por ele: “O amor pelo ser do outro, no sentido mais verdadeiro, cria o companheiro: dá-lhe o sentido de auto-aceitação, o sentimento de ser digno, de ser amado e respeitado; isso contribui muito para o seu crescimento”.¹²³

Rodríguez apresenta uma reflexão final sobre a *amorevolezza*:

A presença educativa para Dom Bosco é presença amorosa, amor vigilante. Exige uma generosidade incondicional, ilimitada, uma enorme simpatia, uma atitude dialogal, convicção profunda, transparência, finalidade sobrenatural, coração aberto, alegria e esperança... Tudo isso nos remete a Dom Bosco Pai que constrói o ambiente educativo como um ambiente familiar, de alegria, de liberdade, de responsabilidade e de relações de reciprocidade. Predomina uma bondade humana muito humana, impregnada pela caridade evangélica.¹²⁴

Com essa descrição do ambiente educativo vivido por Dom Bosco e por todos os salesianos das diversas gerações que souberam entender e quiseram ser fiéis ao Sistema Preventivo, se conclui que a *amorevolezza* é o caminho do coração de qualquer jovem que se deixa entusiasmar por relações educativas verdadeiras e sinceras, que lhe propiciam descobrir a riqueza de sua vida em crescimento. Somente o espírito de simplicidade e alegria se apropria com maior facilidade desse manancial educativo.

Conclusão

Após percorrer a experiência de Dom Bosco que mostra como ele deixou para seus educadores um carisma que tem de ser atualizado constantemente com criatividade de expressões e com intensidade de dedicação, se constata que o conjunto da pedagogia salesiana está muito próximo das necessidades atuais na educação da juventude.

A contextualização das condições ou dos ambientes em que vivem e se expressam os jovens tem a finalidade de oferecer o substrato para a cons-

¹²³ A. Maslow, “*Verso una psicologia dell’essere*”, citado em Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 173.

¹²⁴ Jaime Rodríguez, *El sistema preventivo: expresión de la santidad salesiana*. Bogotá, Centro Dom Bosco, 1989, p. 154-155.

trução e aquisição da competência educativa salesiana, de modo tão visível e acessível para que sua viabilidade aconteça em todas as comunidades ou presenças salesianas. Na conceituação de competência, o estudo de Perrenoud indicou a necessidade de um embasamento fontal, como se fosse um arquétipo (no caso, a *amorevolezza*) que fosse contextualizado.

Esse procedimento exige contínua elaboração da “fonte” que jorra a força, o carisma salesiano expresso na *amorevolezza*, com o contato com as expressões socioculturais que determinam uma visão de mundo para os jovens. Nesse trabalho diuturno de contínua síntese, o educador necessita de estudos complementares, de percepção e sensibilidade perante os educandos. O sucesso das experiências cotidianas vem da generosidade de cada um e da capacidade de grandeza de alma para não se deixar abater pelas dificuldades.

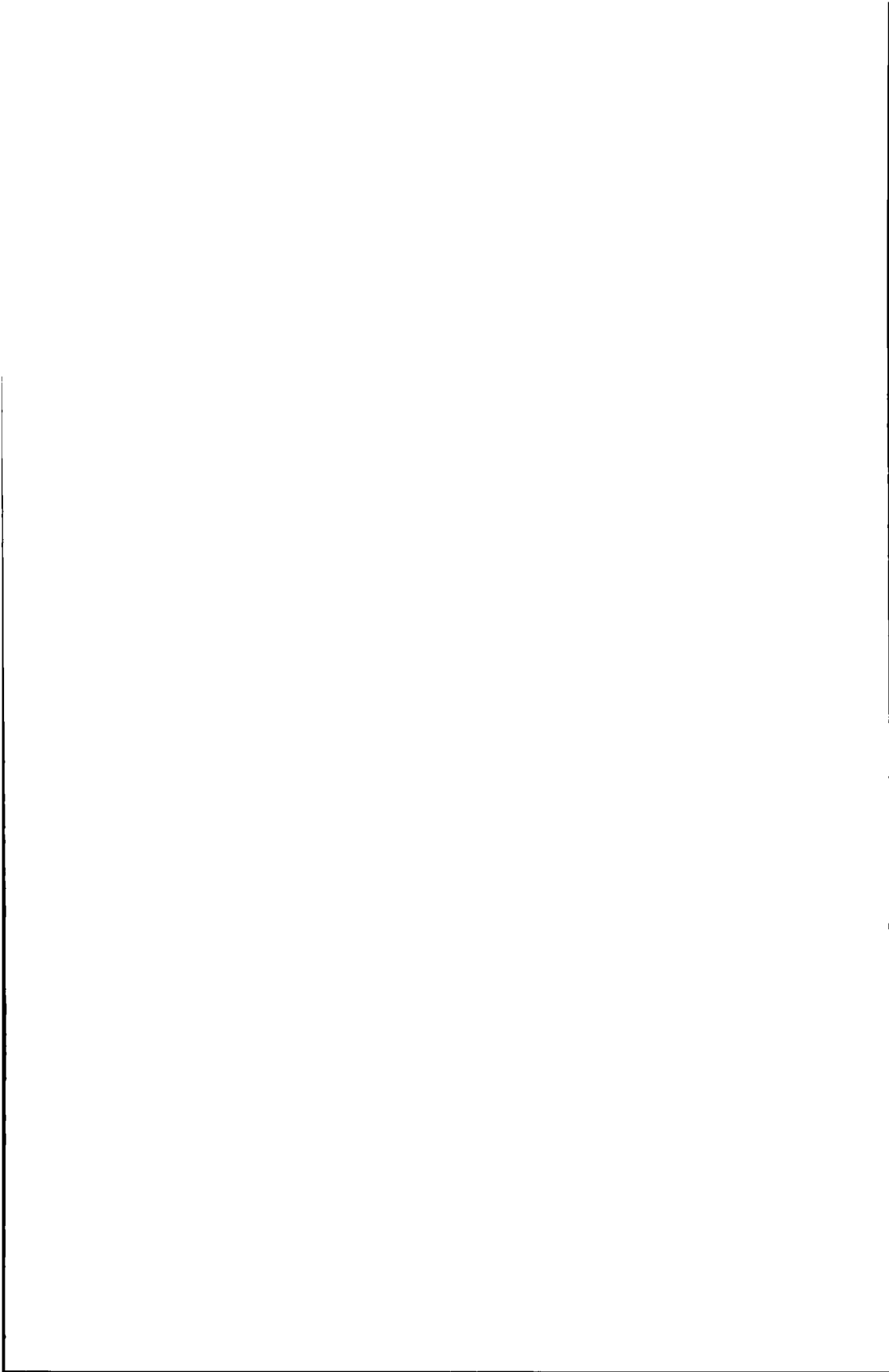
Para os educadores salesianos, a competência da presença salesiana, ou a vida educativa impregnada da *amorevolezza*, será um caminho estimulante para se transformar em presença enriquecedora, profundamente realizadora e fascinante.

Dom Bosco, numa noite de agosto de 1863, ao se dirigir aos seus queridos jovens, assim se expressou:

Podeis contar que tudo o que sou, sou todo para vós, de dia e de noite, de manhã ou de tarde, em qualquer momento. Eu não tenho outra intenção que a de procurar o que seja para o vosso bem moral, intelectual e físico. Mas para conseguir isso preciso de vossa ajuda: e se vós me oferecis o que vos peço, eu vos asseguro que o auxílio do Senhor não faltará, e então, podeis ter a certeza de que faremos grandes coisas...¹²⁵

Semelhantemente, os educadores que conquistarem a competência da presença educativa salesiana, a partir da *amorevolezza*, farão grandes coisas em termos de educação. Serão estimados e viverão cheios de entusiasmo, pois com eles estarão a proteção do Bom Pastor e de Maria Auxiliadora.

¹²⁵ MB v. VII, p. 503.



VII

Comunicação e Sistema Preventivo



Introdução

A reflexão sobre a cultura atual oferece uma visão nítida das diferenças que a tecnologia e o desenvolvimento das ciências têm proporcionado para a contínua mudança dos padrões e dos costumes das comunidades ou povos.

Essas mudanças acontecem em um ritmo sempre crescente. Cada novidade oferecida traz embutidos o tempo e a certeza de sua substituição ou de ser logo superada. As mudanças se entrelaçam em redes, fato que já pressupõe a inclusão e o descarte compulsório dentro de um tempo determinado, pois a próxima invenção já espera por seu lugar e vez, antes que o tempo da anterior já se tenha esgotado.

Não há lugar para surpresa ou para exceção, a rapidez dos processos e da substituição exige, *per*

si, a mudança do suporte da rede para que os novos produtos possam se expressar conforme sua previsão e potencialidade.

No campo educativo, talvez, a velocidade não se processe no mesmo sentido em que os produtos aparecem, porém, o núcleo da força cultural, sua maneira de estruturação e sustentação não permitirão uma velocidade muito restrita que consiga atrapalhar a vida da “grande rede”. Os que não conseguirem acompanhar a velocidade que a vida cultural está exigindo, tendem a ser excluídos do cenário como presença integrada ou como sujeito interferente e capaz de contribuição. Não existem exceções nem de contracultura.

Em sua honestidade constitutiva, o cenário se apresenta generoso enquanto oferece grandes possibilidades, e na constante renovação mostra sua capacidade de expansão, seu teor de qualidade, sua capacidade criativa e a aceleração das mudanças.

Imersos nesse vórtice de constante mudança, de qualidade ímpar dos produtos, os sujeitos integram rapidez ou velocidade à percepção comum. Sabem que as mudanças velozes se intensificam, que os produtos se tornam efêmeros em sua duração, constantemente ultrapassados pela perfeição ou potência do próximo modelo.

Conscientes desse cenário cultural, os salesianos e a Família Salesiana refletem e se perguntam sobre sua identidade, suas potencialidades educativas, sobre as possibilidades de se situarem e interferirem no cenário de modo significativo.

Sabem que no passado Dom Bosco deu uma resposta muito significativa para a educação dos jovens do século 19. Sabem que dispõem de um potencial educativo que se renovou através das sucessivas solicitações das gerações anteriores. Também sabem que os procedimentos anteriores foram muito saudáveis para aquelas gerações do passado.

A questão se apresenta desafiadora diante do cenário cultural de agora em direção ao futuro, particularmente quando os segmentos importantes dessa grande rede que comanda o processo sistêmico vital da cultura têm, como norma de autoconsistência, a programação e a projeção do futuro como necessidades básicas, a renovação das formas e a agradabilidade como normas comuns de identificação no cenário.

Os educadores sabem que o cenário mutacional se torna muito exigente, pois desmobiliza as competências e as funções que o passado já estruturara no âmbito das relações educativas. Sabem que novos cenários

exigirão, ao lado da renovação dos produtos e serviços, que se reinventem as funções e as modalidades educativas relacionais para que o processo educativo aconteça de forma aceitável e desejável.

Ante essas perspectivas e necessidades, os educadores salesianos se voltam para a fonte da pedagogia salesiana, para o legado que Dom Bosco deixou para todos aqueles que aceitam sua maneira de interpretar pedagogicamente o difícil mister de educar. Voltam-se para o Sistema Preventivo, ou melhor, para a tradição educativa salesiana como fonte de inspiração para a inculturação desse processo educativo, cujo núcleo pode-se denominar de carisma salesiano.

O Sistema Preventivo expressa o carisma na ação educativa. O espírito salesiano anima o educador a qualificar suas relações educativas pelo mesmo espírito que animou Dom Bosco em sua obra educadora. O potencial educativo salesiano está contido no carisma que o próprio Dom Bosco vivenciou em relação aos jovens de seu tempo.

No momento, as ações educativas salesianas recebem o contexto cultural como campo de interação nas relações educativas; o núcleo da pedagogia salesiana se reveste dos traços hodiernos para que a linguagem educativa seja clara para educandos e educadores. O carisma salesiano, enquanto pedagogia, deve se inculturar, deve se atualizar por uma linguagem comum para se expressar com eficiência como norma ou roteiro pedagógico.

Perante essa necessidade, a reflexão sobre a comunicação nos dias de hoje e no futuro deve possibilitar a todos um percurso de inculturação, tendo em vista todas as características que o universo da comunicação apresenta e as necessidades fundamentais criadas pela projeção dos paradigmas a partir da comunicação.

A reflexão deve apresentar as necessidades de um universo bastante individualizado e característico em que a velocidade do que é oferecido exige outra percepção do mundo, exige outras projeções em termos de organização e de modelos.

A pessoa de Dom Bosco, vista como êxito por sua capacidade e competência comunicacional, continua sendo o parâmetro da possibilidade concreta de sucesso educativo a partir de seu tino pedagógico. Depois, uma aproximação das linhas mestras do Sistema Preventivo com as características da comunicação atual e suas projeções deve levar a realçar a competência mestra como possibilidade viável da pedagogia salesiana: a *amorevolezza*.

Por fim, para que a pedagogia salesiana se lance para o futuro com o mesmo denodo de seu fundador, Dom Bosco, e tenha uma proposta de incentivar a vida em uma de suas mais belas expressões, se considera a pedagogia salesiana a partir da alegria. As diversas possibilidades de engrandecimento da vida passam pela capacidade de vivenciar tudo alegremente, além disso, Dom Bosco apresenta os fundamentos de sua alegria como educador e como sacerdote.

Aos educadores salesianos, a reflexão sobre essa característica salesiana oferece a segurança de um processo seguro e de êxito, com bagagem e caminho para uma inculturação saudável. A vida e as relações educativas assumidas sob o signo da alegria devem gerar um bom grau de confiança e entusiasmo na prática pedagógica em todas as presenças salesianas do país.

A alegria salesiana modula as relações pedagógicas que engrandecerão as pessoas, os educandos e educadores. Por certo Dom Bosco estará abençoando a todos que se dispõem a aprender a abordar o horizonte pedagógico salesiano, a partir da expressividade de uma alegria real e comunicativa.

1. Cultura comunicacional hodierna

A maior parte das atividades dos homens e as expressões culturais de hoje dependem da comunicação. A influência da comunicação está presente nas relações, nas vivências e estabelece procedimentos interiores e exteriores a partir da linguagem originária de toda a mídia.

A cultura urbana está em contínuo torvelinho comunicacional produzido pelas diversas linguagens midiáticas. O mundo *on-line* estabelece outra percepção da vida, da natureza e dos negócios. Vive-se a percepção, a proximidade e a sincronicidade de tudo, porém, não se percebe a complexidade dos meios e linguagens que permitem essa percepção geradora de um *modus vivendi* inédito.

Se por um lado tudo está muito simples e próximo em amostragens de poder e de abundância, por outro, não se cogita em refletir sobre a complexidade da infra-estrutura que permite o mundo presente *on-line* do devir prenhe de novidades já estruturadas, do futuro veloz que se aproxima com mais intensidade, pois traz sempre a amplificação do horizonte. Vive-se a complexidade a partir de uma percepção de simplicidade e proximidade.

Quando se apresenta o mundo *on-line*, com todos os benefícios e as degradações do dia, que em qualquer parte do mundo se tornam notícia, se descobre a existência de estados perceptivos novos, permitindo a interação com tudo o que a mídia traz para perto de cada pessoa.

A cultura midiática de hoje é objeto de reflexão de muitos estudiosos, de pensadores e também de educadores. Eles cunham termos e estabelecem linguagens que vão tentando auxiliar a assimilação dessa realidade irreversível, muito dinâmica, que envolve por inteiro toda a cultura de hoje.

Essa constatação é pacífica entre os estudiosos, “ao contrário de outras épocas, quando a sabedoria recaía sobre os filósofos, os religiosos ou os políticos. A voz mais alta é a da mídia. A luz mais brilhante é a da mídia. A mídia é o coração, o cérebro da cultura pós-moderna”, afirma Francisco Menezes Martins.¹²⁶ A mídia possibilita, sustenta e dinamiza a vida do mundo de hoje com a velocidade necessária dos fluxos para que se obtenha um mundo *on-line*.

A organização fantástica do mundo comunicacional acontece através de uma rede, a internet, possibilitando a circulação dos fluxos das atividades financeiras e culturais, ao mesmo tempo que dimensiona novas e quase infinitas possibilidades, abre os horizontes para novas percepções e modalidades de se posicionar perante as pessoas e o meio social. Existe um apelo para a interconexão mais vasta possível. J. Rosnay diz que “o desenvolvimento futuro da internet passará por fluxos elevados, estimulando a interatividade nos campos da educação, da informação ou do lazer... O salto do milênio está apenas começando”.¹²⁷

A presença e a ação das pessoas devem se relacionar como sujeitos, mas segundo as novas modalidades. Aceitam-se as regras que as redes estabelecem, pois são sem referência, se tornam agentes de circularidade e auto-referentes. Segundo L. Sfez,

tal circularidade é paradoxal, e na medida que a rede é paradoxal, ela é auto-referente, logo, em simulação... enfim, a interação liga todos esses pólos, afirmando que a ação, voluntária e livre, foi destronada, em benefício da interação de todos os elementos da rede (inclusive o

¹²⁶ Francisco Menezes Martins, “O pensamento filosófico como rede virtual”, in: Francisco Menezes Martins e Juremis Machado da Silva (orgs.), *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p. 75.

¹²⁷ J. Rosnay, “O salto do milênio”, in: Martins e Silva (orgs.), *Para navegar no século XXI*, p. 218.

próprio indivíduo), agindo entre eles, segundo as leis da auto-organização, da auto-referência.¹²⁸

Porém, nem todos os autores vêem nessas limitações um mal intransponível, afinal, o uso dessas redes apenas se inicia.

Para outros autores, o mundo visto como uma grande rede é a realidade atual mais significativa para a cultura e para o desenvolvimento da humanidade. A tecnologia e seu contínuo desenvolvimento conferem um grau tão alto de confiabilidade às redes comunicacionais, que geram uma superestrutura autônoma como esfera própria da ação virtual e de todas as conexões hoje visualizadas e sonhadas, para proximamente se tornarem realidade fulgurante de um mundo novo dimensionado pela virtualidade altamente desenvolvida: o ciberespaço.

Segundo Pierre Lévy, brevemente 80% dos seres humanos terão acesso ao ciberespaço e se servirão dele todos os dias. Segundo o autor,

o ciberespaço será o epicentro do mercado, o lugar da criação e da aquisição de conhecimentos, o principal meio de comunicação e da vida social... É absurdo opor a sociabilidade e as trocas intelectuais livres e gratuitas às atividades comerciais no ciberespaço, tanto quanto seria opô-las na cidade.¹²⁹

Para Lévy, hoje os homens têm um apetite muito grande para a “interconexão” que envolve a capacidade de escolha, a liberdade, a solidariedade, a interdependência e a consciência. Somente um mercado mundial pode responder satisfatoriamente e de forma irreversível a esse apetite de interconexão. A globalização pode permitir um exercício mais amplo da liberdade e da capacidade de aprender e de usufruir dos bens que esse mercado pode oferecer. O mercado mundial favorece o exercício de suas atividades essenciais como um caminho da “hominização”.

Lévy se mostra muito otimista em relação ao mercado globalizado, que possibilita uma circulação maior do saber e das idéias, gerando novos produtos. Possibilita o exercício da liberdade e interconexão com o saber comum da rede. E sendo um saber pluridisciplinar, expande a consciência enquanto as possibilidades aumentam consideravelmente. Para ele,

¹²⁸ L. Sfez, “As tecnologias do espírito”, in: Martins e Silva (orgs.), *Para navegar no século XXI*, p. 134.

¹²⁹ Pierre Lévy, “A conexão planetária”, in: Martins e Silva (orgs.), *Para navegar no século XXI*, p. 51.

quanto mais a consciência está acordada, mais ela é livre, mais ela discerne virtualidades no que se oferece à sua contemplação e mais ela engendra um mundo rico e vivo... As fronteiras do mundo se tornam mais permeáveis, maleáveis, interativas, elas borbulham em todos os sentidos. A evolução cósmica e cultural culmina no mundo virtual do ciberespaço.¹³⁰

Acima do ciberespaço, o autor projeta uma outra esfera da comunicação, a noosfera. Esse conceito se sustenta em paralelo ao de inconsciente coletivo, enquanto potencial de todas as gerações da humanidade:

Virtualmente, o ciberespaço é o imenso reservatório dinâmico de todas as formas em interação, a forma das formas, a idéia das idéias... Por meio de almas singulares, a inteligência coletiva percebe essas formas cada vez mais claramente, cada vez mais rapidamente e com maior força, em uma extraordinária intensificação da consciência... A noosfera manifestará a consciência da humanidade, da vida, da terra, uma consciência no centro de um universo de formas em expansão que brilhará sua alegria de existir... No ciberespaço, todas as instituições humanas irão se entrecruzar e convergir para uma inteligência coletiva sempre capaz de produzir e explorar novas formas.¹³¹

A conceituação de noosfera parece muito poética quando preconiza um futuro ainda não antevisto pela humanidade, mas não deixa de ter sua validade, pois outros autores também se expressaram a esse respeito.

A fonte desse pensamento vem de Teilhard de Chardin que, ao formular sua teoria evolucionista quanto ao universo, aponta para uma esfera de pensamento quase espiritual, a noosfera. Todas as deduções de Lévy têm procedência, enquanto projeção de realidades do homem, enquanto virtualidades latentes: “Todos os esforços humanos para ampliar nossa consciência convergem para uma noosfera que, de agora em diante, habita-nos, porque ela é a objetivação da consciência e da inteligência coletiva da humanidade”.¹³²

Ele conclui seu raciocínio, afirmando que a única pobreza é viver no medo, e a riqueza, a verdadeira educação como conhecimento do mundo e

¹³⁰ Lévy, “A conexão planetária”, p. 139.

¹³¹ Lévy, “A conexão planetária”, p. 151-152.

¹³² Lévy, “A conexão planetária”, p. 153.

de si mesmo. Tudo se expande. Quando se vencer o medo pela coragem de querer viver bem e olhar além, para uma visão em profundidade e para o amor, quando se tiver percorrido esse caminho, então se poderá auxiliar os outros a percorrê-lo.

Sem dúvida, o mundo comunicacional de hoje perpassa por todos os setores da cultura e atinge as pessoas em suas expressões vitais. Vive-se a presença das linguagens da mídia que oferecem a consistência dos espaços conquistados e desvendados, as linguagens têm o seu poder na força de interpelar sempre em direção aos campos novos do saber e do prazer. Vive-se em estado de interpelação constante por renovadas linguagens da mídia que nos oferecem sempre novas possibilidades.

Ao considerar o campo educativo e escolar, pode-se afirmar que

a utilização sistemática de possibilidades multimidiáticas, caracterizadas pelo uso dos hipertextos, de hipermídias altera a função da escola. Esta passa a ser um espaço de máxima importância onde os estudantes podem apresentar e discutir seus caminhos de busca de informações, reorientar suas rotas de aprendizagem. As possibilidades de encontros e de trocas no ambiente escolar a partir da utilização das linguagens hipertextuais extrapolam os limites da sala de aula e vão além, em intercâmbios múltiplos com o universo cibernético, espaço em que aprendizes, professores, textos e acontecimentos se interligam, via redes.¹³³

2. Dom Bosco educador

Diante desse universo da comunicação que se descortina para os dias de hoje, os salesianos são convidados a repensarem sua postura para uma tomada de consciência sobre a importância da comunicação no meio educacional.

A perspectiva para se procurar uma identidade no campo da comunicação deve sempre partir do carisma salesiano, já que foi outorgado com a exemplaridade da vida do fundador, da vida de Dom Bosco. É necessário dimensionar o uso e alcance do exercício de comunicação que ele realizou

¹³³ Vani Moreira Kenski, "Múltiplas linguagens na escola", in: Vera Maria Candau (org.), *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001, p. 135.

em seu tempo, para se ter, de fato, a medida do alcance que ele mesmo divisou em sua longa atuação. Exemplarmente, induziu seus filhos a terem um cuidado especial para com esse campo.

Tomar a vida de Dom Bosco por esse viés, de consciente comunicador para atingir seus objetivos educacionais e eclesiais, praticamente é abordar toda a sua vida sob o prisma de comunicação.

Desde os primeiros anos de sua vida, quando se preocupava com os próprios colegas que preferiam prestigiar os jogos circenses a freqüentar as cerimônias dominicais da igreja, até suas últimas viagens pela Europa, ele sabia que estava se comunicando intencionalmente com multidões de pessoas e com seus filhos. O objetivo maior de Dom Bosco o levou a se tornar um exímio comunicador.

2.1 Intencionalidade de Dom Bosco

Tudo que Dom Bosco fazia em prol dos jovens tinha sua vertente de comunicador, se valendo de sua experiência desde os tempos de criança, quando estava junto de seus conterrâneos ou quando estava na escola e se aliava com os melhores e mais alegres para que se expressassem numa intensa alegria a serviço de Deus. Também quando se dirigia aos meninos trabalhadores de Turim para visitá-los em seus locais de trabalho, lhes dirigir uma palavra amiga e os convidar para o oratório dominical. Em todas as suas atitudes ou ações acontecia a intencionalidade de se comunicar com eles, e esperava, é um fato, que fosse entendido e aceito em seus apelos.

Ao longo de sua vida, agiu com a mais apurada intenção para comunicar o seu projeto de educador da juventude, conseguindo se comunicar de modo profundo com os seus mais próximos auxiliares, a ponto de, em determinada época, seus colaboradores se disporem a receber suas lições e a ler suas atitudes com registros diários para que nada se perdesse, tanto quanto à modalidade com que recebiam as mensagens, como quanto ao conteúdo que ele expressava aos jovens, aos colaboradores e aos benfeitores. Assim, se estabeleceu através dessa intencionalidade um mundo comunicacional muito intenso, variado e de cunho existencial muito expressivo.

Os documentos que os primeiros salesianos registraram atestam modalidades comuns de comunicação e, às vezes, meios incomuns ou sobrenaturais, como os sonhos e as premonições a respeito dos jovens, de suas obras e de seu futuro como congregação.

Mas a partir dos primeiros anos de seu sacerdócio, Dom Bosco sempre admirou a eficácia de um meio de comunicação muito eficiente na época, os livros. Como escritor e como editor, Dom Bosco colocou todo o seu talento e todo o seu saber adquirido pelas leituras nos tempos de seminário maior e para difundir o que julgara mais útil e necessário para o povo e para os jovens não se desviarem do bom caminho de serem cristãos católicos.

Escreveu muito para uma camada da população que vivia muito abandonada na época, para os simples, para o homem do povo que carecia de uma orientação religiosa e educativa para a prática da fé. Entre os seus escritos de maior êxito editorial, se destacam: *História da Itália*, *História Sagrada*, que obteve muitas traduções e muitas edições até metade do século 20, e *O jovem instruído*, que também teve inúmeras traduções e edições até o Concílio Vaticano II. Outros escritos merecem muita atenção pelo poder comunicador de Dom Bosco: a série de *Leituras Católicas* que, em muitas línguas e através de muitas edições, perdurou até metade do século passado.

Além desses escritos, merecem maior atenção, devido à intencionalidade e à força que conseguiram mostrar para tantas e tantas gerações de salesianos, algumas obras especiais, como as *Memórias do Oratório* e as biografias de seus alunos Domingos Sávio, Francisco Besucco e Miguel Magone.¹³⁴

Em todas essas obras resplandece, claramente, o poder comunicador de Dom Bosco dentro de sua intencionalidade de fazer o bem, levar as pessoas para a prática da fé e, de modo especial, mostrar atitudes e modalidades de procedimentos pedagógicos para seus salesianos e para a juventude.

Com a intencionalidade bem clara, se esmerou para apresentar uma comunicação muito convincente quer pelo conteúdo, quer pelas atitudes, quer pela expressividade de seu ser de educador que deseja passar para seus auxiliares a exemplaridade, para que se consiga a finalidade de acordo com um espírito, o espírito salesiano.

Esse espírito indicou as modalidades e acentuações dos processos comunicativos, a fim de que se estabelecessem vivências para aquele momento e fossem exemplares para a formação e indicação de procedimentos e posturas para os seus filhos no futuro.

¹³⁴ Cf. Pietro Braido, "Presentazione", in: P. Braido, J. Borrego, A. Ferreira da Silva, F. Motto, J. M. Prelezzo (orgs.), *Giovanni Bosco, Scritti pedagogici e spirituali*. Volume III. Roma, LAS, 1987, p. 13. Braido afirma, nesse livro, que *Memórias do Oratório*, juntamente com as biografias de seus alunos, "paradossalmente, forse il documento 'teorico' e normativo più intenzionale di Don Bosco" (paradoxalmente, talvez o documento "teórico" e normativo mais intencional de Dom Bosco).

Tão forte e convincente foi esse processo comunicativo, que os primeiros salesianos, iniciando por padre Rua, não perdiam as mensagens que diariamente Dom Bosco transmitia com clara intenção de expressar seu pensamento e sua visão quanto ao mundo, quanto à educação e quanto à formação dos salesianos.

Nesse sentido, Dom Bosco se mostrou exímio escritor e comunicador ao editar uma de suas obras de orientação para os jovens, *O jovem instruído*, um livro de orações e de conselhos para a piedade cristã e para a formação dos jovens. Teve inúmeras edições em muitas línguas. Foi publicado pela primeira vez em 1847.¹³⁵ As últimas edições reportam à primeira metade do século 20.

Além das obras escolares ou de catequese e das biografias de seus alunos, Dom Bosco se comunicou com muitas pessoas de diferentes e variados lugares através de cartas. Escreveu muitas cartas, nelas sempre aproveitou para transmitir seu ideal, sua piedade ou vida de união com Deus.

Nas cartas se comunicava com as pessoas de forma direta e clara, tratou de muitos assuntos, discorreu sobre muitos temas, mas em todas elas comunicou o que sua intuição lhe trazia como expressão da verdadeira finalidade da vida: o amor a Deus e a salvação da alma.

A classificação de suas cartas pode ser feita de diversos enfoques. As cartas dirigidas a algum salesiano se tornaram paradigmáticas pelos ensinamentos, por exposições sobre a sua pedagogia ou sobre a espiritualidade salesiana, melhor, sobre o espírito salesiano como caminho de santificação. Em especial, devem-se citar as cartas aos salesianos missionários na América, nas quais ele exorta a todos para se pautarem na educação dos jovens pelo Sistema Preventivo nos caminhos do coração, quando se trata do bem dos jovens.¹³⁶

É muito importante, na história salesiana, a famosa *Carta de Roma*, escrita por Dom Bosco em 10 de maio de 1884, por ser um dos textos mais expressivos e abrangentes da pedagogia e da tradição salesiana. Nessa carta, estão retratados o coração e alma de Dom Bosco educador. Talvez tenha sido um texto que jorrou de seu coração amoroso e desejoso do bem dos jovens. Todo o texto está carregado de seu ideário pedagógico e das virtudes

¹³⁵ Cf. Braido, "Presentazione", p. 29.

¹³⁶ Joseph Aubry, "Cinque ultime lettere ai capi missionari", in: *Giovanni Bosco, Scritti spirituali*. Volume II. Roma, 1976, p. 257.

principais que os seus salesianos deveriam ter e cultivar, particularmente, a alegria que deveria inundar toda a alma dos educadores e dos jovens.

É bom esclarecer que ao se referir a Dom Bosco é impossível destacar qualquer traço de sua personalidade ou dom particular: sempre haverá outro que estará ao lado, com igual ou maior importância.

Dom Bosco, um sacerdote piemontês do século 19, conseguiu construir, pelo serviço aos jovens e a Deus, uma marca histórica tão forte que perdura até hoje e continua a inspirar a formação de seus filhos. Situou-se perante o seu tempo a serviço de um ideal: levar os jovens para Deus através da promoção humana e da prática religiosa.

Esteve presente e comunicou seu trabalho em prol da Igreja e dos jovens em todas as camadas da sociedade italiana e nos meios eclesiais. Essa postura de bom comunicador lhe valeu distinções pelos pedidos especiais que os papas lhe fizeram.

Em suas viagens pela França e Espanha, pelo poder comunicador de sua presença soube ser recebido como taumaturgo. Essas viagens lhe serviram para abrir diversos sentidos: o reforço da identidade de seus filhos religiosos, a coleta de recursos para a edificação do Templo do Sagrado Coração, em Roma (um pedido do Santo Padre!), a realidade salesiana como obra consistente em prol dos jovens e o especial enlevo perante sua presença dirigido para uma vivência religiosa mais devota e uma conversão do coração a Deus.¹³⁷

Desde os primórdios de seus sonhos, quando já tinha em vista fundar uma congregação, através de encontros e de passeios fazia acontecer a sua marca pela presença concreta, alegre e entusiasmante dos seus jovens.

¹³⁷ Francis Desramaut, *Don Bosco en son temps*. Turim, SEI, 1996, p. 1307-1308. “*Dès que don Bosco se montrait, les gens se jetaient sur lui, lui baisaient les mains et imploraint sa bénédiction... Il riait de contentement, dévisageait ses admirateurs et leur distribuait des paroles aimables. Les gens repartaient consolés et satisfaits, et aussi prêts à aider de leur mieux le bon veillard dans sons entreprises humanitaires. La scène va se répéter de ville en ville pendant deux mois, en Italie d'abord, puis en France, puis en Espagne et nouveau en France. Ce climat dévot et affectueux le réjouissait, ses facultés retrouvaient leur viguer native, il plaisantait et lançait des mots, sa vieillesse reculait provisoirement.*” (No momento em que Dom Bosco aparecia, as pessoas se atiravam sobre ele, beijavam-lhe as mãos e imploravam sua bênção. Ele sorria de contentamento, contemplava seus admiradores e lhes dizia palavras amáveis. As pessoas se afastavam consoladas e satisfeitas, e também dispostas a auxiliar generosamente o bom e santo ancião em suas obras humanitárias. A cena vai se repetir de cidade em cidade durante dois meses, na Itália, por primeiro, depois na França, na Espanha e novamente na França... Esse clima devoto e afetuoso renovava-o, suas faculdades encontravam sua força original, ele ficava feliz, inflamava-se nas falas, sua velhice desaparecia provisoriamente.)

Em cada passeio pelos vilarejos, mediante a alegria da música, dos teatros populares, das cerimônias animadas na igreja a marca do movimento de Dom Bosco era apresentado e aceito por todos, de modo especial pelos mais simples, pelo povo em geral. Assim evitava todo e qualquer obstáculo que alguém pudesse suscitar quanto à idoneidade de seu procedimento ou quanto ao êxito de seu trabalho. Sempre soube se valer de todos os meios para a difusão (comunicação) do bem enquanto apoio e exortação para a prática religiosa e para a fidelidade a Deus.

Esse objetivo foi conseguido por Dom Bosco com muito sucesso. Existem testemunhos suficientes que demonstram sobejamente o patamar de excelência do poder de comunicação exercido por ele em todos os campos. As palavras de padre Orione são paradigmáticas quanto à força e quanto ao poder de entusiasmo e de significação da figura de Dom Bosco:

“Foi tão grande a luz de Deus que penetrou em minha vida através de Dom Bosco e tão grande a impressão que a vida dele causou em mim que nenhuma outra coisa incidiu com tanta profundidade... (Com Dom Bosco, talvez, padre Orione tenha vivido os dias mais belos de sua vida.) Que vida feliz provinha da presença de Dom Bosco! Havia alegria, serenidade de espírito, felicidade; todos os corações estavam contentes... Havia uma grande harmonia entre nós e os superiores... Estávamos todos contentes, muito satisfeitos. Comungávamos todas as manhãs e nos divertíamos todos alegres, estudava-se muito... quanta gratidão devemos a Dom Bosco. Oh, Dom Bosco, como ouço-o ainda, ouço ainda a sua voz muito terna; veja a sua figura veneranda, a sua santidade afável, atraente, todo ternura e toda caridade ardente! Oh, Dom Bosco a serenidade de seu espírito iluminava a minha alma...”¹³⁸

2.2 Comunicação na pedagogia

O exemplo e o grande desejo de Dom Bosco de estar sempre ao lado dos jovens traduzem uma capacidade pedagógica de comunicação, de abertura de horizontes para a vida dos jovens, em especial, e para todas as pessoas simples de sua terra.

¹³⁸ Pietro Brocardo, *Uomo e santo: Don Bosco ricordo vivo*. Roma, LAS, 1990, p. 218-219.

Tudo que seu coração continha se traduzia em expressões, comportamentos ou posturas para que os jovens “lessem” e entendessem seu significado, a fim de orientar a destinação da própria vida e também quanto à profissionalidade. Sabia como a prática religiosa era de grande utilidade para a felicidade dos jovens. Para que todas as suas ações mantivessem esse sentido, sempre teve a presença de Maria Auxiliadora como Mãe e Protetora de todas as suas ações e empreendimentos que implicassem recursos dos quais ele não dispusesse. Ela foi a segurança e a certeza de que seus sonhos em prol dos jovens iriam sempre dar certo.

Para comunicar e visualizar a inquestionável realidade de sua devoção a Maria Auxiliadora e de sua proteção para com sua obra em favor dos meninos, quis elevar um monumento de excelsa beleza como gratidão e como presença de Maria em sua obra, em seus projetos, em sua congregação e em seu plano educativo. Esse monumento foi a concretização da visibilidade de tudo que ele falara ou poderia falar da proteção de Maria Auxiliadora como Mãe para a congregação e para todos os jovens que seguissem os ditames de uma educação salesiana, ou de qualquer ambiente salesiano em favor dos jovens.

O Santuário de Maria Auxiliadora, até os dias de hoje, comunica concretamente o amor e reconhecimento de Dom Bosco e dos salesianos para com sua Mãe espiritual. Na sua afirmação que é assumida por muitos salesianos – “Foi Ela quem tudo fez!” – se encontra a confissão e a comunicação de que na pedagogia de Dom Bosco não se pode deixar de ver Maria Auxiliadora, sempre presente pela imponência de sua igreja nos pátios de Valdocco.

Outra maneira bem concreta de mostrar o poder comunicativo de Dom Bosco foi seu sonho de tornar mais próximos seus colaboradores religiosos. Para isso, fundou uma congregação religiosa, percorrendo um longo caminho de início, maturação e concretização desse intento.

Esse objetivo se tornou claro para Dom Bosco enquanto meio e força para dar continuidade ao seu trabalho. A congregação se espalhou pela Europa, pela América e hoje está no mundo inteiro. Representou a superestrutura de sustentáculo de seu espírito para germinar em qualquer parte, como floresceu ao seu redor.

Infundiu em seus colaboradores o espírito de dedicação e de amor aos jovens, lhes mostrou uma série de procedimentos educativos que deveriam ser pistas concretas do trabalho educativo em qualquer parte. Mas, acima de tudo, ele comunicava a sua experiência e o seu sonho de educar os jovens.

A congregação assumida pelos salesianos mostra a capacidade de comunicação de Dom Bosco, tanto nos diversos procedimentos concretos de um agir pedagógico como no espírito que anima qualquer postura de seus filhos. Assim, a congregação comunica continuamente o coração, o amor de Dom Bosco e dos salesianos, agora, para com os jovens.

2.3 Comunicação na pedagogia: amorevolezza como presença

O emissor no processo comunicativo, perante uma linguagem de proximidade, confere credibilidade maior ao que diz e afirma pela intensidade do afeto comunicado livremente ao receptor.

Uma linguagem coerente do emissor engrandece a mensagem, atingindo não somente a inteligência ou os sentidos do receptor, mas consegue transmitir algo inefável do emissor, que o receptor deve perceber através da linguagem de uma percepção emotiva.

O afeto demonstrado e comunicado torna a mensagem mais abrangente ou totalizante. Da mesma forma, um emissor interessante, que atrai, adquire poder maior perante o emissor. Apesar de possuir uma linguagem direta, sua mensagem sugere subliminarmente outros conteúdos ou outros padrões que pedem seu prazer ou sua identificação.

Para Dom Bosco, o amor educativo expressa a pessoa toda. Assim, quando ele se comunicava com os jovens, assumia sua totalidade que se expressava em seu coração. Pode-se afirmar que se encontra Dom Bosco na linguagem e no texto da *Carta de Roma*, ali se percebe a voz de seu coração de educador segundo o seu Sistema Preventivo.

Nem sempre a palavra *amorevolezza* foi usada por Dom Bosco. Ele preferia outras palavras como bondade, carinho, familiaridade, doçura, paciência, mansidão. Nesse sentido, Alberto Caviglia afirma: “*Dobbiamo fare dunque questo quarto voto: il salesiano senza bontà non è salesiano, benchè osservi le Regole... Don Bosco ha voluto intendere la vita nelle sue case su questo fondamento della bontà e dell'amorevolezza*”¹³⁹

¹³⁹ Alberto Caviglia, *Conferenze sullo spirito salesiano*. Turim, Centro Mariano Salesiano, 1985, p. 95. Caviglia afirma: “Devemos, então, fazer esse quarto voto: o salesiano sem bondade não é salesiano, mesmo que observe as regras... Dom Bosco quis sempre conceber a vida em suas casas baseada nesse alicerce, da bondade e da *amorevolezza*”.

Outro autor, Francesco Motto, se expressa sobre o conceito de *amorevolezza* desta forma:

A *amorevolezza* foi definida de diversas maneiras: a alma de todo o Sistema Preventivo, o princípio informador, o princípio supremo do método, o elemento característico e distintivo da concepção educativa de Dom Bosco, o resumo e a síntese entre razão e religião, a marca original da pedagogia do santo.¹⁴⁰

Como princípio pedagógico, Pietro Braido afirma:

O terceiro elemento do Sistema Preventivo é o amor do educador para com o educando... Dom Bosco diz, precisamente, que a *amorevolezza* é um amor que se externa em palavras, atos e até nas expressões dos olhos e da face. (Ela se endereça à salvação do jovem.) A *amorevolezza* inclui também o afeto, a expressão externa e visível, o coração, a palpitação humana da benevolência e da afeição.¹⁴¹

Claro está que a *amorevolezza* exige de qualquer educador uma excelente capacidade de comunicação. Além de um esquema geral da comunicação, a *amorevolezza* oferece um clima por parte do comunicador/educador que deve ser transmitido concomitantemente com a mensagem pedagógica. Pode-se afirmar que a mensagem pedagógica deve sempre, no Sistema Preventivo, estar carregada e animada pelo afeto visível.

Não se concebe, então, no sistema salesiano de educação qualquer atitude, postura ou ação pedagógica que não estejam alimentadas, animadas, impregnadas por uma carga afetiva expressa. Portanto, a postura do educador deve ser de comunicar esse afeto, embora as linguagens possam variar. As linguagens podem ser diferentes, podem e devem se adaptar ao meio, às idades e à cultura.

Todo educador salesiano adquire essa vivência pela assimilação do ambiente ou clima familiar que dinamiza e anima uma casa ou colégio salesiano. Mas não será suficiente essa aprendizagem, requer de cada educador uma disposição interior para o afeto na ação pedagógica. Mais marcadamente, esse afeto é movido por objetivos claros e próximos da aprendizagem escolar e pela destinação ampla da educação, que é o bem do aluno

¹⁴⁰ Francesco Motto, *Un sistema educativo sempre attuale*. Turim, Elle Di Ci, 2000, p. 67.

¹⁴¹ Braido, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 177-179.

enquanto pessoa, enquanto filho de Deus, enquanto aprende a ver a presença de Deus nas relações, em seu cotidiano.

Em uma palavra, vive-se a presença de Deus agora e se confirma a certeza da vocação de uma habitação na casa do Pai, na completa felicidade e auto-realização como pessoa consciente.

O modelo desse educador/comunicador sempre será o próprio Dom Bosco. Suas atitudes e ações carregadas de afeto e ordenadas para o bem próximo e imediato do jovem, sempre mostrando a “salvação eterna” como parâmetro do “aqui e agora”, tendendo para o definitivo, constituem um paradigma para qualquer educador em qualquer época.

A *amorevolezza* constitui “o específico salesiano” (o algo a mais, o dado especial, a singularidade, a originalidade) da relação educador/educando no sistema educativo salesiano.

Segundo Motto¹⁴², as dimensões da *amorevolezza* envolvem as expressões da pessoa em sua amplitude e riqueza:

- a) a *amorevolezza* é um “amor divino”, cuja fonte é a caridade e da qual emana uma iluminação para que o educador descubra e auxilie o jovem a tomar consciência desse projeto a seu respeito da parte de Deus, que o ama ternamente como filho querido. Esse aspecto qualifica a relação pedagógica;
- b) em segundo lugar, a *amorevolezza* é um “amor realmente humano”, expresso com a sensibilidade devida, com uma amável cordialidade, um afeto de benevolência, de querer bem, feito de paciência, de atenção e também de exigências, firme e sem compromisso com o mal. Um amor que tende para a comunhão profunda do coração, que não se amesquinha e é base de uma verdadeira amizade: um amor afetivo e efetivo. Assim Dom Bosco se portou nas relações com os jovens. Como afirmou um jovem que frequentou o Oratório:

“Depois das funções da igreja (Dom Bosco) passava um pouco de tempo em todos os lugares onde estivessem os jovens, tão diferentes por idade, índole, costumes, condições e educação, todos alegres e imersos nos jogos, observando a índole de cada um, tendo uma palavra para cada um, uma palavra amiga, uma palavra que consolava, que nos tornava contentes e parecia que ele lesse os nos-

¹⁴² Cf. Motto, *Un sistema educativo sempre attuale*, p. 69-70.

sos corações e cada um afirmasse de si para consigo mesmo: Dom Bosco nos quer bem!”¹⁴³

Da mesma forma, temos outro testemunho:

“Encantava vê-lo entre nós, todos com roupas muito surradas e gastas... aquele que não tinha chapéu e os dedos dos pés se deixavam ver devido aos buracos dos calçados estragados. Se os jovens eram mal-educados, importunos, caprichosos... ele encontrava-se muito bem entre esses miseráveis. Para com os pequenos, tinha um afeto de mãe.”¹⁴⁴

- c) Enfim, a *amorevolezza* é “um amor intensamente pedagógico”. O adolescente percebe que o amor manifesto do educador se traduz em gestos de amizade e de estima, provoca uma abertura para aderir em profundidade aos valores que o educador vive e lhe propõe. O jovem percebe que essa relação lhe dá segurança e o estrutura. Dom Bosco sempre acreditou que o amor é o verdadeiro agente de interiorização das normas de estruturação da personalidade e que a vontade de um jovem para melhorar ou não sua conduta depende muito da experiência de ser amado.

Para Dom Bosco, a “educação é coisa do coração”, e está consciente da necessidade de sempre ganhar o coração do educando. Segundo Motto, o termo “coração” na linguagem de Dom Bosco vai além do significado comum, indica a orientação de fundo da pessoa de Dom Bosco, a expressão de sua alma.

Citando Pietro Stella, afirma: “Dom Bosco fala do coração como de uma parte de nós: o nosso coração. E não somente como o órgão do amor, mas como parte central do nosso ser. O coração quer, o coração deseja, compreende e entende, escuta o que se lhe diz, inflama-se de amor, reflete, move-se”.

Reforçando o que afirmou, cita Braido: “A pedagogia de Dom Bosco se identifica com a sua ação e toda ação com a sua personalidade; e tudo Dom Bosco recolheu, em definitivo, em seu coração”. E conclui: “A tarefa

¹⁴³ MB v. III, p. 439.

¹⁴⁴ MB v. III, p. 126.

árdua do Sistema Preventivo é a de conquistar o coração do jovem, de poder gozar de sua estima, da confiança, de torná-lo amigo”, citando Braido: “quem sabe que é amado, ama, e quem é amado, obtém tudo, especialmente dos jovens”.¹⁴⁵

Nesse sentido, Motto prossegue ao afirmar que essas atitudes estão todas descritas na Carta de Roma, na qual Dom Bosco expressou e comunicou sua modalidade de educar e de construir as relações educativas duradouras:

- a) para uma válida comunicação educativa, em primeiro lugar é indispensável a linguagem do amor, ou melhor, a sua visibilidade... “que os jovens não somente sejam amados, mas que eles mesmos saibam que são amados”;
- b) a necessidade de os jovens saberem que são amados nasce da necessidade de os educadores demonstrarem o próprio amor se fazendo reconhecer como tais (educadores); a melhor maneira para que isso aconteça é participando de suas alegrias, vivendo em contato com eles, compreendendo-os, se esforçando para estar sintonizados com os seus sentimentos, compreendendo suas situações e questionamentos, suas exigências e sabendo como enfrentá-los adequadamente;
- c) para que o círculo educativo entre o educador e educando se feche, é necessário que reine entre eles a familiaridade, a confiança e a amizade.¹⁴⁶

Para que o êxito de qualquer educador esteja muito claro e para que a possibilidade de uma relação educativa se torne louvável por seu resultado, Dom Bosco, exímio comunicador, deixou como horizonte que há a necessidade de esse educador se preparar para ser um bom comunicador, se construindo, em primeiro lugar, como pessoa de um coração generoso e amoroso, transbordante até, para acolher os jovens a partir de suas necessidades.

A *amorevolezza*, no sistema salesiano sempre estará cumprindo com o seu papel de qualificar as relações educativas pela criatividade que o amor sempre soube suscitar, tendo em vista o bem do educando. A comunicação educativa exercida pelo educador encontrará sempre maior ressonância quanto mais carregada estiver de verdadeiro afeto.

¹⁴⁵ Cf. Motto, *Un sistema educativo sempre attuale*, p. 70-72.

¹⁴⁶ Cf. Motto, *Un sistema educativo sempre attuale*, p. 72-74.

Um educador se especializa como sujeito que comunica seu ideal, na medida que expressa seu afeto pela real construção e desenvolvimento da personalidade de um jovem. Tudo que se afirmar da pedagogia salesiana, exemplificada sempre com a ação eficaz de Dom Bosco, parte do poder de comunicação dos educadores. Tanto maior o desejo de fazer o bem alimentar as ações educativas, mais segurança do êxito nas relações educativas se confere e, portanto, maior alegria haverá pela reciprocidade obtida.

O amor desinteressado cria a pessoa. Quem é amado desinteressadamente é feliz, gera, comunica ao redor de si, por sua vez, o amor desinteressado em todas as relações interpessoais:

Aqueles que amam com amor desinteressado são mais independentes em relação aos outros, mais autônomos, mais individualizados, menos ciumentos, mas ao mesmo tempo estão mais inclinados a ajudar os outros a crescerem, a ajudar a si mesmos, mais sinceramente orgulhosos dos sucessos dos outros, mais generosos.¹⁴⁷

Para esse amor desinteressado para com o jovem é que o sistema educativo de Dom Bosco aponta e espera de cada educador a capacidade de comunicá-lo. A *amorevolezza* é uma atitude de fundo que permite ao educador se exprimir, se comunicar, pois suscita no educador uma profunda disponibilidade na doação afetiva e gratuita de si aos jovens. Deve, também, saber comunicar essa disponibilidade nas relações educativas.¹⁴⁸

2.4 Comunicação pedagógica: ambiente educativo fruto de reciprocidade

Não se pode falar de pedagogia salesiana sem considerar as condições de cultura e de lugar onde ocorrem as ações educativas. As condições pessoais de cada educador intervêm para o êxito das relações educativas, se a partir de um horizonte outros fatores concorrem para que o sucesso educativo se efetive. Entre os fatores que concorrem para o sucesso educativo, até agora tratamos das condições que os educadores devem adquirir.

¹⁴⁷ A. Maslow, "Verso una psicologia dell'essere", citado em Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 173-174.

¹⁴⁸ Cf. Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 166.

Mas no mundo relacional, o próprio processo depende de algumas condições que configuram ou não o resultado favorável para que todos se sintam amparados em suas tentativas durante o processo cotidianamente. Entre os fatores que concorrem de forma decisiva para que uma prática pedagógica possa se desenvolver normalmente e alcançar os objetivos esperados, se destaca o ambiente educativo.

O ambiente educativo, considerado num todo, contribui de forma decisiva para que as relações educativas se processem de acordo com a proposta pedagógica. Dentro do clima educativo proposto pelo sistema educativo de Dom Bosco, o ambiente educativo tem o poder de comunicação que o conjunto de educadores e educandos confere àquele ambiente.

Um tradicional ambiente educativo, que faz parte da tradição salesiana, era, nos primeiros tempos do Oratório, uma torneira ao redor da qual os meninos se reuniam para saborear o pedaço de pão seco que recebiam como lanche. A torneira servia para amolecer o pão, mas era, durante a aglomeração dos alunos, o local onde o assistente ficava sabendo de todas as ocorrências dos alunos nos diversos ambientes de trabalho ou de estudo. Aí, o educador, ouvindo os relatos rápidos dos alunos, podia entendê-los, saber de suas expectativas e melhorar as relações.

Considera-se ambiente educativo aquele que comunica por si as vivências comuns. Existem os ambientes físicos que passam a se tornar afetivamente significativos por comportamentos particulares. A estrutura toda de uma casa salesiana, de um colégio ou de uma entidade de ensino superior comunica o seu espaço vital de relações de aprendizagem e de educação. As construções demarcam espaços afetivos e significativos. Deixam de ser simplesmente construções para significar especificamente o lugar das relações pessoais ou grupais que sinalizam sentidos e horizontes a serem transpostos ou adquiridos.

Hoje, o conjunto todo passa também a significar o lugar das relações de amizade entre colegas e das socializações necessárias para a vida sob a segurança do lugar e das pessoas. Dificilmente as construções serão tomadas pelo sentido de construção simplesmente.

A escola, o colégio ou a instituição transcende pelo seu conjunto de valores e de perspectivas a serem vividas e desenvolvidas, o espírito da escola passa a ser comunicado a partir da qualidade das relações que a determinam.

Como uma camada mais acima de significação que se comunica externa e internamente, toda casa salesiana ou escola possui uma característica especial que a identifica e também a todos que a freqüentam.

A excelência das relações transcende e se torna espírito que anima educadores e educandos, proporcionando vivências pacíficas e proativas de todos os que usufruem desse valor e dessa força geradora de identificações. Como Dom Bosco desejava, nas casas salesianas ou escolas deveria existir uma ambiência identificadora e propiciadora de relações transcendentais com todos pelo simples fato de aí estar, trabalhar, estudar ou viver. O estar ali já identificaria as pessoas e a qualidade das relações.

Toda a força de comunicação desse espírito recai em uma palavra ou em um nome potenciador de todo o conjunto significativo. O nome se transforma em marca ou logomarca comunicadora de todas as virtualidades da casa ou escola.

Hoje, todos se situam por traços identificadores de preferências. Assim, a escola salesiana deveria indicar todos os seus valores e a força de seu espírito pela marca que as pessoas lêem como uma realidade comunicacional, que as une e as faz se sentirem aceitas e identificadas por esse conjunto de valores. Normalmente, uma escola ou casa salesiana deveria conseguir que todos se sentissem muito orgulhosos dessa marca e que todos se sentissem muito satisfeitos perante si e perante os outros.

A comunicação de uma escola salesiana não poderia se reduzir ao conjunto e até à própria logomarca, mas deveria ver se esse conjunto realmente espelha na cultura de hoje os valores salesianos. O conjunto das pessoas e das normas devem ter uma clareza de proposta que uma vez aceita gere relações altamente significativas, portadoras de um caminho de autoconstrução, de definição da vida enquanto referenciada a Deus, à Igreja, às celebrações e aos processos também muito competentes em suas propostas de ensinar e de aprender.

O conjunto por si deve ser portador de uma coerência significativa entre os valores e as propostas de aprendizagens. O exercício próprio das relações deve ser portador de uma honestidade a toda prova, a coerência dos processos deve chegar até o educando pelas posturas e atitudes dos educadores e administradores, sem nomear a diretoria. Esta tem o poder de desencadear os processos das relações educativas, enquanto tal deve ser a guardiã da limpidez dos processos relacionais. Para Dom Bosco, o diretor tem uma característica peculiar: além de coordenar tudo,

deve ser o receptáculo de todas as possíveis divergências ou necessidades especiais.

Um diretor salesiano tem o perfil delineado pela tradição desde os tempos de Dom Bosco. Entre as características apontadas pelo próprio Dom Bosco, se destacam: capacidade de amabilidade, capacidade de animar e de criar horizontes além da expectativa comum, testemunhar a paternidade de Deus, significar a *amorevolezza* em suas relações com todas as pessoas, se tornar próximo e conhecer os educandos identificando-os no pátio ou em encontros especiais, saber assumir para si a segurança de todos os processos e celebrar a vida salesiana em profundidade, saber ler os acontecimentos com coração de pai, saber orientar as pessoas e os alunos nos possíveis conflitos, serenidade vivida e comunicada, saber ser acessível a todos, constituir em sua pessoa a sacralidade da presença do Bom Pastor, saber referenciar tudo à presença e à bondade de Deus, saber conferir significado aos fatos e acontecimentos que envolvem a comunidade ou as pessoas em particular, saber celebrar com dignidade e personalizar o mistério da vida e da presença de Deus nas celebrações e orações em comum, saber entusiasmar as pessoas pelos êxitos, saber unir a todos pelo ideal comum, conseguir levar todos a viverem os triunfos e sucessos da escola ou da casa...

Em resumo, uma escola salesiana para ser uma presença significativa deve exercer a pedagogia salesiana baseada numa presença dinâmica e com uma presença altamente empática. Deve ter as duas vertentes de comunicação de seus objetivos ou propostas: forte presença pessoal dos educadores e ambiente reconhecido como muito bom educativamente. Para que isso aconteça normalmente, os processos comunicativos devem se valer de todas as linguagens possíveis nos dias de hoje, conforme a cultura do lugar. Deve-se também estabelecer um primado de que toda a escola se projeta como um conjunto que quer se comunicar, quer dialogar, se oferece como proposta e aceita a realidade das pessoas, desde que sua finalidade geral não se perca.

Uma presença aberta às linguagens vigentes terá maior aceitação que propostas que se negam a estabelecer canais de comunicação. No Brasil, os salesianos sempre lutaram para serem esses canais de comunicação com as comunidades a fim de entenderem as linguagens portadoras de valores e necessidades das pessoas que os procuram.

Os salesianos, através do Sistema Preventivo, inauguraram um estilo de comunicação traçado na veracidade das relações e na simplicidade. Os valores da terra e da cultura popular são assumidos e reprojutados com o dinamismo de uma relação educativa honesta.

Esse estilo de simplicidade sempre soube ser um caminho de comunicação com o povo e com as pessoas em particular, essa relação amiga sempre produziu muita alegria tanto por parte dos salesianos como por parte do povo.

Ao falar do ambiente estrutural da escola, deve-se notificar a significatividade de alguns setores, em particular pelo grau de comunicação de que eles são portadores. A presença da capela interna significa o lugar onde Deus está presente e aguarda a visita de alunos, funcionários e educadores, quer individualmente ou em grupos. A capela ocupa um espaço muito importante, pois introduz a presença de Deus como Pai que está sempre a velar por todos. Nesse ambiente está presente a Mãe de todos, Maria Auxiliadora, não somente aí, mas em todos lugares.

A transcendência das relações pedagógicas encontra na igreja a concretização da presença de Deus, do sobrenatural e de todos os santos, nossos amigos que velam por nós. Acontece uma aura de proteção sobrenatural e de bênçãos para todos, constituindo um aconchego, porque o Pai e Maria estão com todos e a todos protegem.

Um lugar importante, onde a comunicação acontece de forma exemplar e as relações educativas são mais espontâneas, é o pátio. O pátio, lugar da descontração, da alegria da vida, da expansividade e das relações lúdicas e festivas, exerce um fascínio de encanto para os educadores mais dedicados, pois no instante da surpresa e das reações livres os educandos dão-se a conhecer em seu aspecto de alegria e de vitalidade. Dom Bosco sempre quis os educadores em meio aos educandos nesses momentos de intervalo de dedicação ao estudo.

Trata-se de uma alternância à seriedade do cumprimento do dever, de compromisso sério com a aprendizagem e com as expectativas da vida profissional, ao passo que esses intervalos mostram a alegria da vida em estado de suspensão, onde e quando os educadores conhecem os alunos e se dão a conhecer em estado de alegria pela presença livre de doação de amizade e apreço.

Na *Carta de Roma*, Dom Bosco descreve o pátio ideal de seu tempo:

“Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular... cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda a parte encontravam-se padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre os jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança.

Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

– Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores...”

O pátio é um convite à alegria, ao otimismo e a estabelecer relações profundas de amizade e de características familiares, as regras das relações educativas se tornam mais brandas e se vivenciam relações de liberdade onde o carinho e o afeto são preponderantes.¹⁴⁹

Semelhantemente, deve-se realçar a capacidade comunicativa de alguns eventos, como as festas coletivas ou feiras de exposição de trabalhos científicos ou pesquisas. Aqui, a importância da comunicação está na capacidade de se ver e sentir a potencialidade de todo o conjunto da escola.

Hoje existe a necessidade de se vivenciar tais acontecimentos conscientemente preparados, para que a comunicação do espírito salesiano se manifeste também pelo viés dos resultados perante a sociedade, pela capacidade relacional de alunos e mestres se empenharem em algum projeto em conjunto.

Quanta comunicação e quanta força comunicadora se originam dessas situações que saltam o agir cotidiano dos dias comuns. Esses eventos conquistam a comunicação de uma expressividade festiva pelo entusiasmo e pelo êxito compartilhado. São eventos que revelam e educam para compromissos e as relações nesses períodos abrem uma suspensão dentro da rotina para revelar potencialidades despertadas pelos projetos. A seriedade e o compromisso de todos confere um ar de transcendência e de união vivencial ao clima que se vive devido ao comprometimento de todos.

Nesse sentido, outras atividades também revelam ocasiões de variadas modalidades de comunicação. Os grupos de atividades estudantis ou de arte, as excursões ou passeios são atividades que inauguram ótimas oportunidades de comunicação e enriquecimento recíproco.

Entre os ambientes que compõem o conjunto da escola, deve-se notificar a presença da biblioteca. Ela deveria ser o lugar de afluência, de espontaneidade e da fantasia. Uma biblioteca a serviço dos alunos deveria ser um

¹⁴⁹ Motto, *Un sistema educativo sempre attuale*, p. 100.

local muito procurado por todos. Feliz uma escola que soube fazer de sua biblioteca uma fonte comunicadora de tantas oportunidades de enriquecimento pessoal, de uma perspectiva de individualização pessoal quanto aos caminhos de formação e aquisição de cultura.

Por último, é conveniente mostrar que nesse conjunto significativo existem os escritórios dos educadores que exercem funções especiais. Esses escritórios deveriam estar ao alcance de qualquer aluno, particularmente o escritório do diretor, a sala dos coordenadores e, em especial, o setor do salesiano ou leigo encarregado da pastoral. Freqüentar os escritórios dos educadores por questões disciplinares pode também abrir caminho para maiores e melhores estados de comunicação.

Enfim, os escritórios devem estar abertos para que os alunos se sintam livres para se dirigirem a qualquer momento aos educadores que os ocupam. Esse ambiente estaria cheio de satisfação, alegria e muita confiança e reciprocidade. O estilo salesiano simplesmente deve ser gerador de autenticidade nas relações educativas, e todo aluno deveria ter a certeza de poder contar a qualquer momento com a cordialidade dos educadores.

3. Comunicação e alegria salesiana como resposta aos convites da vida de hoje

O mundo da comunicação se exaspera em apresentar as mais variadas vivências de todo o mundo para o consumo do maior número possível de pessoas. Para que se considerem aptos para o consumo de todos, os padrões se tornam estereotipados e as novidades são induzidas a se enquadrarem ou emoldurarem em relação a esses padrões que, com poucas variações, se encadeiam em propostas que sustentam os conceitos de interação, de comunicação interativa, reservando uma porção diminuta para os consumidores.

Por esse caminho, os meios de comunicação social ou a mídia padronizam os ângulos de visão e apresentação, induzindo os consumidores a se nivelarem por esses modelos. A inter-relação entre os padrões construídos pela mídia e as vivências culturais das diversas regiões já se interpenetram de tal forma, que não se pode falar de cultura sem a presença das diversas linguagens midiáticas como produtoras e alavancadoras de processos relacionais.

Não se discute a perspectiva da influência das novas tecnologias na produção das mudanças dos padrões da comunicação. É fato incontestável que as novas possibilidades oriundas das novas tecnologias em comunicação vieram para ficar e estabelecerem consistência, até a sucessão chegar pelo novo da tecnologia.

Essa característica de mudanças tecnológicas ocorre com velocidade crescente e vertiginosa, se considerarmos as proporções em que anteriormente a humanidade conseguia mudar devido às inovações tecnológicas. Hoje, a rapidez com que se constrói o futuro tecnológico é tão acelerada que as pessoas criaram uma percepção diferente para acompanhá-la.

Todas essas novidades e parâmetros tecnológicos estão presentes em nossas escolas, e aceleradamente mudam as linguagens e modificam os papéis dos educadores.

As mudanças nas relações educativas, tratando-se da relação professor/aluno, educador/educando, talvez já estejam se configurando para assumir a velocidade de uma expectativa geral vivenciada por uma razoável população estudantil que, imperceptivelmente, mostra anuência ou repulsa aos métodos e posturas mais tradicionais das funções de educar ou ensinar.

A população juvenil que está imersa nas novas relações se mostra diferente quando algo lhe é negado ou mostrado com uma velocidade diferente da sua, sendo esta proveniente da vivência globalizante da mídia. Hoje já aparece uma crescente variedade e as oportunidades apenas acabam de definir alguns parâmetros novos, mas suficientes para uma massificação significativa de processos velozes e com grande poder de comunicação.

Os salesianos se debruçam sobre essa realidade para confrontar suas posturas pedagógicas ante esses padrões exigentes e velozes na comunicação. Seriamente se questionam. Porém, a revolução que se cristalizou na pessoa do educador Dom Bosco, ao propor como caminho melhor a preventividade ante os inúmeros jovens que estavam nas prisões de seu tempo, alimenta a mesma confiabilidade que o Sistema Preventivo, em seu núcleo central ou como expressão do carisma salesiano, pode oferecer como real caminho pedagógico para os tempos de hoje.

Como elemento distintivo e de inegável significatividade para os jovens e educadores de agora, se destaca uma das características mais empolgantes do Sistema Preventivo: a alegria e o otimismo perante a vida.

As características culturais que as novas tecnologias proporcionam podem e devem ser vistas pelos educadores salesianos como aprimoramento de um processo educativo e comunicacional. Uma vida levada avante com empenho, em qualquer época, se relacionada com um espírito de otimismo, deverá gerar um sentimento de alegria pela simples coerência das atitudes e posturas.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco considera a alegria como uma das mais belas expressões da vida. Dom Bosco sempre recomendou que todos estivessem alegres e proporcionava aos jovens aquilo que os deixasse alegres perante a vida.

Ao lado de tantas outras atitudes, Dom Bosco comunicou aos jovens e aos salesianos seus auxiliares o quanto ele era alegre e otimista perante a vida. Sempre sua vida de fé foi a fonte do enraizamento de suas certezas e de suas alegrias. Mas não deixou de viver e comunicar aos jovens os momentos de simplicidade do cotidiano que se tornavam motivos de uma serena alegria pela convivência, pelas certezas comunicadas, pelo afeto e carinho que dirigia e recebia dos seus jovens e salesianos.

Ele é o grande comunicador e incentivador da vida assumida com otimismo e com muitas expressões de alegria e de felicidade. Confiança ilimitada na bondade de Deus, na proteção de Maria Auxiliadora, fé na capacidade juvenil de perseverar no bem, clima de profunda confiança recíproca, presença significativa dos educadores, tudo isso proporcionou segurança e momentos muito intensos de serena e profunda alegria em meio aos seus jovens do Oratório.

Uma coisa somente atrapalhava esse espírito de otimismo pedagógico de Dom Bosco: era a ofensa a Deus ou o pecado. Sua compreensão e tolerância sem limites para com as faltas de seus jovens ficavam comprometidas quando sabia que algum deles havia cometido algo que pudesse violar a lei de Deus.

Segundo Cian, Dom Bosco foi um homem excepcional, um educador cristão profundamente enamorado pelos seus jovens, e com eles estabeleceu relações educativas profundas baseadas na alegria, no amor, na contemplação da natureza, na simplicidade do cumprimento do próprio dever, como elementos que lhes eram necessários para a construção de uma personalidade sólida e saudável.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Cian, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, p. 232.

Segundo Motto,

Dom Bosco sabe que a alegria é lei da juventude por definição; sabe que por uma ação educativa profunda o jovem é respeitado e amado em seu “direito à alegria”... Por isso, fixa o programa educativo de Francisco Besucco no trinômio “alegria, estudo e piedade”. E aos jovens do colégio de Mirabello, Dom Bosco afirmou: “Repousem, fiquem sempre alegres, riam, cantem, passem, façam tudo que lhes agrada, menos cometer pecados”. E a um diretor: “Recomendo-lhe de fazer com que os jovens estejam todos alegres... Mas lhes notifique que eu os quero todos saudáveis, robustos e alegres...”.

Motto afirma, ainda, que

a alegria é a consequência lógica de um regime de vida baseado no “espírito de família”, que é também um elemento indispensável de uma educação que se inspira na *amorevolezza*, na razão e na religião. Para Dom Bosco era indispensável servir ao Senhor na alegria, “*servite Domino in laetitia!*”. Assim, a alegria assume na prática e na teoria uma finalidade sobrenatural, alicerçada no otimismo também antropológico e sobre a esperança cristã.¹⁵¹

Também Domingos Sávio se expressou a respeito da alegria, unindo-a ao que Dom Bosco mais prezava em um jovem, a santidade. Domingos Sávio afirmou: “Nós aqui (no Oratório) fazemos consistir a santidade em estarmos sempre alegres”.

O poder comunicacional de Dom Bosco produziu em Domingos Sávio uma receptividade excelente, traduzindo para Dom Bosco o seu ideal em linguagem juvenil.

Alberto Caviglia, ao comentar a biografia de Dom Bosco sobre Miguel Magone, afirmou que Dom Bosco santificou a alegria de viver, e que a sua novidade triunfante era a alegria aberta e vivaz, barulhenta, aceita pelo educador mesmo entrecortada por momentos de trabalho...

Outro autor afirmou: “Dom Bosco educador santificou o trabalho e a alegria. Ele é o santo da eutimia cristã, da vida cristã operosa e alegre”.

¹⁵¹ Motto, *Un sistema educativo sempre attuale*, p. 99.

3.1 *Testemunho de alunos de Dom Bosco sobre sua capacidade de suscitar e comunicar a verdadeira alegria*

A capacidade de comunicação do próprio Dom Bosco se tornou padrão para todos os salesianos e para os educadores que trabalham com jovens sob a orientação do Sistema Preventivo.

O que se sabe sobre essa capacidade de comunicação, estabelecendo um mundo afetivo e entusiasmante ao redor de si, sua capacidade de atrair com muita simpatia os jovens, hoje se conserva no testemunho de jovens e salesianos que registraram a repercussão em si que tiveram em algumas ocasiões, ou a alegria suscitada pela presença de Dom Bosco. Esses testemunhos estão nas *Memorie biografiche di Don Giovanni Bosco* (MB). Nelas se encontram as documentações das vivências do Oratório de Valdocco e, particularmente, estão documentados os momentos da vida de Dom Bosco que se julgavam importantes pelos seus salesianos.

Um dos alunos do Oratório afirmava, ao falar dos sentimentos que a presença de Dom Bosco despertava: “Naqueles dias, seu coração de pai descansava, participando da alegria de todos. Era-lhe muito natural *gaudere cum gaudentibus* (alegrar-se com os que estão alegres). Seu rosto sereno e radiante, e amabilíssima sua pessoa entre nós...”¹⁵²

Sempre a alegria foi o indicador de um ambiente saudável para Dom Bosco. Esse ambiente descontraído e sadio indicava o senso do dever cumprido, a paz de alma, o afeto dado e recebido, e principalmente a alegria da vida. Eram ondas de verdadeira alegria que contagiava a todos; a comunicação produzia esse ambiente familiar de muita intensidade de vida e de confiança.

O testemunho de outro ex-aluno do Oratório expressa a confiança e a alegria geral de todos que ali conviviam e percebiam que a presença de Dom Bosco era irradiante:

E o canônico Ballesio escreveu: “o freio contra o mal, a animação para a prática do bem, nossa alegria e satisfação, a ordem da casa, nossos êxitos nos estudos e no trabalho, nasciam da piedade racional, íntima e fervorosa que o servo de Deus sabia infundir (comunicar) em todos nós, com seu exemplo, suas exortações, a frequência aos sacramentos, verdadeira novidade naqueles tempos para os jovens, com suas pa-

¹⁵² MB v. IX, p. 594.

lestras e parábolas edificantes cheias de vida. Ao mesmo tempo, com suas palavras, com seus gestos, seus olhares, dissipava as trevas, as ansiedades do espírito, inundava a nossa alma de alegria e nos impregnava de amor à virtude, ao sacrifício e à obediência!¹⁵³

Esse testemunho realça a capacidade ímpar de Dom Bosco de comunicar e suscitar ao redor de si um mundo cheio de confiança e alegria, de uma intensidade tal que transcende e abre os caminhos para o mistério da vida e para a presença de Deus.

Em outras passagens, Lemoyne exalta a capacidade comunicativa de Dom Bosco de suscitar entusiasmo e alegria:

O pátio era disputado palmo a palmo por correrias desenfreadas, e Dom Bosco, que era a alma de todas aquelas diversões, queridas e promovidas por ele, se alegrava com uma alegria indescritível. E os jovens sabiam que, sempre que podia, tomava parte em seus jogos e conversas, elevavam de vez em quando os olhos em direção ao quarto do bom padre, e se o viam aparecer na sacada, soltavam um grito unânime de alegria. Então um bom número de garotos corria ao seu encontro ao pé da escada para beijar-lhe a mão.¹⁵⁴

Sustentáculo do ambiente cheio de alegria e satisfação, todos percebiam sua satisfação perante a exuberância de um pátio apinhado de garotos em atividade, em pleno gozo da alegria da vida. Mas todos sabiam que aquela serenidade e vitalidade tinham uma fonte sobrenatural: a presença benéfica de Maria e a proteção de Deus.

Em inúmeras passagens, o autor das *Memórias biográficas de Dom Bosco* testifica a intensidade e a qualidade da vida suscitada e comunicada por Dom Bosco. Os salesianos, em contato direto com os alunos, testemunham esse espírito de alegria e de otimismo que dinamizava a vida no Oratório:

Reinava ali a alegria, uma alegria temperada pela piedade e pelo estudo, pela piedade e pelo trabalho, sob o olhar e o sorriso paternal de Dom Bosco, cuja bondade era como o sol, que deixa experimentar sua influência saudável em todos os lugares.

¹⁵³ MB v. IV, p. 427.

¹⁵⁴ MB v. XII, p. 305.

Quando um aluno novo colocava os pés no Oratório, imediatamente experimentava o encanto que parecia impregnar todo o ambiente.¹⁵⁵

Esse testemunho corrobora a capacidade de comunicação de Dom Bosco por sua presença. Todos sentiam o ar que se irradiava de sua pessoa e contagiava a todos, bastava saber que Dom Bosco estava em casa, para os corações de seus amigos, os jovens, se exultarem por um movimento de intensa alegria. Todos se sentiam contagiados pela satisfação e gozo da vida em seu estado de exuberância e gratuidade.

Por fim, o autor apresenta um trecho da *Carta de Roma*, que soa como um lamento saudoso por uma vida de muita atividade que não mais lhe permitia acompanhar as atividades diárias do Oratório:

- Nos velhos tempos do Oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente nas horas do recreio? Era um alvoroço, um tempo que lembramos sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra e nós não tínhamos segredos para o senhor.
- Certamente. Tudo era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir os meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.
- Está bem. Mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor tratava?
- Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

Então, descuidando o menos, perdem o mais, esse “mais” são os seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que aos superiores agrada... Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente... Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor a Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se substitua uma confiança cordial... Então reinará no Oratório a paz e a antiga alegria.¹⁵⁶

¹⁵⁵ MB v. XII, p. 277.

¹⁵⁶ MB v. XVII, p. 102.

Esse longo trecho da *Carta de Roma* apresenta Dom Bosco já no fim de sua vida e preocupado com o futuro de seu método educativo. A *Carta de Roma* toda ela é perpassada de uma lembrança gloriosa de sua juventude entre os jovens do Oratório em oposição aos salesianos de agora, que não demonstram a mesma intensidade de dedicação aos jovens. Aponta alguns critérios de sua arte de ser educador/comunicador, capaz de arrastar os jovens e entusiasamá-los para o bem, para a vida saudável.

Dom Bosco enumera alguns critérios muito válidos para todos os tempos como causas do sucesso educativo ou não. O afeto era a regra das relações educativas. A proximidade entre educador e educandos era a fiança de uma vida alegre, serena, segura e cheia de entusiasmo para o compromisso e para a prática do bem. Então “tudo era alegria para mim”, era o benefício, a satisfação e a auto-realização do educador no desempenho de sua função, no exercício de seu ministério.

A intencionalidade de Dom Bosco em ser exemplar provinha da certeza de sua experiência educativa quando pessoalmente estava em meio aos jovens o tempo todo. Desejava que esse procedimento se perpetuasse, pois os resultados educativos pela proximidade e pelas relações coerentes entre educandos e educadores produzem resultados compensadores.

Exorta para que todo o ambiente seja impregnado de confiança e de relações verdadeiras, que todos, educadores e educandos, se unam ao redor do mesmo objetivo, o bem de todos – “um só coração e uma só alma!”.

Numa comunidade ou em uma escola onde esse lema constitui a inspiração de todos, haverá a certeza de que os resultados educativos corresponderão aos objetivos propostos como educação salesiana: haverá alegria e aprofundamento da vida e do mundo.

Um compromisso comum é o dinamismo que promove a ação de todos. E Dom Bosco idealiza o ambiente educativo, apelando para suas lembranças e experiências do passado, mas projetando o futuro para seus filhos e para os jovens: “Reinarão, então, no Oratório, a paz e a antiga alegria!”.

Para os dias de hoje, o Oratório são todas as presenças salesianas pelo mundo que devem ser contaminadas pelo espírito amoroso de Dom Bosco, para que as relações educativas proporcionem um ambiente muito saudável, cheio de vida e de convivência alegre, de relações honestas e empenhadas para o bem dos educadores e educandos.

Porém, o ambiente educativo idealizado no passado e lançado para o futuro estará sempre impregnado de profunda alegria, de uma expressividade de vida que atinge o transcendente que finaliza no próprio mistério da vida que Dom Bosco traduziu pela presença constante de Deus, nosso Pai amoroso. Um ambiente assim, salesianamente saudável, será a expressão da vitalidade juvenil em estado de satisfação e compromisso com a autoconstrução na paz e na harmonia.

3.2 Expressões da alegria salesiana

A grande expressão da alegria salesiana está, sem dúvida, contida na pessoa de Dom Bosco. Tudo nele se torna eloquente, de grande poder de comunicação, a partir de seus objetivos educacionais em relação aos jovens. Hoje, os salesianos e os educadores salesianos atualizam o legado que Dom Bosco deixou, confiantes na história de êxito que o Sistema Preventivo obteve em relação às gerações do passado.

Os salesianos traduzem a proposta educativa de Dom Bosco a partir da vida levada avante como empenho de coerência de cada jovem para consigo mesmo e para o compromisso de não deixar a vida se esvaír em superficialidades e futilidades, desviando o jovem de sua realização possível.

Salesianos e educadores leigos que assumem a pedagogia salesiana apresentam alegria de viver e capacidade de estabelecer compromissos como proposta capaz de criar sentido para os jovens. A alegria salesiana é oriunda da aceitação da vida como Dom de Deus, que se desdobra em outros tantos momentos de aprofundamento e concretização de potencialidades, quando se descobrem as virtualidades geradoras de satisfação e de capacidade de se comprometer consigo mesmo e com outras pessoas.

A alegria torna-se um ato, e a felicidade, o conjunto de atos de alegria, desde que sejam atos substanciais, no dizer de Roberto Misrahi.¹⁵⁷

Além de se descobrir na gratuidade do dom de viver, passa-se ao outro degrau da expressividade da vida, a capacidade de conviver e gerar ambiente saudável de alegria e de satisfação. A convivência se inicia com os mais próximos e se estende a todas as pessoas, com as instituições, com a família, em especial, e com a terra onde cada um habita, o lugar do próprio desenvolvimento.

¹⁵⁷ Cf. Roberto Misrahi, *A felicidade: ensaio sobre a alegria*. Rio de Janeiro, Difel, 2001, p. 83.

Quem assume a vida na alegria se empenha em todos os processos de aprendizagem, de proximidade, nas relações com as pessoas e com o duro dever de estudar e aprender. A alegria enraizada na vida assumida como dom de Deus, se abre para todas as possibilidades que as circunstâncias lhe proporcionam. A alegria é o meio mais favorável para se situar perante elas.

Tudo isso acarreta uma constante vigilância e estado de atenção para o que a rapidez das mudanças pode oferecer a cada momento ou etapas de sua época. Quem se abre para a vida vai conhecer o caminho de uma longa preparação profissional como exercício da cidadania do mundo que é concedido nesse tempo, nessa época e no futuro próximo.

Assim, a vida alegre traz a característica de uma constante expectativa de mudança e da necessidade de uma constante atualização. Dessa forma, a alegria de viver nos dias de hoje traz consigo os ritmos de uma cultura e das constantes mudanças de paradigmas que exigem posturas e atitudes coerentes e verdadeiras, sempre marcadas pela presença de uma iluminação da graça de Deus. Pode-se dizer que um ideal de pessoa assim se resume, em suas relações, com a frase “tudo é graça e dom!”.

Conforme as características salesianas, os educadores deveriam passar aos educandos as possibilidades de grande desenvolvimento pessoal, se houver um estado de constante compromisso perante o dever e os trabalhos inerentes à idade dos jovens.

Por fim, a confiança dos salesianos deveria comunicar aos jovens e aos educadores leigos as certezas perenes, as bases para que o cotidiano se transforme em expressões de alegria e de festa da vida: viver em constante presença de Deus, estar consciente de que temos protetores, em especial a proteção de Maria Auxiliadora, nossa Mãe, e da constante proteção dos santos salesianos que, ao lado de nosso pai Dom Bosco, intercedem por nós.

Uma das certezas que mais deve ser fonte de consolação é que pertencemos a uma família gloriosa, possuidora de uma espiritualidade da alegria e da satisfação que proporciona a todos os educadores e jovens certezas que alegram e preenchem a vida.

Além de tudo, perseguindo a beleza da vida, a alegria de viver, existe a certeza da presença santificadora da graça de Deus. Os salesianos, seguindo Dom Bosco, têm uma clara proposta de santificação da vida empenhada no

cumprimento dos deveres, no trabalho e na ascese da alegria de viver a vida como dom de Deus, no entusiasmo da contemplação diária da presença de Deus nas relações educativas ou na vitalidade juvenil, na honestidade para com a juventude e no compromisso com a terra em que se habita.

Essa é a alegria da santificação e do entusiasmo, da gratuidade e do gozo de poder se encantar com os horizontes que as oportunidades oferecem, das certezas de que sempre teremos morada nos corações acolhedores, generosos, e na casa do Pai.

Bibliografia

- ABBOT, M. L. "País lidera em empreendedores". *Jornal O Valor*, 18/1/2001.
- AUBRY, J. (coord.). *Scritti spirituali di San Giovanni Bosco*. Roma, 1976 (*Escritos espirituais de S. João Bosco*. Tradução: Fausto Santa Catarina. São Paulo, Editora Salesiana [s.d.]).
- _____. *O santo educador de um adolescente*. Tradução: Fausto Santa Catarina. São Paulo, Editora Salesiana, 1975.
- BIANCO, E. *Educar como Dom Bosco educava*. São Paulo, Editora Salesiana, 1987.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- BOSCO, J. "Carta de Roma. 10/5/1884". In: *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. 1987, p. 238-249.
- _____. *Memórias do Oratório: 1815-1855*. Tradução: Fausto Santa Catarina. São Paulo, Editora Salesiana, 1982.
- _____. *O jovem instruído*. São Paulo, Editora Salesiana, 1945.
- _____. *Vita del giovanetto Domenico Savio*. Turim, Elle Di Ci, 1991.
- BOSCO, T. *Os pensamentos de Dom Bosco*. Tradução: Jacy Cogo. Brasília, ABC Gráfica, 2001.
- BRAIDO, P. *Il sistema preventivo di Don Bosco*. Turim, PAS, 1955.
- _____. *Prevenire, non reprimere: il sistema educativo di Don Bosco*. Roma, LAS, 1999 (edição brasileira no prelo).
- _____. BORREGO, J., FERREIRA DA SILVA, A., MOTTO, F., PRELEZZO, J. M. (eds.) *Giovanni Bosco: scritti pedagogici e spirituali*. Volume III. Roma, LAS, 1987.
- BROCARDO, P. *Uomo e santo: Don Bosco ricordo vivo*. Roma, LAS, 1990.

- CAMPBELL, J. *Mitos, sonhos e religião*. Tradução: Ângela de Andrade e Bali L. de Andrade. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- CANDAU, V. M. (org.). *Linguagens, espaços e tempos de ensinar e aprender*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001.
- CARIDADE, A. "(Des)Caminhos do prazer na contemporaneidade". Revista *Symposium*, ano 4, dez. 2000, p. 5-8.
- CAROTENUTO, A. *Attraversare la vita*. Milão, Bompiani, 1999.
- CASTRO, A. *Caminhos pedagógicos*. 2ª edição. São Paulo, Editora Salesiana, 2000.
- _____. *Missão institucional e espiritualidade salesiana*. Lins, Faculdades Salesianas, 2000.
- CAVIGLIA, A. *Conferenze sullo spirito salesiano*. Turim, Centro Mariano Salesiano, 1985.
- CENCINI, A. *Il mondo dei desideri*. Milão, Paoline, 1998.
- CERIA, E. *Dom Bosco com Deus*. Tradução: Antonio Dias da Costa. Portugal, Província Salesiana, 1962.
- CIAN, L. *Il sistema preventivo di Don Bosco e i lineamenti caratteristici del suo stile*. Turim, Elle Di Ci, 1985.
- CIMATTI, V. *Dom Bosco educador*. Tradução: Luiz Marcigaglia. São Paulo, Editora Salesiana, 1939.
- COOPER, R. e SAWAF, A. *Inteligência emocional na empresa*. Tradução: Ricardo Inojosa e Sônia T. M. Costa. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- COSTA, J. F. "Amor". *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno Mais!
- DACQUINO, G. *Vivere il piacere*. Turim, SEI, 1984.
- DAMASIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Tradução: Dora Vivente e Georgina Segurado. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- DE MASI, D. *A emoção e a regra*. 2ª edição. Tradução: Elia Ferreira Edel. Rio de Janeiro, José Olympio/UnB, 1999.
- DESRAMAUT, F. *Don Bosco en son temps*. Turim, SEI, 1996.
- FAROS, F. *A natureza do Eros*. Tradução: João Paixão Netto. São Paulo, Paulus, 1998.
- FAVERO, L. *As cartas pastorais de D. Francisco de Aquino Corrêa*. Campo Grande, MSMT, 1996.
- FAZENDA, I. (org.). *A virtude da força nas práticas interdisciplinares*. Campinas, Papyrus, 1999.

- FIGUEIREDO, J. C. "O emprego é outro na era globalizada". *Jornal O Valor* [s.d.].
- GASPARINO, A. *A oração do coração*. Tradução: Bianca M. M. Amâncio. São Paulo, Editora Salesiana, 1997.
- GHIGLIONE, G. *Don Bosco: il sistema preventivo*. Turim, Elle Di Ci, 1997.
- GIANNATELLI, R. (coord.). *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma, LAS, 1987.
- GOLEMAN, D. *Trabalhando com a inteligência emocional*. Tradução: M. H. C. Cortes. Rio de Janeiro, Objetiva, 1999.
- GREEN, T. H. *Quando o poço seca: oração depois da fase inicial*. Tradução: Marisa do N. Paro. São Paulo, Paulinas, 2000.
- GRÜN, A. *I rituali della vita: vie per trovare sicurezza e gioia*. Brescia, Queriniana, 1998.
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Dies Domini*. São Paulo, Loyola, 1998.
- JUNCOSA, J. *Posmodernidad*. Quito, Abya-Yala, 1998.
- KEHL, M. R. "Sexualidade". *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno Mais!
- LAJEUNIE, É.-M. *La spiritualità di San Francesco di Sales*. Tradução: Adele G. Prato. Turim, Elle Di Ci, 1967.
- LELOUP, J. Y. *Caminhos da realização*. 6ª edição. Tradução: Célia Q., Lise Mary e Regina Fittipaldi. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. *Deserto, desertos*. 2ª edição. Tradução: Ephraim Pereira Alves. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. *O Evangelho de Maria: Míriam de Mágdala*. Tradução: Lise Mary Alves de Lima. Petrópolis, Vozes, 1998.
- LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Tradução: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis, Vozes, 1993.
- _____. *Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridad*. Tradução: Daniel Guillot. Salamanca, Sígueme, 1977.
- LLANO, A. *La nuova sensibilità: il positivo della società postmoderna*. Tradução: Agostino Dona. Milão, Edizione Ares, 1995.
- MARTINS, F. M. e SILVA, J. M. (org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.
- LEMOYNE, G. B., AMADEI, A., CERIA, E. *Memorie biografiche di San Giovanni Bosco*. 19 volumes. Turim [s.d.].

- MISRAHI, R. *A felicidade: ensaio sobre a alegria*. Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro, Difel, 2001.
- MODESTI, J. *Uma pedagogia perene*. São Paulo, Editora Salesiana, 1975.
- MOTTO, F. *Un sistema educativo sempre attuale*. Turim, Elle Di Ci, 2000.
- PALMISANO, N. *Un cammino di semplicità: Don Bosco e il "sistema preventivo" rillito alla luce delle problematiche d'oggi*. Turim, Elle Di Ci, 1981 (*Um caminho de simplicidade*. Tradução: Alba G. Avè Precht. São Paulo, Editora Salesiana, 1987).
- PAZ, O. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Tradução: Moacyr Werneck de Castro. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- PEDRINI, A. S. *Francesco di Sales e Don Bosco*. Roma, 1983.
- PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas*. Tradução: Patrícia C. Ramos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- _____. *Construir as competências desde a escola*. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- _____. *Novas competências para ensinar*. Tradução: Patrícia C. Ramos. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- PIERUCCI, F. "Religião". *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno Mais!
- RESTREPO, L. C. *O direito à ternura*. Tradução: Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, Vozes, 1994.
- RODRÍGUEZ, J. (coord.). *El hombre y la educación hoy: líneas para un plan de formación docente*. Equipe Inspetorial de Formação Docente. Bahia Blanca, Ediciones Dom Bosco, 1995.
- _____. *El sistema preventivo: expresión de la santidad salesiana*. Bogotá, Centro Dom Bosco, 1989 (*O projeto educativo de Dom Bosco: expressão da santidade salesiana*. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo, Unisal/Editora Salesiana, 2000).
- _____. *La asistencia salesiana: sabiduría del corazón*. 2ª edição. Bogotá, Centro Dom Bosco, 1991 (*Sabedoria do coração: a assistência salesiana*. Tradução: Cláudia Maria Castro. São Paulo, Unisal/Editora Salesiana, 2000).
- SCARAMUSSA, T. *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: roteiro de iniciação*. Belo Horizonte, Cesap [s.d.].
- SCOTTI, P. *La dottrina spirituale di Don Bosco*. Turim, SEI, 1938.
- SEVCENKO, N. "Desafios deste século". *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno A, p. 12.

- TEPEDINO, A. M. "Espiritualidade: relações e conexões". *Grande Sinal*, ano LIII, n. 6, nov./dez. 1999, p. 667-674.
- TOURRAINE, A. "Começo do novo século devolve a capacidade e a vontade de agir". *Folha de S. Paulo*, 31/12/2000, Caderno A, p. 11.
- VECCHI, J. E. *Estréia de 1998*. Roma, 1997.
- ZIELINSKI, A. "A inquietação religiosa nos dias de hoje". *Grande Sinal*, ano LIII, n. 6, nov./dez. 1999, p. 709-719.

Esta obra, composta com as
fontes ScalaSans e Minion,
foi impressa pelas
Escolas Profissionais Salesianas.